

Antologia Mitografias vol. III

# MITOS DE TRINDADE



[www.micosrequisitos.com](http://www.micosrequisitos.com)

Leonardo Tremeschin

Andriolli Costa

Isa Prospero (Orgs.)



ANTOLOGIA MITOGRAFIAS

VOL. III

# MITOS DE TRINDADE

ORGANIZAÇÃO:

LEONARDO TREMESCHIN

ANDRIOLLI COSTA

ISA PROSPERO



Copyright © Mitografias, 2019

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

*Organização:* Andriolli Costa, Isa Prospero e Leonardo Tremeschin

*Edição:* Andriolli Costa, Isa Prospero, e Lucas Rafael Ferraz

*Revisão:* Rodrigo Rahmati

*Diagramação:* Leonardo Tremeschin

*Ilustração da capa:* Mikael Quites

*Autores:* Andriolli Costa; Auryo Jotha; Bruno Leandro; Déborah Happ; Guilherme Lopes; Isa Prospero; Leonardo Tremeschin; Luiz Felipe Vasques; Rafael Priviero D'Abruzzo; Simone Saueressig; Tiago Rech; Victor Almeida.

Este livro é uma obra de ficção. Todos os locais, empresas e pessoas, vivas, mortas ou mitológicas, são produtos da imaginação dos escritores. Qualquer semelhança com esta realidade é ser mera coincidência.

# ÍNDICE

Agradecimentos .....	4
Apresentação do Mitografias.....	6
Apresentação da Equipe.....	8
Introdução .....	11
Domovoi • <i>Victor Almeida</i> .....	16
Anarriê, balancê, alavantú • <i>Auryo Jotha</i> .....	32
A última casa • <i>Tiago Rech</i> .....	47
Executor • <i>Luiz Felipe Vasques</i> .....	76
Três desejos • <i>Andriolli Costa</i> .....	110
Tesouras e egos • <i>Déborah Happ</i> .....	127
Epifania • <i>Isa Prospero</i> .....	140
Pessoa do plural • <i>Bruno Leandro</i> .....	151
O rio ao contrário • <i>Rafael Priviero D’Abruzzo</i> .....	161
Triângulo das águas • <i>Simone Saueressig</i> .....	186
Nataraja • <i>Leonardo Tremeschin</i> .....	210
Imperatriz reversa • <i>Guilherme Lopes</i> .....	223

## AGRADECIMENTOS

NESTA terceira e última Antologia Mitografias, nossa equipe traz para você 12 contos de diferentes autores que se aprofundam no tema de Mitos de Trindade para apresentar, através de diversas culturas, obras únicas acerca deste tema universal.

Agradecemos:

A todos os autores que enviaram seus contos para esse mítico projeto;

Aos padrinhos e madrinhas que apoiam financeiramente o PROJETO MITOGRAFIAS, tornando tudo isso possível;

A toda equipe do MITOGRAFIAS, que vem guiando esse site e seus podcasts por mais de 10 anos;

Ao ilustrador Mikael Quites, pela criação de todas as capas da trilogia de livros;

Ao Andriolli Costa e à Isa Prospero, que ajudaram na organização da antologia;

Ao Lucas Rafael Ferraz por ajudar a editar os contos;

Ao Rodrigo Rahmati, pelo seu auxílio na revisão dos contos;

E principalmente a você, leitor, que nos ajuda e incentiva sempre ao acessar o site, ouvir os podcasts, divulgar nossas matérias e enviar seu feedback.

Leonardo Tremeschin, 2019.

# APRESENTAÇÃO DO MITOGRAFIAS

[www.mitografias.com.br](http://www.mitografias.com.br)

CRIADO em 2009, o MITOGRAFIAS é um site que, ao longo desses anos, vem apresentando mitologias do mundo todo. Desde textos introdutórios até artigos acadêmicos. Abrangendo os mitos, crenças e religiões de toda e qualquer cultura atual e antiga. Psicologia, história, antropologia e diversas outras áreas humanas são também o foco do site.

Não se prendendo apenas a textos, o MITOGRAFIAS possui diversos podcasts — o PAPO LENDÁRIO, com conversas sobre mitos, lendas e religiões; o HORRORES URBANOS, uma narrativa reflexiva sobre os horrores que assombram a humanidade; o RELIGARE, que apresenta breves análises de livros com temática mítica e como foi a ligação do leitor com a obra literária; o MANUAL DOS MONSTROS, que une a narrativa e a descrição dos principais monstros das mitologias; e o PAPO CÉTICO, que desdobra os detalhes do pensamento científico e cético.

Após uma premiada edição em e-book, a *Antologia Mitografias Volume I - Mitos Modernos* foi publicada pela editora PENUMBRA LIVROS em 2018. Foi um marco onde o Mitografias deixou de ser apenas um site com podcasts e textos e se tornou o PROJETO MITOGRAFIAS, com objetivos que vão muito além do site. Ainda no mesmo ano, a *Antologia Mitografias Volume II - Mitos de Origem* foi publicada em formato e-book, e, até o lançamento desta edição, pode ser adquirida gratuitamente pelo site do Mitografias.

Com objetivo de finalizar essa trilogia de antologias, publicamos agora a *Antologia Mitografias Volume III - Mitos de Trindade*. Esse volume foi realizado graças ao apoio dos nossos Padrinhos e Madrinhas. Convidamos você também a contribuir com o MITOGRAFIAS e, assim, viabilizar novos projetos como esse. O Padrim é um sistema de financiamento coletivo, no qual a partir de R\$ 1,00 você ajuda o MITOGRAFIAS a crescer. Basta acessar [www.padrim.com.br/mitografias](http://www.padrim.com.br/mitografias) e selecionar o valor com o qual pode colaborar.

## APRESENTAÇÃO DA EQUIPE

ANDRIOLLI COSTA (organizador)

JORNALISTA natural de MS, explora a ficção folclórica como escritor após anos de pesquisa acadêmica. Desde 2015 é editor do site *O Colecionador de Sacis* e realiza diversas ações de divulgação folclórica, como a organização de mostras de curta metragem, exposições, aulas, palestras e cursos de formação para uso de folclore entre mediadores de leitura. Atualmente é membro da *Comissão Sul-Matogrossense de Folclore* e sócio-fundador da *Rede Folkcom*. Apresenta os podcasts *Popularium* (no Mundo Freak) e *Poranduba*. Foi um dos organizadores da *Antologia Mitografias vol. I e II*.

ISA PROSPERO (organizadora)

ISA PROSPERO nasceu em Piracicaba e mora em São Paulo. Formada em Editoração, trabalha como tradutora, preparadora e revisora de textos. Publicou histórias de ficção especulativa nas revistas *Trasgo*, *Mafagafo*, *Superinteressante*, *The*

*Fantasia* e *Strange Horizons*, assim como na coletânea *Duendes*, da editora Draco, e nos três volumes da *Antologia Mitografias*. Para conhecer seus trabalhos, visite o site: [www.isaprospereo.com](http://www.isaprospereo.com).

**LEONARDO TREMESCHIN** (organizador)

CRIADOR e diretor do MITOGRAFIAS, idealizador, host e editor dos podcasts *Papo Lendário*, *Religare* e *Manual dos Monstros*, também participa e auxilia na produção do podcast *Papo Cético*. É formado em Audiovisual e Análise de Sistemas e atualmente trabalha com edição de podcasts. Leonardo começou como mitógrafo há mais de 15 anos, iniciando suas pesquisas pelos aspectos histórico-antropológicos das mitologias e religiões, com ênfase em mitologia comparada. Foi um dos organizadores da *Antologia Mitografias vol. I e II*.

**RODRIGO RAHMATI** (revisor)

É FORMADO em Gestão Ambiental e servidor público praticamente desde sempre. Além de escritor, é podcaster, fotógrafo, desenhista, dançarino de

folclore árabe, karateka e derbakista. Tem vários contos publicados — quase todos com elementos de fantasia, ficção científica e terror, em maior ou menor grau — e dois romances: *O arquivo dos sonhos perdidos*, de 2016, e *Nefelibata ou O fotógrafo*, de 2017. Além disso, é co-editor e revisor dos contos do site Leitor Cabuloso, co-host do podcast SobrEscrever e host do Rock Pelo Mundo. Foi revisor da *Antologia Mitografias vol. I e II*.

#### MIKAEL QUITES (capista)

CONCEPT artist e ilustrador natural de Porto Alegre que atua há mais de 9 anos. Com experiência nos mercados publicitário, editorial e de games, já foi gerente em um estúdio de ilustração e procura unir 3D com 2D em muitas de suas artes. Apaixonado pelas culturas do Brasil, atua hoje como freelancer. Foi o capista da *Antologia Mitografias vol. I e II*. Para conhecer mais o trabalho dele, acessem [www.mikaelquites.com](http://www.mikaelquites.com).

# INTRODUÇÃO

ANDRIOLLI COSTA E LEONARDO TREMESCHIN

*Quadrúpede na aurora, alto no dia  
E com três pés errando pelo inútil âmbito da tarde.  
Assim veria a eterna esfinge a seu instável irmão, o homem. (...)  
Somos Édipo e, de um modo eterno, a longa e tríplice besta  
Somos tudo o que seremos e que temos sido.*

**Jorge Luis Borges**

**T** RÊS.  
NA TERCEIRA e última etapa do enigma da Esfinge que assolava Tebas, encontramos a nós mesmos, apoiados sobre o cajado do ancião para enfrentar a gravidade que nos convida ao solo. Não é o fim, mas uma síntese; um número que se insere entre a primeira infância e a adultez. É o três esse ciclo fechado, como um triângulo cujas retas e ângulos são minimamente dispostos de modo a criar uma forma completa.

Mas, como alerta Borges, esse não é o único sentido do número no mito de Édipo. A própria criatura o carrega em seu corpo; parte mulher, parte leão, com asas de águia para singrar os céus

do pensamento. Se no enigma devorador temos o homem, a esfinge traz o feminino. Responder ao seu questionamento é enfrentar o próprio Eu.

E ai de quem errar.

Nas tramas do destino que nos levam para esse embate encontramos as mãos das três fiandeiras - a avó, a mãe e a filha, ávidas por cortar a linha trançada, metonímia da vida. Todo cuidado é pouco, um pecado de sangue pode despertar a fúria das “Bondosas”, e não haverá eufemismo capaz de aplacar o castigo destas três irmãs, flagelo dos mortais.

Os sentidos que levam os números variam no imaginário coletivo. O olho único, por exemplo, é índice de bestialidade, visão ciclópica daquele que não é capaz de distinguir certo e errado, amigo de inimigo. O terceiro olho, por sua vez, traz a vidência. A transcendência daquilo que se mostra de imediato, que revela aquilo que se oculta a olhos vistos. No meio do caminho, estamos nós.

O número também figura repetidamente nos contos populares. São três cachorros encantados que acompanham o herói; três filhos de um

monarca que devem percorrer o reinado para provar quem é o mais justo; três desafios a serem vencidos até que o prêmio possa finalmente ser conquistado. O motivo está no cerne da estrutura das narrativas orais: a primeira ação apresenta o acontecimento, a segunda estabelece uma regra, e a terceira, por sua vez, traz a quebra. O rompimento com um padrão interno que vai movimentar toda a história a ser contada.

Por certo que o folclore mundial está permeado por trincas: são três desejos que se oferece ao que esfrega a lâmpada; três batidas na madeira para isolar a má sorte; três pulinhos para que o Santo encontre um objeto perdido, ou três velas - uma para cada tipo de rebanho - para pedir intercessão ao Negrinho do Pastoreio.

Mas o três também representa o equilíbrio, fugindo do binarismo polarizador da dualidade. É um triunvirato que governa o inferno; um terceiro excluído que ao ser reintegrado traz a elevação. Por vezes, acrescentar um novo elemento aos pares já estabelecidos nos desafia, mas pode estar

justamente neste outro invisibilizado o fiel da balança.

Nos mitos antigos encontramos inúmeras divindades e outros seres fantásticos em grupos de três, unidos por suas funções, características e personas. Algumas destas entidades são tão complexas que são um e três ao mesmo tempo; ou então três deuses distintos que agem unidos para criar, manter e destruir (e com isso renovar) nossa existência. É o aspecto do todo que perpassa a vida, desde o início até o término.

No entanto, ainda que as culturas antigas tenham tido diversos deuses tríplexes em seus panteões, a trindade é tão essencial para o ser humano, para suas crenças e maneira de ver o mundo, que seria impossível ficar preso ao passado. As religiões que perduram até os dias de hoje se utilizam desse símbolo para trazer cada uma a sua própria verdade. E a verdade do mito, sabemos, é a grande verdade do mundo.

A força simbólica do três nos atravessa. Cruza deuses e monstros até chegar na profundidade

da nossa alma. É passado, presente e futuro; é a família e os elos que nos unem; é o convite para a transcendência e integração. E é também o fim, o encerramento de um ciclo e tudo o que dele veio.

E é com isto em mente que encerramos, com orgulho, a trilogia Mitografias. Após os *Mitos Modernos* e os *Mitos de Origem*, em *Mitos de Trindade* você encontrará o trabalho de 12 autores que mergulharam no conceito trino para capturar, na forma de contos mitológicos, a experiência humana.

Que não se iluda aquele que não vê além da hegemonia da trindade cristã. Pai, Mãe e Filho trazem para a capa desta edição da Antologia uma visão herética da trindade estabelecida. Os motivos para esta escolha, caberá ao leitor decifrar.

Sob o risco de ser devorado no processo.

Boa leitura!

# DOMOVOI

VICTOR ALMEIDA

*1953, Ivo adulto*

**A** LUZ DO SOL, as sardas no rosto de Carol estão mais evidentes. Ivo beberica o café e recoloca a xícara na mesa, deixando uma marca marrom na toalha. Ela dá uma pequena garfada na torta de limão. Estão apaixonados, sem dúvida, mas nenhum dos dois está pronto para dizer isso.

No entanto, o silêncio precisa ser quebrado.

— Você já ouviu falar de um ser chamado domovoi?

— Não — responde Carol, apoiando um cotovelo na mesa. — Amigo seu?

— Digamos que sim. De infância. Minha mãe me falou sobre ele quando eu tinha apenas três anos de idade. Ela adorava contar histórias. Era um hábito que herdou da minha avó russa. A do domovoi foi a primeira história de que me lembro.

Ele é um espírito do folclore eslavo. Ninguém pode vê-lo, mas toda casa tem um.

— Como um quarto pra entulhar bagunça? —  
brinca Carol.

— Sim, sim! Mas o domovoi odeia bagunça. Fica irritado quando a casa não está em ordem.

— O que mais?

— Ele tem uma enorme barba cinza e olhar triste, mas é muito gentil. Um protetor do lar. No fim do dia, minha mãe costumava deixar biscoitos e leite na cozinha para ele.

— E ele comia?

— Não, mas as formigas adoravam. — Ele bebe o restante do café, parando um pouco para sentir o aroma no finzinho da xícara. — Mas essa não é a parte estranha. O estranho é que eu *vi* um domovoi.

Uma sobranceira de desconfiança se levanta. A dela. A esquerda.

— Eu juro! Eu era muito pequeno, mas lembro. Uma noite, corri até meu quarto chorando e lá estava ele... deitado na minha cama.

— Na sua cama?

— Assustador, não? E ele me falou algo em russo.

— O que ele disse? — pergunta Carol, entrando na onda. — Estou estudando russo. Posso ajudar com seu amigo.

— Ah, eu não me lembro. Não lembro mesmo.

— E por que você estava chorando?

— O quê?

— Você disse que estava chorando.

— Ah, coisa de criança. Deixa para lá. Deve ter sido um sonho. — Ele fica perdido naquela lembrança por alguns segundos, até se tocar que o tempo continua passando à sua frente. — Então, você... você fala russo?

— Ah, só um pouco.

— Me fala alguma coisa em russo então.

— *Ya tebya lyublyu* — diz ela, encabulada. As sardas subitamente camufladas em vermelhidão.

Ivo entende, apreciando cada palavra. Há frases que não precisam de tradução.

Mas não responde.

*1938, Ivo criança*

O mundo é uma explosão de interesses aos três anos de idade. A cortina. O chão. A poeira no ar ficando visível quando uma fresta de luz invade a sala. A cor do cabelo da mãe. Os óculos do pai. Bolhas de sabão. Os carros na rua. O cheiro de uma fruta. Um gato no telhado do vizinho. Um azulejo errado em meio a todos os outros certos. Uma nova música favorita.

Naquele momento, porém, a atenção de Ivo está voltada para a ilustração que a mãe fez com giz de cera para ele. Um personagem fofo e barbudo. Gordinho e simpático.

— Ei, pequeno, eu já contei para você sobre o domovoi?

Ele balança a cabeça, o polegar na boca.

*1960, Ivo adulto*

A vitrola Philips toca baixinho. Os móveis estão espalhados. A toalha de mesa quadriculada, presente de casamento de uma tia que eles nunca mais veriam, está estendida no chão. Sanduíches. Um bolo de fubá com erva-doce. Algumas frutas.

Uma taça de vinho para ele. Uma taça de suco de uva para ela.

*Teus olhos / Sempre a cintilar / São duas estrelas / Sempre a me guiar*

— Essa música de novo, não, Ivo! — exclama ela, rindo.

— O que foi? É uma excelente música. E tem o seu nome nela.

Ele brinca com a barriga da esposa. O bebê está se movendo.

— Ela se mexe bastante.

— Nossa Mathilda está inquieta. Quer conhecer o mundo — comenta ele, oferecendo uma uva para Carol. — Falta pouco, mamãe.

— Falta muito pouco — diz ela, abocanhando a uva logo em seguida. — Eu amo você.

Ele sorri, mas não responde. O telefone acaba de tocar.

*1982, Ivo adulto*

— Alô? Ivo falando.

— Sograo? Parabéns, vovô. É uma menina! Sofia! Você tem uma neta.

Ivo fica alguns segundos sem responder.

— U-uma menina? — gagueja ele. — Meus Deus! Carol! Nós somos...

*2017, Ivo idoso*

—... bisavós! Agora somos oficialmente bisavós! Finalmente a papelada saiu e agora ela está em casa. A Sofia e a Juju estão tão felizes. Eu tenho uma foto dela aqui. Olha...

Ele busca a foto na galeria de imagens do celular e mostra. Mas não há reação. A esposa está de olhos fechados na cama de hospital. Está de olhos fechados há muito tempo, mais tempo do que ele conseguia suportar.

— Ela me lembra você e a Sofia, sabe? Eu sei que não faz sentido, mas parece. E o nariz é tão pequenino. Uma coisinha que... que...

Então ele finalmente nota. Durante o monólogo, o rosto da esposa ganhou uma expressão de leveza.

— Carol... Não, Carol. Não...

*2018, Ivo idoso*

Ivo suspira. Levanta da cama. O corpo inteiro dói. A alma idem. Vai até a pia do banheiro e lava o rosto. Embora familiar, não reconhece o homem acabado do outro lado do espelho.

A pia da cozinha não é lavada há dias. Livros estão espalhados pela mesa, pelo chão e em cima da velha vitrola. Ele abre o pote de biscoitos, liga a vitrola e pega um copo americano, enchendo-o com o bem-vindo líquido preto.

*Eu não sei viver sem teu carinho / Não me deixe amor / Sou ave sem ninho / Sem o teu calor*

Ele resmunga ao ouvir a música e solta um palavrão baixinho ao tropeçar numa pilha de livros, que desaba. Senta-se no sofá e pega um dos exemplares caídos, um volume encadernado à mão. Ele o abre em uma página aleatória, sobre nisses, korrigans, leprechauns e... domovoi? De onde mesmo que essa palavra era familiar?

E beberica o café.

*1958, Ivo adulto*

Ela olha em volta, sorrindo. Antes de se sentar, dá um beijo no rosto dele.

— Você se lembra deste café? — pergunta Carol. — Nosso primeiro encontro foi aqui.

— Ah, foi? Nem me lembrava!

— Nossa, Ivo. Como você é esqueci...

Antes que ela pudesse terminar, o garçom surge com uma xícara de café para ele e uma fatia de torta de limão para ela.

— Ué, mas eu não pedi... — ela levanta o rosto para ele.

E para a caixinha com a aliança.

*1938, Ivo criança*

— Vóóó!

A avô acorda com o grito do neto. Outro pesadelo. O terceiro desde que...

— Vóóó!

O avô está na cozinha, sentado, resmungando para ninguém. Dormir também não é fácil para ele nos últimos tempos. Com olhos vermelhos e embriagados, vê a mulher se apressar para o outro quarto, a fim de acudir o neto.

O pijama do pequeno Ivo está empapado de suor. A avó o pega no colo e começa a niná-lo, de um jeito que apenas as avós têm o dom de fazer.

— Vó, cadê o meu pai? Cadê a minha mãe?

O vaivém é momentaneamente interrompido. O avô se encosta na soleira da porta a tempo de presenciar a pergunta. Desarmada, ela olha para o velho. Ele responde dando de ombros.

— Ivo, seus pais não vão voltar — responde a avó.

O avô se aproxima do garoto, que agora está em prantos.

— Guri — diz o avô, o cenho franzido, a mão calejada segurando o bracinho de Ivo. — Você é homem ou não é? Engole esse choro. Homem não chora.

Ivo tenta parar. Ivo tenta controlar os soluços. Ivo tenta ser aquilo que o avô quer que seja. Mas ele simplesmente não consegue.

— ENGOLE. A. PORRA. DO. CHORO!  
AGORA!

A avó o aperta mais nos braços. Nenhuma criança merece chorar de tristeza verdadeira.

*2002, Ivo idoso*

Ivo está caminhando pela casa, procurando as chaves do carro. Não estão na cozinha, no banheiro, na sala nem na geladeira. Não estão...

E então ele vê Sofia. A neta, que em poucas horas vai se formar, está se preparando em frente ao espelho. Por um segundo, fica estupefato. Quando foi que essa menina adalteceu?

Pelo reflexo do espelho, ela repara no avô. Vira o rosto para ele e sorri, ajustando os óculos.

— E aí, vô? Tudo certo?

*2018, Ivo idoso*

Ivo dá o último gole no café e termina de folhear o livro. Realmente, fazia muito tempo que não revia seu amigo domovoi. Ele suspira e repara que o pote de biscoitos continua em cima da mesa empoeirada.

Uma ideia lhe ocorre. Ele se levanta, caminha até a geladeira e a abre. Pega um prato e um copo no armário. Lava, lava, lava. Seca, seca, seca.

No prato, coloca dois biscoitos. No copo, um pouco de leite.

— Para você, domovoi. Desculpe pela casa desarrumada — sussurra, sorrindo.

Então se deita no sofá, e começa a se lembrar. Os bons momentos, os maus momentos. Cada trecho de sua história. E cada lembrança o leva para mais longe.

Mais longe...

Mais longe...

Mais longe...

... até o sono se aproximar.

Enquanto isso, a velha vitrola não para de tocar:

*Esse imenso amor não tem mais fim / Volte por favor / Oh, Carol / Tem pena de mim...*

*1938, Ivo criança*

Ele acorda, mas não onde deveria estar.

A avó está na cadeira de balanço, dormindo. Os cílios de Ivo estão grudentos, graças ao choro. Alguém colocou uma manta em cima dele. A casa

está escura demais, e ele não faz ideia de que horas são.

Há uma luz acesa no fim do corredor. Ele deixou a luz do abajur acesa. Ivo se levanta. Passa direto por seu ursinho, sem pegá-lo. Está quase entrando no quarto quando ouve a avó falar:

— Boa noite, Ivo. *Ya tebya lyublyu.*

Mas ele não olha para trás nem responde.

*1938, Ivo idoso*

Ele acorda, mas não onde deveria estar.

A cama é menor e a cor das paredes não é a mesma. Há prateleiras com carrinhos de madeira e... o abajur. O abajur. O tapete redondo. O cheiro... Ele está em seu quarto... quando era criança.

Ivo ouve passos no corredor.

*Ivo ouve alguém no quarto.*

Há uma criança o encarando, assustada.

*Tem alguém ali! Gigantesco, com olhar triste e barba enorme!*

E então ele compreende.

*E então ele compreende.*

Domovoi.

*Domovoi.*

Ele sorri.

*Ele sorri de volta.*

E finalmente ele lembra as palavras.

*E ele ouve da criatura, em palavras roucas:*

— *Ya tozhe tebya lyublyu.* Diga para ela, garoto. Nunca deixe essas palavras morrerem.

Antes que pudesse assistir ao domovoi sumir em pleno ar, Ivo corre de volta para sala. Abraça a avó e diz:

— Eu amo você, *babushka.*

*1953, Ivo adulto*

— *Ya tozhe tebya lyublyu* — responde Ivo, igualmente sem jeito.

*1960, Ivo adulto*

Antes de correr para atender o telefone, ele se aproxima da barriga da esposa, dá um beijo nela e sussurra:

— Papai ama você, Mathilda.

*2002, Ivo idoso*

E ele abraça a neta.

— Papai ama você, Sofia.

*2017, Ivo idoso*

Carol está em paz. Por fim, uma lágrima escorre pelo rosto de Ivo.

*2019*

*Ding-dong.*

Olho mágico. Destranca o ferrolho. Vira a chave. Uma vez. Duas vezes. Gira a maçaneta.

— Vô!

Com cuidado, ele dá um abraço apertado na neta. Não quer amassar a caixa de papelão que trouxe. O pulôver bem-passado dele toca a camiseta azul dela. O cabelo dele está cortado, sua gravata é amarela cor de quindim.

— Cadê a Juliana?

— Padaria. Daqui a pouco tá de volta com o pão. Chegou na hora certa.

— E minha bisneta? — pergunta Ivo.

— Brincando. Vai lá falar com ela. Ela sente sua falta. Vou preparar um café fresquinho.

Pé ante pé, ele se aproxima do quarto. A diminuta figura está ali, absorta entre carros, bonecas, blocos de montar e um gravador velho. O bisavô sorri e abre delicadamente a cortina para aquele universo.

— Oi.

— Bivô! — grita ela.

— Feliz aniversário.

Ele entrega a caixa. A pequena vai desembrulhando, daquele jeito desajeitado de criança, boca entreaberta de curiosidade. O habitante da caixa era um pequeno boneco de pelúcia. Ele é fofo e barbudo. Gordinho e simpático.

— Ei, pequena, eu já contei para você sobre o domovoi?

A pequena criança balança a cabeça, o polegar na boca.

• • •

VICTOR ALMEIDA é bacharel em Comunicação Social com habilitação em Produção Editorial pela ECO/UFRJ, especialista em Publishing Management pela FGV e mestre em Produção e Criação em Mídias Digitais pelo PPGTLCOM/ECO/UFRJ. Como editor de livros, participou da equipe das editoras Nova Fronteira, Arqueiro e Sextante. Atualmente é coordenador de Produção da UBK Publishing House, selo editorial da Ubook. Dependente químico de café, planeja secretamente um apocalipse muito específico contendo zumbis, garrafas de Mineirinho, guaxinins e o extermínio de todas as mangas do mundo.

**E-mail:** [victor.almeida87@gmail.com](mailto:victor.almeida87@gmail.com)

# ANARRIÊ, BALANCÊ, ALAVANTÚ

AURYO JOTHA

**D**ONA ISA ARRASTOU a cadeira de espaguete pela calçada até onde as outras duas irmãs já estavam. Perto de uma árvore, ela se sentou. Esticou as pernas cansadas. Veias quebradas. Pegou a linha, molhou na ponta da língua. Agulha. Colocou um punhado de pedaços de tecidos no colo.

— Trocou de carro de novo, Seu Quincas? —  
Dona Clô cumprimentou um homem que passava.

— Para onde vai? — Dona Sis complementou a curiosidade.

Isa cosia as bordas dos pequenos círculos de pano. Várias cores, vários tamanhos. Puxava a linha. Seu Quincas dobrava a esquina pelo canto do olho, levantando poeira. Ela aproximou as beiradas, fechou o fuxico. Cortou a linha com o dente.

Debaixo dessa árvore, como em todas as outras tardes, as três assistiam ao tempo escorrendo pelos galhos, sobre suas cabeças.

— Eita, Lúcio, mas já vai marcar ponto no bar do Tico?

— Boa tarde.

— Boa noite.

Clô desenhava os círculos no tecido.

— Como vai o curso, Melissa?

Dona Sis os cortava.

— E os meninos?

— Como anda a saúde da mãe?

Qualquer coisa que acontecesse, de uma forma ou de outra, as três saberiam. Todos os dias a vida alheia vinha descansar à sombra daquela árvore.

— Vocês viram que a filha do seu Josias pegou bucho? — Dona Sis aproximou do olho a tesoura e o pano para não errar a linha de corte. — O velho quando descobriu fez a maior presepada: chamou padre, mandou matar um boi, montou o casamento em cinco minutos.

— Quê? — Clô parou com a caneta. — Que conversa é essa?

— Pois é, menina.

— E o tal do noivo — Dona Isa falou, com um riso assobiante — só ficou pro casamento porque tava debaixo da mira duma espingarda. Pode uma coisa dessas?

— Na festa ele encheu a cara. Mal tinha começado a noite e ele já não tava se segurando de pé.

— Tentou fugir umas duas vezes.

— Mas, minha gente... E Fernandinha, o que tava achando disso tudo?

— Trancaram ela no quarto foi cedo naquele dia, bem. Só o que consegui fazer foi emborcar Santo Antônio dentro de um copo d'água pra ver se ele a livrava de um casamento ruim desse. Sinta o desespero da criatura.

— Então nem a Fernandinha queria casar?

— Queria nada. Tem outro na jogada. Te acalma que a história nem começou.

Isa se arrumou na cadeira, cortando outra linha com o dente.

— Enquanto a fogueira queimava no terreiro e a banda tocava um forrozinho — Dona Sis aquietou

a tesoura —, a noiva desapareceu. Abriram o quarto e não tinha ninguém. — Procurou na cesta a seus pés por outro pedaço de tecido. — Clô, quedê? Desenha mais uns que aqui acabou.

— Sim, sim. Mas continua. Pra onde foi a mulher?

— A história não acabou aí — Dona Isa falou —, disso eu tenho certeza — contando as peças de pano no colo —, certeza absoluta.

— Não vão acreditar quando eu contar. Juro. Fernandinha acordou no meio de um caminho de roça, cercada de feijão e com o chocalho duma cascavel no pé do ouvido.

— Uma cobra? — Isa molhava a ponta de mais uma linha. — É mentira.

— Pois acredite. Mas ela saiu inteirinha desse encontro, foi só o susto. Fernandinha não tinha ideia de onde tava, e também num viu ninguém por ali; tudo o que encontrou foi um copo com água no chão pertinho dela.

— Aposto que o povo disse que foi obra do santo. — Dona Clô entregou um pedaço de tecido cheio de círculos, alguns mal desenhados onde a

caneta falhara, outros tortos por causa da mão trêmula. Às vezes ela até fazia errado de propósito, para a irmã ter mais trabalho na hora de cortar.

— Se foi ou não foi, quem sou eu para dizer, né?

— Pelo menos o santo não negou uma sede d'água para ela. — Clô se curvou para pegar outro retalho em seus pés. — Me diga, minha irmã, depois disso acharam Fernanda? — Voltou a desenhar.

— Nem acharam, nem ela achou. Cansou foi de esperar e saiu andando sem rumo até bater numa cidadezinha. Foi se achegando, viu um povo sentado na porta. Agradeceu demais por ter encontrado gente viva, porque tava com medo de nunca mais ver mais ninguém, perdida por essa mata.

— Esta é a parte em que a gente entra na história?

— É sim, minha irmã.

As três se ajeitaram nas cadeiras: a primeira tentou endireitar a corcova; a segunda puxou um sorriso pelo canto da boca torta; a terceira, por sua

vez, aquietou os dedos finos que nem patas de aranhas.

— Boa tarde, moça bonita.

Fernanda estava parada na frente das três.

— Venha cá.

O vestido branco improvisado em um de noiva estava todo sujo. O sol pelo caminho havia desmanchado o penteado.

— Espere. Dê um passo pra trás pra gente ver direito essa beleza toda.

— Pra quando esse casamento, bem?

— Como vai o Josias, menina? — Clô perguntou, enquanto testava a caneta na palma da mão; aquela já estava começando a falhar também.

— As senhoras conhecem meu pai? — Fernanda se aproximou aos tropeços. — Careço de ajuda.

— Olhem isso. Como pode? Toda suja. — Dona Isa a olhou de cima abaixo.

— E ainda tá descalça, Isa! Vou nem dizer o que me parece. — Dona Sis deu uns tapinhas na boca para segurar ou a língua ou o sorriso.

— Ah! Pois eu digo — Clô deixou a caneta sem tinta de lado. — Essa daí deve tá pedindo e furtando. — Colocou a cesta no colo para procurar outra.

— Me ajudem, por favor. — Desnorteada, Fernanda não sabia em quem das três focar a atenção. — Eu só quero uma informação.

— Por favor?

— Ajuda?

— Você não é a filha do Josias?

— Onde está ele agora?

— Não foi você quem mandou...

— Rasparem o cabelo de Margarida?

— Foi ela, sim. Eu me lembro dessa história.

— Só porque a outra jogou um olhar pra pessoa errada, não foi?

— Agora vem cheia de me-ajudes.

As pernas de Fernanda fizeram bico e largaram mão da tarefa de sustentar o resto do corpo; os olhos tremiam enquanto pulavam de uma senhora para a outra. Fernanda procurou se sentar no meio-fio. O mundo quis rodopiar com ela, mas as dúvidas lhe pesaram nos couros.

— Fique jururu assim não, menina.

— Vá aproveitar a festa. Hoje é 24, é dia de fogos, é dia de acordar São J'ão.

— O quê? — As palavras se engasgaram. — Não pode ser... hoje é treze de junho.

— Você está um pouco perdida ainda, minha jovem. Venha cá. — Clô a puxou para mais perto de si.

— Tome esse presente. — Dona Isa esticou o braço. — E que Juno a proteja. — Entregou à Clô uma presilha com o olho de uma pena de pavão colado, para que a irmã prendesse no cabelo de Fernanda. — Se lembra como veio parar aqui? Você morreu naquele dia.

A cor de Fernanda escorreu pelo esgoto.

— Ela está brincando com tua cara, minha filha. — Clô soltou uma risada que durou nem dois segundos, pois um pensamento passou na frente: — Tá brincando, não tá, Isa? — A irmã conferiu mais uma vez os pedaços de panos que estavam no colo e confirmou com a cabeça, um gesto que significava muito mais um “por enquanto” do que um “sim”. — Ufa, — colocou a mão sobre o peito —,

certo, que bom. — Virou-se para Fernanda. — Menina, se tu se lembra como chegou, tu pode seguir caminho de maneira semelhante.

— É só pedir, bem — Dona Sis cortou.

— Para nós não, menina. — Clô tirava a sujeira do rosto de Fernanda. — Presta atenção.

— Vá para o centro da cidade. — Isa jamais interrompeu o serviço de coser, puxar, cortar. — Vá ver o arraial.

— As quadrinhas.

— O boi.

— Os balões.

— Mas... — Fernanda principiou.

— Vá! — As três vozes eram uma. As irmãs viraram o rosto ao mesmo tempo para encará-la, fecharam as bocas sem dentes, piscaram, e juntas voltaram aos trabalhos.

Só o que Fernanda conseguiu fazer foi agarrar o vestido e sair correndo.

— Ela encontrou o que procurava, minha irmã?

— Hein? — Sis estava distraída, aparando as pontas que ficaram em um dos círculos. — Ah, sim.

Fernanda conseguiu chegar no arraial. Morreu de vontade de comer sem ter dinheiro pra comprar nem um milho assado. Tinha muita gente lá. Gente desconhecida aos baldes, olhando feio para ela. Mas, no meio da multidão, Fernanda diz ter reconhecido três sujeitos andando juntos. Pareciam até amarrados um no outro, iam de banca em banca, comendo pamonha e tudo o mais. — Espirrou só de imaginar a poeira do arrasta-pé. — Quem visse aquela arrumação podia jurar que... Enfim, mas logo Fernanda perdeu os três de vista. — Estalou as juntas e sacudiu as pernas; as três entravam pela noite seguindo com os fuxicos à luz do poste, apurando a vista. — Quando chegou o momento de soltar os balões para São João — um quase inaudível “povo irresponsável” saiu de uma das duas ouvintes — Fernanda conseguiu um pra fazer um pedido. Enquanto olhava os bichos queimarem lá em cima num céu tão lindo, alguém triscou no ombro dela. Quando ela virou só teve tempo de sentir uma mão lhe pressionar o peito contra o chão. Mas não caiu na terra, não, o corpo bateu foi na água.

— Deixe de história, minha irmã.

— Essas tuas coisas tão ficando muito sem pé nem cabeça.

— E eu tenho culpa? — Com os comentários dona Sis até largou a tesoura no chão. — Só conto do jeitinho que me contaram sem aumentar nem pôr. Não tenho culpa do mundo tá assim — girou as mãos uma sobre a outra —, de perna pro ar. Deixem eu terminar, pode ser? — Ficou um tempo calada, tentando reaver o fio da narrativa. Onde mesmo que parara? — Ah! Sim. Fernanda se achou no meio de um rio. Quase se afogou, a coitada.

— Ela perdeu o presente que a gente deu com tanto gosto, não perdeu?

— Aposto que sim, Isa — Clô de pronto respondeu.

— Essa gente não tem cuidado com mais nada hoje em dia.

— Vou já fazer um responso pro Toim pra ver se ele acha e me devolve. Só pra não dá gosto.

— Meu dente chega coçar pra cortar a linha dessa ingrata.

— Mas, sim, continua, Sis. Depois desse banho forçado, o quê que se deu?

— Pensei que as duas iam passar o dia falando mal da vida alheia. — Ergueu as mãos aos céus. — Ainda bem que desse mal eu tô livre. Se você querem realmente saber, Fernanda saiu com a maior dificuldade de dentro d'água, ainda com o nosso presente preso no cabelo. Chegou à margem e deu de cara com um magote de menino ruim, daqueles com a barriga cheia de lombriga. Pois bem, tudim saiu correndo. Chegaram em casa com uma conversa que ninguém entendeu direito, de que uma assombração tinha aparecido no rio pra pegar eles, disseram até que era a Cotaluna. Vê se pode uma coisa dessa.

— Não dê muitas volta, não. Volte pra história.

— Sim, verdade. Onde eu tava...? Fernanda acendeu uma vela e colocou num pires com um pouco de água para São Pedro. Só faltava ele para...

— O quê? Onde ela arrumou essa vela, mulher?

— E ela fez o que depois de sair do rio?

— Andou, oras — Dona Sis falou.

— Mas isso não faz sentido. Tá faltando alguma coisa.

— Muita coisa.

— Vocês ficam me interrompendo — coçou a cabeça —, aí eu me embaralho toda. — Coçou o queixo. Continuou: — Fernanda passou o dia 29 inteiro curtindo a própria fome. Foi um castigo chegar nas pessoas e ninguém reconhecer o peso do seu sobrenome. Já eu chamaria de benção, porque a bicha era ruim que só carne de pescoço. Se os ribeirinhos soubessem, não tinham dado abrigo quando começou a chuveirar. Sim, choveu. Fala que é mentira também, Isa. Vai.

— Eu? Vou ficar é calada aqui no meu canto, cuidando dos meus afazeres.

— Acho bom. Agora, minhas irmãs, é onde entra a parte da vela... Antes de ir dormir, Fernanda pediu que São Pedro abrisse um caminho no meio de tanta confusão.

— Aí ela voltou para onde tudo começou?

— Não se mete, Clô.

— Foi isso mesmo, não foi?

— Foi. Tá satisfeita? No entanto, tinha um pequeno detalhe diferente: a chave do quarto tava na mesa na frente dela. Fernanda podia fugir bem ali. Correr por esse mundo afora igual tinha acabado de fazer. Mas não. Ela decidiu seguir por um rumo que antes não tinha coragem. O estardalhaço que essa mulher fez vocês precisavam ter visto. Ela tomou a espingarda das mãos do pai, deu um tiro pra cima e mandou todo mundo ir embora porque a festa tinha acabado, não ia ter mais casamento nenhum naquele dia. E São Pedro confirmou porque caiu um pé d'água na hora que só ele. Num ficou vivalma nessa festa fora a noiva e o pai. Parece que no fim das contas Fernanda teve a criança, e, tirando a língua venenosa do povo, ela tá muito é feliz.

— Mas, mudando de pau pra cacete: vocês souberam o que o Francisco fez?

E o Tempo seguia, como sempre.

— Não, menina. Fiquei sabendo não.

A noite e os dias seriam curtos para caber o tanto de fuxicos que elas tinham por fazer.

— Pois, ele arrancou a língua do boi do patrão pra esposa comer.

Era tecido demais, linha suficiente para ninguém perder o destino.

— Valei-me! Conta essa história direito.

Debaixo desta árvore — futuro, passado, presente — as três irmãs sabe-tudo riam com um só dente e um só olho.

• • •

AURYO JOTHA tem 24 anos, mora em um pé de meia também conhecido como Piauí. Adora a ambientação de Blade Runner, animações como O Castelo Animado, mitologias de todos os gêneros, e um bom livro/filme de um terrorzinho psicológico. Decidiu se preparar com alguns contos – que publica no Wattpad – antes de trazer a este lado da realidade um mundo de fantasia com umas patas no folclore brasileiro. Pode ser encontrado nas redes sociais como @AuryoJ.

- [twitter.com/auryo\\_j](https://twitter.com/auryo_j)
- [facebook.com/auryoj](https://facebook.com/auryoj)
- [wattpad.com/user/AuryoJ](https://wattpad.com/user/AuryoJ)

# A ÚLTIMA CASA

TIAGO RECH

## TEMPESTADE

**T**ENÓRIO SCHMIDT OBSERVAVA seu prato de carne e batatas com quase tanto desinteresse quanto o prato tinha em relação a ele. Os talheres tilintavam ao seu redor enquanto Larissa e Noelia jantavam e conversavam sobre o dia, mas ele não dizia ou ouvia palavra alguma enquanto remexia a comida.

Torcia para a tempestade perder força, as janelas fechadas pararem de sacolejar, e para que seu trabalho de tantos anos não desaparecesse da noite para o dia.

— Não vai comer, pai? — disse Larissa.

— Não tô com fome, filha.

— É porque tu sempre come a mesma coisa.

Quer provar do meu?

A filha estava evitando o tal do glúten e havia pedido comida por entrega para evitar as batatas.

Era um prato japonês com carne de porco que ele nunca tinha visto na vida.

— Tu sabe que eu não gosto dessas comidas estranhas.

— Pai, tu nem provou.

— Não preciso provar, eu não gosto. Já comi aquele tal de sushi e tem gosto esquisito.

A filha abriu a boca pra dizer alguma coisa, mas sua voz foi abafada por um trovão. Um estrondo tão forte que Tenório sentiu a mesa de jantar vibrar sob suas mãos. A luz falhou, e a cozinha foi mergulhada na escuridão completa por um breve momento.

— Foi perto demais; preciso ir até lá — disse ele, já de pé.

— Pai, a chuva tá muito forte — disse Noelia.  
— Pelo menos espera diminuir, por favor.

— Eu vou de carro, mãe — disse para a esposa, vestindo um casaco —, é aqui perto, não tem perigo. Vou rapidinho e já volto.

Agarrou as chaves do carro e saiu pela porta da cozinha que dava na garagem, se controlando para não correr. O motor do Chevette precisou de

um tempo para esquentar antes de pegar no tranco. Lá fora, o silêncio isolado dentro do veículo cedeu rápido ao metralhar das gotas sobre a lataria. As nuvens pesadas faziam parecer ser mais tarde do que era. O vento forte esbofeteava qualquer coisa corajosa o suficiente para se lançar às ruas.

Dirigiu devagar, forçando os olhos para enxergar através da cortina cinzenta. A memória o guiou mais que a visão: sabia de cor a distância até o boteco da esquina, assim como sabia quando estava nas proximidades da sede da Sociedade Histórica de Corticeira, a casinha onde passou incontáveis tardes de sua aposentadoria, porque a bola de gelo em seu estômago esfriou ainda mais. Reuniões, atas, finais de semana dedicados. Tanto trabalho não poderia se desfazer assim, em uma tarde, poderia?

Guiou pelas ruas, que reconhecia pelo tipo de calçamento. As ruas de paralelepípedo levaram às ruas de chão batido, que o levaram até a resposta de sua pergunta, logo após o dobrar de uma esquina. A chuva foi afinando até uma garoa, como se planejado para causar o maior efeito dramático.

As árvores ao longo das calçadas, antes dobradas pelo vento forte, voltaram às posições eretas, balançando no resto da chuva. O carro parou de sacudir, e ele pôde enxergar o caminho mais uma vez.

No final da rua, tudo que esperava por Tenório era um amontoado de escombros.

Estacionou o Chevette de qualquer jeito e saiu, o guarda-chuva largado no banco de trás. Passou pela portinhola de madeira que abria passagem entre a mureta de pedras e subiu a pequena colina que levava ao que, até algumas horas, fora a mais antiga casa da cidade, chamada apenas de Casa Velha. Mais de duzentos anos desfeitos no estalar de um trovão.

Correu até onde as últimas chamas do raio ainda faiscavam contra a chuva, e as abafou com o casaco até que sumissem.

Não poderia ser mais inútil. Desatou a rir.

— Qual é a graça?

Tenório pulou, sua frustração esquecida por um ou dois segundos. A voz poderosa misturava-se com os trovões que ainda ribombavam no

firmamento nebuloso. Era de um homem forte e tão alto que parecia um gigante se comparado a Tenório. Sua barba negra misturava-se aos cabelos, espessos e selvagens, espalhados em todas as direções. Seus olhos orientais tinham uma intensidade que fazia difícil encará-los por muito tempo. A selvageria de seu rosto era traída pela postura altiva, o físico vigoroso e o quimono rico e colorido que trajava. Não entendia por que um homem assim estaria de sandálias naquela chuva que molhava até os ossos, mas estava abatido demais para julgar. E, afinal, o estranho tinha um guarda-chuva. Estava melhor equipado para o clima do que ele próprio.

— E então? — insistiu o homem.

— Não faço ideia — admitiu Tenório, levantando as mãos em derrota.

— Pegue — disse o gigante. Ele entregou o guarda-chuva para Tenório, que nem percebeu o quão rápido acatou a ordem.

— Obrigado, mas aí tu é quem vai se molhar.

— A chuva não me incomoda.

Dito isso, o gigante ajoelhou-se. Arregaçou uma manga do quimono e enfiou o braço para dentro dos escombros da Casa Velha. Remexeu por um momento até soltar uma exclamação e puxar algo comprido e esguio para fora do entulho. Só então se pôs de pé. Tenório saltou para o lado quando percebeu que o homem segurava uma longa cobra pelo rabo.

— Não se preocupe; está morta — disse o estranho.

O homem parou de olhar para a cobra e examinou Tenório por um instante, como se só agora percebesse que ele, e o resto da casa, estavam ali.

— Que lugar era esse, afinal?

— Oras, como assim? Esse era o único ponto turístico aqui de Corticeira. Foi construída pelos primeiros imigrantes alemães da região. Estilo enxaimel, sabe? Aquelas casas branquinhas com as vigas aparentes. O pessoal da cidade tudo sabe...

E logo em seguida, emendou.

— Tu é novo aqui? Talvez da colônia japonesa que tem aqui perto?

O gigante aquiesceu, sem dizer nada. Estava sendo sincero?

Pensando bem, que diferença fazia?

— O senhor morava aqui? — disse o estranho, e Tenório sentiu seu cérebro travar por um instante.

— Não... Ninguém morava. A gente só cuidava da casa, para preservar. Era um edifício histórico, tinha duzentos anos. Agora virou história.

Ele quase riu do comentário. Quase.

— Duzentos anos... e foi essa chuva que o derrubou?

— Chuva? Essa *tempestade* acabou com tudo. Deve ter sido a pior da história da cidade.

O homem disse algo, baixinho. Ou pareceu dizer. Um trovão encobriu suas palavras.

Seguiu-se um silêncio, e a atenção de Tenório se voltou para os restos da construção. As paredes brancas atravessadas por toras grossas de madeira, tão vívidas em sua mente, não pareciam mais que um projeto de papel machê feito por uma criança gigantesca. Tentou subir na pilha de entulho (que estranho pensar na casa assim!) para ver se alguma

coisa se salvava, mas nada. Os poucos móveis que restavam lá dentro estavam esmagados, encharcados ou queimados. Uma aniquilação total.

Aos setenta-e-sete anos, Tenório, que jamais havia chorado em público nem mesmo quando criança, sentiu as lágrimas escorrerem pela primeira vez em muito tempo, na frente de um completo estranho e de sua cobra morta.

Diante daquela cena, o homem enorme parecia ainda maior. Estava claro que não sabia onde colocar as mãos. Ou os pés. Ou para onde olhar.

— Desculpe — disse Tenório, enxugando os olhos. — É melhor eu ir pra casa, antes que eu pegue um resfriado. E tu também, moço. Posso te dar uma carona, se quiser.

— Não!

O rosto do gigante tinha se iluminado de súbito. Sem largar a cobra morta, ele enfiou a outra mão dentro do bolso do casaco e sacou um cartão.

— A solução não é ir pra casa. A solução — e aqui ele entregou um cartão de visitas que mais

parecia um selo naquela mãozorra — é encher a cara.

— Eu não encho a cara — disse Tenório. Pegou o cartão, mas não o leu.

— Nunca?

— Nunca.

— Então é uma boa hora para começar. Não dá pra lutar o tempo todo.

Ele não sabia o que dizer. Só sabia que queria ir embora.

— No Japão consideramos falta de respeito não ler um cartão entregue — disse o gigante.

Tenório estava pronto para dar uma bronca, mas não queria ofender o rapaz. Além de não encher a cara, ele também não fazia cenas. Ainda que de má vontade, colocou o cartão perto dos olhos para conseguir ler.

Àquela altura o resto de tempestade já se desfazia. As nuvens deram uma trégua, e a luz azulada da lua facilitou a leitura.

Com uma lua branca e vermelha, envernizada em um retângulo de papel preto, dava pra ver que era um material bem-feito, diferente

dos cartões baratos que Tenório via todos os dias na prefeitura. Abaixo do desenho, em letras brancas, simples e elegantes, estava o nome do estabelecimento.

— *Tsukuyomi-Izakaya* — leu ele.

Tenório ergueu os olhos do cartão bem a tempo de ver, no fim da rua, o caminhão de bombeiros se aproximando. Algumas pessoas saíam de suas casas para ver o que tinha acontecido com a última casa no estilo enxaimel de Corticeira.

Queria devolver o cartão, mas o estranho tinha sumido, como se levado pela tempestade.

## **A NOITE**

Tenório nunca fora de beber. Nem destilados nem fermentados faziam sua cabeça, mas, naquele dia, depois de todas as explicações dadas aos bombeiros, aos vizinhos e aos repórteres que brotaram como se por alguma bruxaria maldita, com suas perguntas em disparada e as fotos de sua cara cansada e molhada, estava esgotado. Talvez

fosse hora de tomar um no fim de um dia tão miserável, afinal. Ainda mais se fosse de graça.

Só um.

Ligou para casa e avisou que sairia um pouco para arejar a cabeça. Noelia concordou que poderia ser bom para ele, e não deu palavras de aviso; sabia que eram desnecessárias.

O Chevette ficava deslocado no tal “bairro hipster”, como a filha chamava, que agora existia até em cidadezinhas minúsculas como Corticeira, com uma população formada em 70% por idosos. O resto da cidade já estava dormindo às oito da noite, mas aquela região despertava agora, com seus letreiros coloridos, seus restaurantes de hambúrguer artesanal e sua música alta e esquisita.

O mundo seguia para frente, e ninguém olharia para trás, para as memórias perdidas naquela casa. Continuariam naquela vida de festas e modas, que seriam deixadas para trás quando a próxima coisa viesse. Nada mais durava, e tudo era diferente.

Diferente da vida que ele levava.

Estacionou na frente do tal bar Tsukuyomi, estranhando nunca ter ao menos ouvido falar do estabelecimento. Era fácil de achar pelo letreiro, com o mesmo desenho da lua do cartão, grande e vistoso. Construído em madeira escura e iluminado por lâmpadas alaranjadas, o bar tentava ter um aspecto acolhedor, mas lhe parecia frio e austero.

Em resumo, parecia caro.

Saiu do carro já quase arrependido de estar ali. Não estava malvestido para aquele lugar? Com sua boina já gasta (mas que se recusava a trocar), calça de linho e blusa de *argyle*, suas vestes condiziam mais com os jogos de canastra no boteco do Tião, onde ele jogava há mais de trinta anos.

Bom, dane-se. Estava cansado demais pra pensar nisso. Passou por um grupo de jovens que conversavam entre si sobre o “carro vintage” de Tenório, subiu logo as escadas e foi recebido por um garçom elegante.

— Boa noite. Eu... eu encontrei um rapaz que me deu esse cartão — Tenório entregou o papel envernizado. — Disse que era irmão do... do dono,

algo assim. Eu queria ver se eu ganho algum desconto ou algo do tipo...

O garçom ergueu as sobrancelhas ao ver o cartão e perguntou se poderia pegá-lo emprestado por alguns minutos. Sumiu dentro do estabelecimento, e Tenório sentou sozinho num pufe na área de espera, um deque a céu aberto. Não tinham se passado três minutos quando o garçom voltou.

— Senhor...

— Tenório.

— O senhor Tenório jantará com o patrão hoje.

As orelhas de Tenório esquentaram e o estômago gelou. Não queria se envolver com ninguém, não estava com cabeça para conversas, mas era tarde demais — já estava sendo compelido por pura pressão externa a seguir o garçom pelas salas do restaurante.

A sala do patrão ficava atrás de uma porta corrediça em estilo japonês, daquelas com divisórias de papel que ele tinha visto no *Último Samurai*. Deu um passo para dentro da sala e o

garçom o segurou com delicadeza pelo ombro: primeiro, tirar os sapatos. Vá lá, tirou o calçado. As portas foram fechadas assim que ele entrou, por sorte, com meias novas.

Tenório prosseguiu pela sala silenciosa, a textura alienígena do tatame abaixo dos pés. Não precisou andar muito para chegar à mesa de jantar do patrão, em um ambiente amplo, de paredes vermelho-escuro, iluminadas por lanternas de papel. Estantes abarrotadas de garrafas de todas as formas e tamanhos preenchiam o ambiente.

O homem sentado no tatame, atrás de uma mesa baixa e larga, só podia ser seu anfitrião: não devia ter mais de trinta anos, com um cavanhaque bem-feito, cabelos pretos e curtos, bem cortados. Vestia uma camisa aberta com estampa de tigre, o peito musculoso e tatuado a mostra.

Não era a imagem que Tenório tinha de um gerente de restaurante.

— Ah, *irashai*, meu caro convidado! — disse o homem. — Venha, fique à vontade, por favor.

Tenório agradeceu, procurou por cadeiras, entendeu que teria de se ajoelhar assim como seu

anfitrião e assim o fez, diante da mesa baixa, de frente para o homem. A expressão do rapaz era amigável, ainda que a iluminação ocultasse boa parte de seu rosto em sombras.

— Pode me chamar de Yomi — disse ele, empurrando um copo para Tenório. — É Tenório-*han*, correto? Aceita um shochu? Também temos whisky, Suntory.

— Eu não sou de beber muito, mas olha, um *schnapps* até que não ia mal agora.

— Oh! Perdoe-me, mas não temos tal iguaria em nosso menu! — Yomi se curvou e, no mesmo movimento, sem esperar qualquer resposta, serviu uma dose de shochu. — Teremos que fazer o melhor possível com o que temos aqui.

Tenório não queria provar aquela bebida estranha, mas também não queria fazer desfeita depois da recepção tão amigável, ainda que forçosa. Encurralado, bebeu.

Não gostou, mas não disse nada.

— Agora, esse cartão que você entregou ao meu garçom; quem o deu? — disse Yomi, colocando uma porção de uramakis ricamente empratados em

cima da mesa de um lado, e uma caixa do que pareciam ser uns pastéis do outro. Tenório não viu de onde ele tirou aqueles pratos, mas já estava com saudades da carne com batatas de sua esposa. — Por acaso foi um homem cabeludo? Grande? Forte?

— Isso, foi esse magrão mesmo. Acabou que nem se apresentou.

— O nome dele é Susano.

— Susana?

— Susano. É meu irmão.

— É sério? Bah, mas tu não te parece com ele!

— Sorte minha — Yomi se ajeitou e chegou um pouco mais perto. — Posso pedir um favor, Tenório-*han*? Poderia me contar como conheceu meu irmão?

Tenório aquiesceu e relatou a história do Triste Fim da Última Casa Enxaimel de Corticeira, como ele já a intitulava em sua cabeça. Tsu ouviu tudo com muita calma, reservando-se a meros acenos nos momentos cruciais da história, enquanto indicava que Tenório comesse os sushis e os pastéis.

Talvez fosse a fome, mas não estavam tão ruins quanto da última vez que ele provara a iguaria. Quando tinha sido mesmo? Não conseguia lembrar, apesar da boa memória.

— Compreendo — disse Tsu. Então socou a mesa com tanta força que a garrafa de shochu deu três cambalhotas no ar antes de se espatifar no chão.

— Aquele idiota acha que tudo se resolve com saquê — ele disse, voz e mãos tremendo com frieza. Ele olhou para Tenório, ainda com a mão cerrada sobre a mesa. Ao ver seu convidado encolhido, sentou-se ereto mais uma vez em um piscar de olhos, como um perfeito daimiô. Sorriu com a metade visível de seu rosto, onde as sombras dançavam.

— Nossa família tem muita história, Tenório-*han*. É complicada.

— Tudo bem — disse Tenório, se esforçando para transmitir com o rosto a mesma (e falsa) calma que estava em sua voz. — A maioria é.

— Grande verdade. Meu irmão é um desengonçado, e minha irmã... pff. Hippie. Eu sou o

único que sabe o que faz, eu garanto. — Nisso, Yomi esticou o braço para trás e apanhou uma garrafa qualquer do bar. — Que é isso? Ah! Yamazaki, dezoito anos. É seu dia de sorte, Tenório-*han*.

Serviu. A bebida tinha o já conhecido gosto de madeira dos uísques, que Tenório sempre achou parecido demais com remédio. Mais uma vez, não seria educado recusar, e ele estava ali para isso, não? Bebeu, e não gostou.

— Tu não tens uma cerveja? — arriscou Tenório.

— Cerveja o caramba. Aqui, esse é dos bons — disse Yomi, servindo mais um copo de uma garrafa também escolhida na sorte. — Vamos pra segunda dose.

— Tá ficando um pouco tarde, não? — disse Tenório.

— Para os parâmetros do dia, talvez — disse Yomi. — Para a noite, ainda é muito cedo.

Tenório olhou de relance para seu relógio de pulso. Achava que muito mais tempo tinha passado.

Não tinha pego o nome desse último destilado, mas, bem, não era tão ruim assim. Ou talvez fosse o álcool fazendo efeito.

Beberam em silêncio por um minuto.

— Gostou? Não adianta mentir, eu sei quando meus clientes gostam do que é servido. É por isso que esse negócio vai bem. Ah! — e estalou os dedos. — Eu vou te mostrar um drinque com chá oolong, é um dos meus favoritos.

O drinque com chá desceu mais rápido que as bebidas puras. Era diferente, mas... gostoso? Os drinques que vieram depois desceram ainda mais depressa, e em rápida sucessão.

Logo Tenório já não sabia como tinha chegado ao salão de karaokê do restaurante, nem por que estava em cima de uma mesa, cantando uma música cuja letra ele não conhecia. Algo lhe dizia que aquele comportamento não era nada digno. *Desça da mesa! Pare de fazer fiasco!* Era uma voz que já lhe falava muitas coisas há muito tempo.

Ele resolveu ignorá-la, nem que fosse só durante aquela noite.

Tenório teve a impressão de ter visto o rosto completo de Tsu pela primeira vez quando passou o microfone para ele. Fora da iluminação aconchegante de seu escritório/bar particular, sua tez era muito pálida, quase branca, e seu rosto era mais circular do que aparentava à primeira vista.

Era mesmo um rosto? Ficou em dúvida se via uma face ou apenas a lua cheia, lá em cima no céu escuro. O mundo girava, e não pararia tão cedo. O vento frio uivava, as árvores farfalhavam. O cheiro era de terra molhada. Onde ele estava?

Adormeceu antes de responder qualquer pergunta.

## **MADRUGADA**

Ao abrir os olhos de novo, devagar, não sabia dizer quantas horas haviam se passado. Era escuro, ele tremia de frio, e o mundo girava um pouco.

Assim como o rosto da mulher que o observava com curiosidade, como quem examina um novo e estranho inseto.

— Ah, está vivo! — disse ela.

Sentou-se de supetão com o susto, ao que a mulher recuou, e seu cérebro foi martelado sem dó nem piedade pela ressaca. Limitou-se a gemer e ficar imóvel, segurando a cabeça com os cotovelos apoiados nos joelhos.

— É melhor o senhor não fazer movimentos bruscos por enquanto — disse a moça, que se afastava.

Letárgico, ele se mexeu o bastante apenas para conseguir ver a mulher, agora sentada perto de uma fogueira, sobre a qual uma chaleira começava a assoviar.

— Tem primeira vez pra tudo mesmo, barbaridade — disse ele para si mesmo, baixinho.

— Vem sentar aqui — disse a moça, a voz clara no ar da noite. Com a ajuda do fogo dava pra ver que trajava um quimono branco e era muito alta, com longos cabelos negros. — Aceita um gole de chá verde? Vai fazer bem.

Chá. Pelo menos era uma bebida normal. Ótimo. Levou algum tempo para chegar até a fogueira, com os passos pequenos e vagarosos para

evitar rachar a cabeça, mas afinal o fez e sentou-se em um dos troncos dispostos ao redor do fogo.

O cheiro da fumaça o fez lembrar de todas as vezes que os amigos o haviam convidado para acampar, tanto na juventude quanto agora. Nunca fora. Achava bagunçado, sujo e trabalhoso demais. O fogo também trazia as memórias da casa mais uma vez.

— Tu tá acampando aqui, hã... — disse Tenório.

— Pode me chamar de Amatê. Eu moro aqui! Ali, naquela caverna — disse ela, apontando para a formação rochosa que Tenório logo reconheceu: estava no alto do Morro do Brás, aos pés do qual ficava Corticeira. Já estivera ali muitas vezes com os filhos e netos, mas nunca ouvira falar de uma moradora fixa no meio do mato.

— Mora? — perguntou ele, pegando o copo de chá verde que Amatê lhe oferecia. O calor da cerâmica entrava por seus dedos e ia direto para o coração.

— Moro. Eu gosto de ficar sozinha às vezes. Evitar visitas indesejadas.

— Não dessa vez.

— Não, não dessa vez. Estranhei quando o Tsukuyomi desovou o senhor aqui, e claro, batemos boca. Mas eu gosto de ser entretida, Tenório. Então uma visita indesejada pode valer a pena se a história for boa, e eu não acho que ele o traria até aqui se não tivesse um motivo — ela pontuou sua fala com um gole de chá. — Não vai beber o seu?

— Eu não gosto de chá.

— Já provou chá verde?

Nunca, é claro.

— Prove, eu acho que vai te animar um pouco — disse ela.

Relutou, talvez pra não perder o costume, mas provou. Não era ruim, afinal. Amargo, mas suave, e o calor era tão bom nas entranhas quanto na pele. Além disso, precisava se hidratar depois daquela bebedeira. Amatê observou com um sorriso matreiro nos lábios. Tenório achou melhor contar logo sua história, entre um gole e outro.

— Foi um dia e tanto — disse ela.

— Nem me fala, eu preciso voltar logo pra casa. Minha esposa deve estar desesperada, eu não

sumo desse jeito desde... desde nunca. E hoje teríamos reunião da Sociedade Histórica... Não que eu esteja em condições de fazer reunião. E não que faça diferença agora.

— Vai ter que achar outro passatempo.

— Eu não classificaria a Sociedade como “passatempo”. Mas pode ser que sim. Talvez jogar bocha...

Beberam chá em silêncio, e, quando terminaram, ela pôs-se de pé e colocou as xícaras, a chaleira e outras louças numa travessa, que levou para dentro da caverna.

Ele observou Amatê sumir na escuridão do buraco, poucos instantes antes de os primeiros raios de sol surgirem no leste, lanças de luz em seus olhos.

Há quantos anos não observava o nascer do sol? Andou até a beirada do perau ali perto para observar o espetáculo de cores que tingia o céu. De tão alto dava pra ver toda a pequena Corticeira, e também a colônia japonesa, que ficava a poucos quilômetros de distância do centro da cidade,

incrustada nos outros morros que rodeavam a região. Dava pra ver sua própria casa!

E também os escombros da Casa Velha... Entre os efeitos do álcool e do chá, do cansaço e da ressaca, a dor que aqueles destroços acordaram em seu coração era bem nítida.

Então, quase de surpresa, viu algo mais. Algo escondido, quase imperceptível, que ele mesmo não teria percebido não estivesse com a tragédia tão fresca em sua memória. Lá embaixo, entre as árvores, longe, mas visível. Um tom escuro diferente das folhas, um branco que não era de pedra, refletindo o sol nascente.

Já tinha visto algo assim antes.

— Amatê? — chamou ele. — Tem algum jeito de descer esse perau? Eu preciso ver uma coisa lá embaixo.

Nenhuma resposta veio da caverna. Ele esperou, mas, nada. O sol subia vagaroso, nem um pouco preocupado com as aflições de Tenório. Ele olhou para baixo, para o barranco traiçoeiro e para as raízes que se esticavam para fora da terra, como

mãos de dedos velhos e retorcidos — ofereciam ajuda ou ocultavam trapaças?

Pensou em voltar depois, mas uma dúvida batia junto de seu coração. Seria mais seguro voltar depois, com mais gente, mas... ainda estaria lá quando voltasse? Conseguiria encontrar aquele ponto singular na mata mais uma vez?

Ou seriam essas dúvida apenas uma justificativa para a decisão que ele já tinha tomado?

Sem perceber, já tinha agarrado a primeira “mão” de raiz e começado a descer o barranco.

A “mão” desistiu de segurar assim que a gravidade exerceu o mínimo de força, e Tenório deslizou pela terra solta em queda quase livre. Tentava agarrar as raízes, mas elas pareciam desviar de seus dedos ávidos.

Terminou a descida em meio a uma nuvem de pó vermelho, na base do paredão de terra. Estava arranhado e sujo, mas logo colocou-se de pé: a empolgação preenchia seu coração e movia-lhe os músculos.

Julgou melhor aproveitar o embalo antes que começasse a sentir de verdade aquela pequena

aventura ladeira abaixo. Pôs-se de pé e seguiu no que, esperava, seria a direção geral do que avistara lá do alto.

A floresta não dava passagem fácil. As raízes enroscavam em seus pés, as copas escondiam o sol e ele jurou ter visto pelo menos uma jaguatirica pelos galhos. Já estava no meio da manhã, com fome e sede quando, enfim, viu uma cor diferente em meio aos verdes e marrons da mata.

O branco típico das paredes de uma casa alemã tradicional.

Seu coração bateu forte com a visão, mas já de longe ele percebera que havia algo de diferente ali. A posição das vigas não seguia as normas. O telhado não era o típico. As portas eram de correr.

No entorno da casa havia sinais de outras moradias, mas era claro que aquela era a única sobrevivente: no meio do caminho entre os polos habitacionais, entre Corticeira e a colônia, uma casa mesclava os estilos alemão e japonês em uma construção que, chutava ele, devia datar dos tempos do Kasato Maru.

Uma construção que ninguém conhecia, inédita. Aquela casa defenderia seu patrimônio histórico quase sozinha.

Quase. Ele estaria lá para dar uma força, sempre, incansável.

— Pai! — disse a voz da filha. Ele só percebeu que estava com os olhos marejados quando viu o rosto da menina borrado pelas lágrimas. — Pai, tu tá bem? A gente te procurou pela cidade toda! E tu tá todo sujo, meu Deus do céu. O que aconteceu?

— Ah, filha — ele respirou fundo, agora que suas costas começavam a doer de verdade. — Longa história. Como tu me achou aqui?

— A Jé te viu no Centro ontem à noite. Eu fui lá. Tava mostrando a tua foto no celular e encontrei um cara esquisito na rua que *me* reconheceu antes de ver a foto. Disse que eu sou tua cara, acredita?

— Um gurizão barbudo?

— Esse mesmo! Ele que disse que tu estaria por aqui, não sei como ele sabia disso. Ah, e a mãe foi dar parte na polícia!

— Que confusão!

— Tu tá rindo, pai? Tá se sentindo bem? —  
ela olhou para a construção pela primeira vez. — E  
essa casa? Tá mais inteira que a Casa Velha.

— Pois é. Quem sabe a gente faz assim: a  
gente busca tua mãe primeiro e vai comer, aí eu  
conto tudo. Pode ser comida japonesa. Eu pago.

— Pai... tu tá muito diferente.

— Eu tô? Bom, vem, ajuda o pai até o carro.  
Agora que em acalmei tô achando que torci o pé. E  
não esquece de como chegar até aqui, ou eu te  
deserdo.

• • •

TIAGO RECH é roteirista e escritor radicado em Brasília desde 2014. Roteirizou o premiado game *Galaxy of Pen & Paper* e contribuiu na produção de diversos jogos, incluindo o finalista da ISR 2013, *NIVEUS*. Seus contos já foram publicados na antologia *Rei Amarelo em Quadrinhos* da editora Draco, Volume II da *Antologia Mitografias, Planeta Fantástico volume 1* e *Multiverso Pulp: Space Opera*.

- [twitter.com/tiagorrech](https://twitter.com/tiagorrech)
- [facebook.com/RechsNarrativeAdventure/](https://facebook.com/RechsNarrativeAdventure/)

## EXECUTOR

LUIZ FELIPE VASQUES

*A águia gira, caindo, lentamente.*

*Está ferida, desorientada.*

*Sob um campo de flores brancas, a serpente se move.*

*A voz, incorpórea, compelia:*

*— Alcance a águia.*

*A voz era carregada de autoridade como sempre fora, mas com um tom diferente de todas as outras vezes. Fora assim desde que deixara a Urbe.*

**D**ESPERTO COM O UIVO do lobo atrás da caça, sem saber ao certo se era no sonho ou na vida real. Não estava no campo, mas a estalagem perto de Condercum ficava em território agreste o suficiente. Acordou, mas não

se moveu. Em parte, pelo frio daquele relutante início de primavera de 1.320 A.U.C.<sup>1</sup>

Ponderava na cama de palha. Sorriu, não deixando de apreciar a ironia. Notou o auxiliar encolhido no escuro do canto, curioso, à espera de algum comentário que não veio.

Após levantar-se, foi até o templo de Terminus em respeito, embora estivesse sob outras bênçãos. Olhou para o sacerdote ali perto, que sorriu em retribuição. O santuário era modesto, ao redor de uma pedra, pois Terminus era um deus de necessidades simples. Os sacerdotes, bem o sabia, nem sempre. Mas o velho sorridente não fez maiores menções. Não se alongou. Retomaram cavalo e estrada, passando da Muralha Adriana e entrando na distante província da Britannia Ultima.

---

<sup>1</sup> “Ab Urbe Condita”: latim para “Ano de Fundação da Cidade”, a velha contagem dos anos romana. Este é um mundo diferente, com escolhas e acasos que aconteceram em pontos-chave suficientes para mudar a História. Não houve um Constantino para se sagrar imperador e mudar a capital do império, o Cristianismo não se divulgou, os germânicos não se sublevaram e a pólvora foi descoberta, para citar o que há de mais aparente. O importante é que as instituições romanas permaneceram e evoluíram, e, 90 anos depois do fim do nosso Império Romano, durante o breve governo de Flavius Romulus Augustus — primeiro e único —, o desta história continua. Alguns nomes e termos foram adaptados para refletir esta nova e própria realidade. (N. do A.)

\*\*\*

Naquele mesmo relutante início de primavera, após um inverno rigoroso, não eram poucas as preocupações do governador da última das províncias britânicas. Mas se daquela vez elas se adensavam como as nuvens no céu, era por outros motivos. E, assim como a chuva acumulada depois de vários dias, as preocupações se revelavam.

As primeiras gotas caíam quando Glinius Gneu Celticus parou com a taça no ar. Arqueou as sobrancelhas, atônito, olhando para o escravo.

— Como?

— Foi o que ele disse, senhor. Eu não...

O homenzarrão adiantou-se, antes de ser convidado. O governador prendeu a respiração. Enfim, o que antecipara parecia se desenrolar. Era um soldado profissional, atestado pela armadura, gládio e fulminata às costas.

— Governador Celticus? Marcus Quintus Aquila, vigilante. — Prestou o saluto romano, no

que foi respondido sem muita convicção. — Ave! Mil perdões por esta inconveniência.

— Ora, o que a primavera nos trouxe... — Examinou o recém-chegado, a insígnia feita presilha no seu manto. Deixou que falasse. — O que podemos fazer por um enviado de Roma? Um *vigile*, correto?

— *Vigile executor* — respondeu Marcus. O governador engoliu em seco ao ouvir as palavras, embora soubesse o que ele era. O enviado de Roma tinha um mandado divino. A serviço da própria Justiça, ratificado por Vesta. Respondia somente ao imperador, cargo em discussão nos últimos meses. Caso não houvesse um imperador, responderia às sacerdotisas vestais, mas elas estavam muito longe dali. Na prática, podia revirar-lhe a alcova no meio da noite, com ele e a esposa dormindo, se assim desse na telha. Tecnicamente era, de fato, um vigilante. Mas a força da palavra *executor* se tornara corriqueira, e era assim que alguém na posição de Marcus era entendido ou referenciado, mais diretamente. A fulminata que portava era uma ênfase desnecessária.

— E... o que o Executor Aquila procura em nossa humilde localidade? — indagou o governador, formal. Executores podiam exercer uma inusitada dose de autoridade, mas deviam respeito a superiores hierárquicos, qual um governador de província. E um governador precisa saber do que se passa em sua própria província.

— Procuo um homem e seus assecas. Fugitivos da justiça. Soube que passaram por Habitancum.

— Que acusação paira sobre tais homens?

Um vigile era um escalão baixo na hierarquia romana, mesmo que fosse um vigilante excepcional. Um governador estava bem mais acima. E respeito era devido aos de maior posto, de forma que Glinius decidiu que, já que ainda vivia, poderia ter um certo grau de vantagem sobre aquela fera assassina. Isso não o impediu de segurar a respiração, quando Marcus deu meio passo para junto dele com os olhos vidrados.

— Traição...! — rosnou contido, entredentes.  
— Conspiração para assassinar o imperador Flavius Romulus Augustus III, que os deuses velem

por sua saúde. — Manteve o tom baixo. Já estavam sozinhos; o escravo que o anunciara achara por bem se ausentar.

As notícias da Urbe, afinal, nem haviam demorado tanto assim. Aguardava aquilo a qualquer momento, desde que seu cunhado voltara de lá, com a habitual cara de poucos amigos, o olhar alucinado e as mentiras, palavras e preces erradas. Não estava sozinho, e não perguntou. Quanto menos soubesse, melhor. Sabia apenas que coisa boa nunca o seguia. Deu-lhe guarida e, na terceira manhã, o cunhado partiu sem dar maiores informações sobre seu paradeiro. Novamente, não perguntou — mas desconfiava.

Naquele resto de inverno, consultara os áugures mais do que o costume. A esposa, para quem o irmão era um ímpoluto, estranhara aquele arroubo de devoção. Obtinha respostas vagas, para variar. A cada consulta, só a certeza de sestércios saindo de suas mãos. Mas se lembrava agora de quando Valisius, aquele gordo que fazia as vezes de intérprete do voo das aves, contara sobre uma águia que aparecera assim que o degelo começou,

pousada sobre uma estátua de Diana Caçadora, devorando um rato morto. *Aquila aegis dei*. A águia, a égide dos deuses. Pensara que fora somente outro momento de louvor quando nada de claro era obtido. Havia se esquecido disso, porque fora no mesmo dia em que chegavam as notícias da tentativa de usurpação. Não recebera nenhuma carta oficial, apenas rumores indiretos dos viajantes. O imperador estava ou não estava morto, de acordo com quem falasse. Agora a águia estava ali, em carne e nome, diante dele. E o possível significado do rato devorado o comia por dentro.

— Então, o imperador vive? Graças aos deuses! — exclamou, sabendo que não haveria alívio caso se suspeitasse que ele estava envolvido, de algum modo, com conspiradores que *quase* haviam tido sucesso. — E... da identidade destes marginais?

— São liderados por um Arlen Valentius. Ao todo são quatro. Dois outros homens e... uma mulher.

Não fora difícil para o governador arregalar os olhos perante a revelação do executor. Sabia que o

cunhado não prestava, mas, naquelas semanas, jamais o conectara com as notícias do atentado. Agora, precisava pensar em como se livrar de dois homens de quem morria de medo. Ainda notou a ênfase involuntária quando Marcus falou sobre a tal mulher, mas estava compenetrado no que importava: como despachá-lo o quanto antes — antes que aprendesse sobre sua esposa. Podia mandá-lo para o caminho errado, para as Terras Altas da Caledônia onde, com sorte, aquela gente pintada e selvagem sumiria com ele além da Muralha Antonina.

Ou...

Fez um sinal discreto, para que o acompanhasse. Logo estavam no pátio interno, junto a uma fonte que abafava a conversa. Habitancum podia não ser grande coisa, mas a casa de um governador ainda tinha certos luxos.

— O homem que você procura esteve, de fato, em Habitancum há poucas semanas. Não se demorou. Partiu logo pela estrada leste. Vou lhe informar seu provável esconderijo. Saiba que Arlen Valentius é figura conhecida por essas bandas. Mas

é homem de recursos, perigoso, e dele se diz estar envolvido com feitiçaria. Por isso, quero que pegue o cavalo que irei fornecer. Ele estará descansado e com provisões renovadas, o bastante para um homem chegar até a Muralha de Antônio, que é para onde todos pensarão que você irá. Os olhos e ouvidos de Valentius também. Cuidarei para que eles saibam disto.

— Eu compreendo a necessidade da manobra, mas não conheço a região.

— É simples. Você continuará para o norte pela mesma estrada, da manhã até próximo do meio-dia. Haverá uma fazenda abandonada à sua direita. Não tem como errar, é a única habitação depois daqui, próxima a um pequeno bosque. Procure o regato atrás dela e desça ele todo. A estrada que você deverá seguir vai surgir, talvez, hum... antes do pôr do sol. Sim, isso. Tome então o rumo nordeste. Você chegará a uma pequena aldeia, mas antes disso...

No rol dos planos improvisados, o governador Glinius Gneu Celticus poderia se orgulhar por seu raciocínio rápido, caso aquela pantomima desse

certo. O estrangeiro o ouvia atentamente, e era difícil encarar aqueles olhos escuros. Principalmente quando ele comentou:

— Desculpe como falo, governador... mas o senhor parece bem familiarizado com esse homem.

— Aqui é a Britannia Ultima. Nada acontece, todo mundo se conhece. Ficou alguma dúvida? Posso indicar-lhe um guia. Aliás... podemos pensar em lictores, à sua disposição.

A bandoleira atravessada pelo peito do vigilante recebeu dois tapinhas confiantes.

— Já trago doze, obrigado.

O governador sorriu sem jeito, examinando os papérolas. Uma fulminata era de uso exclusivo do Estado. *Pólvora, aço e vontade* era o lema informal dos Executores da Dama Justitiae.

Considerou o quanto deveria custar aquela munição, naqueles dias. Os legionários nas províncias da Britannia haviam recebido ordens de voltar a treinar com lanças e flechas. A produção de pólvora, outra exclusividade do Estado, estava quase toda sendo desviada para a frente de

Byzantium contra o invasor, nas infindáveis Guerras Trácias.

O jantar veio e Marcus aceitou. Notou que eram somente eles dois. O governador pediu desculpas, pois a esposa e filhos estavam visitando parentes em Glevum. O vigilante registrou a informação sem demonstrar interesse específico.

Satisfazendo a curiosidade de seu anfitrião, Marcus contou mais de si mesmo: como era um soldado desde que tivera idade para se alistar e que avançara na hierarquia por mérito. Servira com distinção na *V Macedônica*, cujo símbolo era uma águia, daí o distinto cognome. Mas sempre sentira o chamado da deusa, diversas vezes, desde cedo na vida. Trocara uma carreira em ascensão por um cargo na Urbe. Alguns podiam associar isso com vida fácil, mas não era em absoluto o que ocorrera.

O que Glinius ouviu foi que, de homens que falavam com deuses, já bastava o cunhado em sua vida. E que um de seus lugares-comuns favoritos, a crença de que todo homem tem seu preço, de nada valeria ali. Não arriscaria subornar Marcus: prezava, por demais, a própria cabeça.

Foi-lhe oferecido um quarto confortável. Tirou o colar, que quase se fundia à própria pele, com uma medalhinha, e pendurou à cabeceira, rezando perante a imagem da balança e da espada, uma oração silenciosa e sem resposta. Dormiu que nem uma pedra, segurando firme o gládio como em todas as noites.

Na manhã seguinte, agradeceu ao governador. Ao sair da estrebaria com o novo cavalo, não deixou de notar um menino, não tão escondido como achava que estava. Tinha uns seis anos, ar curioso, nariz pequeno e era ruivo. Sorriu para a criança, e então uma escrava o puxou para dentro da casa, ralhando com ele.

Verificou uma última vez quão bem amarradas estavam suas provisões e a longa arma de fogo. Vestia sua armadura de tiras de couro. Sobre o ombro, uma espessa manta castanha. E o gládio à cintura, assim como algemas e ferros, que tilintavam a cada passo.

Encilhou e partiu. O governador o acompanhava à distância, em frente de casa, com o olhar grave.

Uma mulher se juntou a ele.

— Já posso deixar de ser uma prisioneira em minha própria casa?

— Você ainda estará com sua irmã em Glevum, caso ele volte.

— Isso é um absurdo.

— Absurdo é alguém tão esquisito quanto o seu irmão — virou-se para a mulher —, ter nascido tão parecido com minha bela esposa. — Tocou nos cabelos de fogo de Arlene. Apreciava o grisalho que começava neles.

— Você o mandou para onde, exatamente? — Afastou a mão dele, impaciente, sem se deixar vencer pelo elogio.

— Para a Caledônia. A Caledônia que o carregue!

Mas o que é o casamento sem algumas mentiras? Viraram-se e foram para casa, passando pelo menino de nariz pequeno e ar curioso, afagando-lhe os cabelos ruivos — aliás, a cara da mãe.

\*\*\*

Os morros funerários estavam próximos da vila miserável, conforme as instruções do governador. Contornou-a para não atrair olhares indevidos; alguém como ele seria o assunto da semana só por ter passado ali. Encontrou vegetação agreste, fechada, de árvores esparsas e andar difícil. Notou algumas entradas abertas, com a maioria selada. Torceu o nariz pensando no hábito de preservação dos mortos, quando destiná-los à pira seria decerto muito mais civilizado.

Deixou o cavalo a distância segura, armou-se e foi à caça. Procurou rastros humanos e evidências da presença dos vivos, próximo às entradas abertas. Nenhuma resultou em nada. Calmamente, percorreu a região. Rastros de cervídeos, pássaros e outros animais. Nenhum deles incluía o lobo, o que achou ótimo, pois sabia que teria que passar a noite por ali, não bastasse o frio que faria.

Já escurecia, e o morro funerário aberto que encontrara exibia luz vinda lá de dentro, morrendo logo antes da soleira.

Avançou cautelosamente até o umbral, mantendo-se livre da reta da entrada. Quando parou para melhor ouvir, um vulto saiu.

Envolvido em um manto escuro, o homem procurou um canto ali por perto, ergueu o manto e a roupa e começou a se aliviar. Quando terminou, voltou-se, apenas para encontrar a fuça conhecida do executor à ponta de seu gládio. Foi-se sem emitir palavra, berro ou gemido. Marcus o deixou ali mesmo, na poça de lama e mijo.

Voltou para o morro. A entrada era mais baixa que a média de um homem, revelando um corredor estreito de paredes de pedras empilhadas, e ao fim a luz de uma fogueira. Era a única fonte que existia para guiá-lo. Verificou o pavio curto da arma, acendeu um lume de prontidão e entrou, ladeado pelas paredes de pedras empilhadas. As vozes ficavam mais nítidas a cada passo. Não estavam preocupados em vigiar nem serem discretos, o que era ótimo.

Próximo à câmara, arriscou uma rápida olhada. Contou três, ao redor de uma fogueira. Não precisava daquele terceiro, quase à entrada. Ótimo.

Encostou o lume ao pavio, que tratou logo de acender. Foi o tempo de entrar na câmara, arma calcada sobre o ombro. Seu alvo, logo antes de ter a cabeça explodida, não entendeu quando os dois companheiros arregalaram os olhos. A câmara funerária transformou a explosão da pólvora em trovão ensurdecedor.

Marcus largou a arma e sacou o gládio — mas mostrou os ferros.

Os sobreviventes, um homem e uma mulher, entreolharam-se, atônitos, entre o susto e o reconhecimento de quem era o assassino. Olharam ao mesmo tempo para suas espadas, encostadas junto a alguns alforjes. Arlen deu um passo para trás. Foi a deixa para Marcus, no fundo, apreciando isso, estando prestes a saltar sobre a fogueira atrás dele. Mas, em vez de correr, Arlen atirou algo no fogo, que de súbito expandiu e se tornou verde. Marcus hesitou por um instante, enquanto Arlen se atirava aos seus pertences. O executor não se intimidou e pulou o fogo mesmo assim. Só não esperava que a mulher se interpusesse no caminho

e na frente da lâmina. Enterrou-se até a mão de Marcus, pois gládios não tinham guarda.

Encararam-se com os olhos vidrados, sem falar nada em um primeiro momento. Ela tomou a iniciativa:

— Eu quis estar com ele...!

Não houve outras últimas palavras exceto aquelas, quase sopradas, com uma inegável ponta de desprezo na voz e no sorriso torto de dor e desdém. Quando olhou para o outro, ele desistira de alcançar a espada, as duas mãos tapando a própria boca. Marcus removeu o gládio ensanguentado e a pousou no chão. Ergueu-se, e havia frieza e abandono ao falar:

— Arlen Valentius, em nome do imperador Flavius Romulus Augustus III, em nome do Senado do Povo de Roma, e em nome da Dama Justitiae...

— Ora, a quem você quer enganar?! — berrou Arlen, sem que isto o interrompesse.

—... você é procurado pelo crime de mais alta traição: conspiração contra a vida do imperador. O julgamento e a sentença serão pelo tribunal

qualificado mais próximo, na presença dos magistrados competentes...

— Seja agora o homem que você não foi para ela!

—... porém, na ausência de um, a atribuição e execução da sentença fica à discricção do oficial mais graduado presente.

Arlen xingou e cuspiu imprecacões e maldições, enquanto o gládio do Executor era cravado pela segunda vez em menos de um minuto. E uma terceira, e uma quarta, e uma quinta, e uma sexta... Apertava a garganta do maldito para silenciá-lo. Por fim, expirou, o ódio estampado no olhar esgazeado. Marcus o deixou lá mesmo, enquanto caía de joelhos, diante do cadáver dela. Chorou como há muito tempo não chorava. Só havia as ossadas em suas gavetas nas paredes seculares por testemunhas da cena, e elas pareciam não se importar.

Quando se recompôs, pensou como iria dispor dos corpos. Ela, cidadã romana, era digna da pira — apesar de tudo. Os outros, que

apodrecessem no que já era um tûmulo violado. De Arlen, bastaria a cabeça.

Encarou o alvo de sua tarefa grotesca — e notou seus traços, mesmo com a carranca de esgares de ódio. O cabelo ruivo recuando, e o nariz pouco proeminente. Lembrou-se de traços parecidos durante a partida da casa do governador, e sentiu a raiva renovar-se.

Traição. Traidores por toda parte.

\*\*\*

O dia da partida do executor foi um dia tranquilo, apesar da presença sentida do estrangeiro e o que aquilo ainda poderia significar para a casa de Gneu Celticus, pois sempre havia o risco de ele voltar sabendo mais do que deveria. Uma vez no escritório, o governador pôde se concentrar em seus afazeres, que não eram poucos — como casar o orçamento disponível com a restauração de algumas estradas, combalidas após o inverno. Em casa, Arlene passara o tempo todo agarrada ao filho, que, sem saber o motivo daquela

comoção, resistia à asa protetora da mãe. O governador deu por satisfeito seu dia de trabalho perto do fim da tarde e saiu do quartel para voltar para casa, desta vez ostentando um olhar grave para o chão por onde caminhava. Em casa, por um acordo tácito, não tocaram no assunto. Durante o jantar, Glinius havia ruminado o que se passara, repassando detalhes na mente e fazendo conexões temerosas.

— Você conversou com Arlen mais do que eu.

De pé, ela aguardou em silêncio o marido concluir aquela constatação. Glinius lutava contra uma porção um pouco maior do que deveria. Ajudou a descer com vinho.

— Quem era aquela mulher com eles? Certamente não é uma local.

— Era uma romana. — Silenciou, com um sorriso malicioso. — Coisas de Arlen, você sabe.

— Hum. E Arlen arranjou essa *coisa*... como?

Ela se divertiu com a pergunta:

— Desde quando você tem interesse nas conqui...?

— Responda.

— Hum... Se você precisa saber, ela é filha de um aristocrata romano qualquer. Encantou-se pelas falas apaixonadas de meu irmão sobre política e filosofia. E poesia, se bem conheço Arlen.

Glinius Gneu Celticus sentiu o gosto da comida perder o sabor, assim como vinho se azedando:

— E... sendo uma jovem patricia, pergunto-me a quem ela estaria prometida.

— Alguém de uma família nobre menor. Uns burocratas que atendem por Quintus.

Celticus fechou os olhos.

O silêncio incomodou a esposa.

— Ora, não seria a primeira noiva prometida que meu irmão...

— Seu irmão poderia economizar muito tempo e sofrimento, nosso, inclusive, se abraçasse sua vocação natural para ser um simples cafajeste, e não um cafajeste com delírios de grandeza. Delírios que já me custaram bastante dinheiro, você sabe. Toda aquela conversa sobre *dissensão*. — Interrompeu a esposa, que já se armava para a discussão, sem se virar para ela. Prosseguiu: — O

homem que veio até aqui falava em nome da Dama Justitiae, a Primeira Irmã. O escritório da justiça. É um proceder da lei, ligado a uma deusa, que deve nos inspirar, sempre, à causa justa. Agora, o maior dos crimes foi cometido em Roma e seu irmão está envolvido com ele. Natural que um vigilante executor se despenque até os confins do Império. Mas homens são homens. — Suspirou. — Quando as coisas saem do controle, e a fé em obter justiça é testada sobremaneira, aquilo que é para ser um procedimento se torna pessoal... e, de repente, não é mais de Justitiae que estão sob inspiração. Não dela.

— De quem, então?

— Nemesis.

Ela não conhecia. Glinius sabia que sua esposa não se interessava além do mínimo necessário. Em sua família corria ainda um certo ressentimento contra o Império. Ao contrário do irmão, ao menos ela tinha o bom senso para guardar suas opiniões para si própria.

— A determinação de um enviado por Justitiae se torna fanatismo cego sob Nemesis, dita

“A Inescapável”. A aplicação da lei é a mais severa possível; a balança é preterida pela espada. Há uma velha discussão, inclusive, se não se deveria instituir o posto de *vigile vindex*, além do *vigile executor*, pela inspiração da Segunda Irmã, mas o medo é que isso sirva somente para encobrir atos extremos; abrigar os instintos vis dos que deveriam ser os campeões da causa. Especialmente quando a causa já vem contaminada por interesses pessoais. Pese-se ainda uma discussão, teológica, se são três deusas diferentes, ou três faces de uma mesma deusa, mas isso não importa.

— Em outras palavras, sua deusa se chama vingança.

— E aquele homem se chama Quintus.

Virou-se para a esposa, que estava de olhos arregalados.

— Q-Quintus é um sobrenome comum... não é?

— Você e o menino viajam amanhã.

Do lado de fora, começou a chover.

Ao contrário do que esperavam, a chuva apenas fez piorar, e assim foi pelo resto do dia até

de noite. Na manhã seguinte, a chuva parou. Não arriscariam mais um momento sequer. Esperavam que seu atraso também fosse o de outros. A carroça já estava pronta desde o dia anterior. Dois escravos leais e fortes a levariam aonde fosse.

— Você disse que eram três, anteontem.

— O quê? — Celticus tinha dificuldade em localizar, no caos que sua vida ameaçava se tornar, a o que a esposa se referia.

— Três deusas. Justiça, Vingança, e quem é a outra? Punição? — ironizou ela, irritada.

— Ah... — Parecia desapontado. — Clementia.

*Melhor não contar com ela*, pensava Celticus. Olhou para os dois escravos parados, já na boleia.

— Vão! — Mas nada. Foi quando percebeu para onde miravam, perplexos.

Na entrada da propriedade, as portas abertas para a partida da carroça eram bloqueadas por um homem montado a cavalo, aspecto cansado, ainda encharcado pela chuva do último dia e com olhar febril — em mais de um sentido.

— Já de volta, senhora Arlene? — perguntou Marcus, a voz ligeiramente rouca proferindo um sarcasmo com o qual não estava acostumado. — E já vai partir de novo?

Ninguém respondeu. Marcus ergueu uma sacola, que continha um volume arredondado.

— A semelhança é notável. — Olhava para ela e o menino, que se abraçaram. Marcus saltou da sela, largando a sacola e puxando a arma de fogo. Os escravos pularam da boleia, prontos para algo mais drástico, empunhando porrete e adaga. Mãe e filho pularam da carroça também, correndo para trás de Celticus, que se adiantou para impedir o executor.

Nada mais sendo dito, Marcus avançou, sem disparar a arma. Não preparara o esteio. Mas uma fulminata em suas mãos tinha outro uso. Com ela, o governador recebeu um golpe na boca do estômago e caiu no chão. Em seguida foi a vez do escravo com a adaga. Marcus rodou a arma e o fez beijar a coronha de cedro, estatelando-se inconsciente. O segundo se engalfinhou com ele, e ambos seguraram-se nos braços, impedindo que a

arma fosse usada novamente como porrete. Marcus a largou e tentou puxar o gládio. Pontapés e algumas cabeçadas foram trocados, com vantagem para Marcus, que, afinal, sacou a espada curta. A lâmina estava cada vez mais próxima da garganta do escravo, subjugado pelo executor.

A explosão de uma fulminata disparada cortou o ar e paralisou a todos de susto. E não era a de Marcus.

Um gigante louro de ar determinado a empunhava. Ao lado dele, em seu cavalo, uma mulher de armadura, similar à de Marcus, segurava firme as rédeas. O grandalhão imediatamente passou a recarregar a arma. Não se demoraria no processo.

— Calma, garota! — ela murmurou para a égua. — O que os estranhos vão pensar...? Ah-hem... Esta é a casa do governador Glinius Gneu Celticus?

No chão, tudo o que o governador pôde pensar foi que executores deviam estar em promoção, nas redondezas. Levantou-se e procurou recobrar o fôlego, apesar da dor. A recém-chegada

passou um documento ao grandalhão que, apressadamente, levou-o até o governador, curvando-se diante dele, bastante respeitoso. Por pouco Celticus não recuou perante o avanço do germânico, de cabelo rente e olhar torto. Tomou o documento e percebeu que o selo fora refeito algumas vezes, com o timbre do governador de Londinium intacto. Mas não era uma missiva dele. Era de Roma. Leu e ergueu uma sobranceira impressionada.

— São credenciais que... falam por si mesmas, Executrix Nubia. — Sentiu-se estúpido por apenas crer na palavra de Marcus. Mas, se não se pode crer na palavra de um executor...? Devolveu a carta, sem saber ao certo se fora salvo ou se a situação apenas havia piorado. O lictor correu de volta para junto de sua chefe.

— Pois bem. Estamos devidamente apresentados, por enquanto. Governador, o que está acontecendo aqui? — ela perguntou, os olhos porém correndo para os de Marcus.

Quirina Petrus Nubia era chamada conforme o costume romano: recebera o nome de seu pai, um

liberto que, como qual, adotara o nome da família de seus ex-senhores. De pele negra como o pai, recebera o mesmo cognome.

Pela capacidade de quebrar narizes, recebera treinamento. Pela capacidade de ir a extremos para corrigir injustiças, alcançou seu posto e a benção da deusa.

— Executrix! Por favor, salve a minha família! Este homem está fora de si...!

— Calúnias de um traidor! — vociferou Marcus, livrando-se do escravo e ameaçando avançar.

— Psst! — ela interrompeu, com o indicador sobre os lábios. — Não me faça atirar em você, Marcus. Em última análise, é para isso que estou aqui — girou o polegar para o lictor —, e minha mão não erra.

Virou-se para o governador, aguardando explicações. Celticus respirou fundo.

Contou rigorosamente os eventos dos últimos dias. Contou também sobre o azar de tão nobre alma como sua devotada esposa ter tido como irmão um ser espúrio como Arlen, de maneira a

inspirar piedade. Celticus não sabia, é claro, com quem estava falando.

Pesou em seu favor, porém, ter revelado onde o conspirador se entocara e combinado uma estratégia com Marcus, mantendo tudo em segredo. O que foi confirmado pelo executor, ainda que a contragosto. De fato, não houvera ninguém à sua espera ou de tocaia, durante a viagem ou no morro funerário. Arlene, no entanto, foi do medo à raiva em dois segundos, com a confissão. Celticus baixou os olhos. Nubia não gostaria de estar em sua pele.

Não havendo mais nada por hora, sinalizou para o lictor continuar de guarda. Foi até Marcus e o puxou de lado.

— Vai ser assim? — ele rosnou. — Vai deixá-los ir? Logo você?

Ela aguardou que ele terminasse, com os olhos duros. Então, perguntou:

— Há quanto tempo você reza, sem resposta? Onde estão aqueles sonhos que sempre o guiaram? Nada, desde que deixou Roma, correto?

Marcus desviou o olhar. Para o chão, para o céu, para lugar nenhum.

— Onde está a garota Domitiana?

Ele travou os lábios, mas não evitou que as palavras desengasgassem, atropeladas.

—... m-matei. Eu a matei!

Quirina não pôde evitar o pensamento de que deveria ter apostado diferente. Esperava que o lictor não tivesse ouvido. Mas o sorriso discreto indicava que sim. Paciência. Voltou-se para Marcus.

— Você matou inimigos de Roma. Você matou os últimos conspiradores da traição albaserpa. Se não consegue entender isso, não era para estar aqui em primeiro lugar. Agora deu no que... — Face à resistência crescente de Marcos, insistiu: — *Agora me escuta!* Você veio aqui pelas razões erradas! Deu no que deu. Culpa sua, culpa dela, culpa de Arlen, culpa de ninguém! O que está feito, está feito. A única coisa sólida é você ter violado os regulamentos: envolveu-se em um caso por um motivo pessoal, partindo sem aval de ninguém para ministrar a lei. Como já me disseram várias vezes, *não é assim que se fazem as coisas.*

Marcus olhou para o chão, derrotado. Dissera aquilo inúmeras vezes para aquela sua aluna.

— Você esteve prestes a cometer atos bem mais imperdoáveis. — Com o rosto, ela indicou mãe e filho abraçados em um canto: ele ainda chorando de medo, ela, de raiva. — Atos que o homem que conheci jamais se perdoaria, não importando se fossem executados por ordem oficial ou édito divino.

Tocou em seus ombros, mas, em vez de abraço ou acolhimento, arrancou-lhe a presilha com a insígnia.

Foi até o cavalo e amarrou a munição e a fulminata de Marcus na lateral da sela. Buscou a sacola trazida por ele e checkou com certo nojo a cabeça de Arlen. Um saco menor, junto, chamou-lhe a atenção. Continha um pó escuro, de cheiro peculiar. Ponderou sobre o significado daquilo antes de fechá-lo e guardá-lo no alforje. A sacola com o prêmio tétrico amarrou atrás da sela, do outro lado.

Dirigiu-se ao governador e sua família, ainda bastante receosos.

— Este assunto não terminou por inteiro, governador. Estou disposta a interceder pelo senhor

diante de tanta honestidade aqui apresentada. Voltarei dentro de um mês, e tenha certeza que conversaremos.

Não esperou os agradecimentos de Celticus, voltando logo para galgar sua montaria. O lictor montou em sua própria, um pouco mais atrás. Ela trotou até perto de Marcus.

— E você me deve, Quintus. Eu sou a favor de que Nemesis tenha sua devida representação, exatamente para casos como esse. E não tenho escrúpulos em executar em nome dela. Um dia ainda me farei ser chamada por *Alecto*. Mas por sua causa, adivinhe com quem *eu* ando sonhando, desde Roma?

Ele ficou sem entender, por um momento. Não era a resposta de sempre.

— “Flores amarelas para os cachos da divina Justitia, flores brancas para vestir a doce Clementia, espinhos para a tortuosa Nemesis” — recitou, indignada. — Flores brancas, Marcus. Com flores brancas! Onde estão meus espinhos?! — Suspirou fundo. — De forma que, em vez de arrastá-lo a ferros daqui até Roma *como é o meu*

*dever*, estou disposta a mandar você direto para os braços de Clementia.

— Vai deixá-lo ir assim, livre?! — indignou-se Arlene, que havia escutado parte da conversa. — Glinius, você...!

Calou-se diante do olhar que recebeu de Nubia.

— Livre, senhora? Não. Em se tratando deste aqui, isso é qualquer coisa, menos liberdade. — Virou-se para ele. — Vai-te embora, Marcus Quintus Aquila. Deixe essa família em paz. Busque pela Terceira Irmã. E retorne para casa somente quando entender tudo isso.

Ele baixou os olhos. O que negara desde que saíra de Roma não era mais possível ignorar. Cabisbaixo, titubeou ao primeiro passo. Mas outros se seguiram, e Marcus deixou a casa do governador sem olhar para trás. Minutos de longo silêncio acompanharam.

Só então Quirina puxou as rédeas. Por ora, bastava de Britannia Ultima para ela. Deixaria para trás gente assustada e alguém que perdera o rumo — e que, para voltar, teria que trilhar pelas

incertezas da redenção, preso à própria consciência durante uma longa caminhada. Por isso, ao partir, ainda lhe desejou:

— Apenas não demore. Você faz falta.

• • •

LUIZ FELIPE VASQUES é designer gráfico. Participa ocasionalmente de antologias do gênero fantástico e co-organizou duas, *Super-Heróis* (2013) e *Monstros Gigantes - Kaiju* (2015), ambas pela editora Draco. Participa da organização dos prêmios de literatura fantástica Argos e LeBlanc. É o responsável pela Sextas de Sci-Fi, a coluna do blog do Planetário do Rio sobre Ficção-Científica e dá pitacos sobre gênero fantástico em seu próprio blog. É o atual presidente do Clube de Leitores de Ficção-Científica (2019-2021).

- [blogdefc.blogspot.com/](http://blogdefc.blogspot.com/)
- [planeta.rio/blog/](http://planeta.rio/blog/)

# TRÊS DESEJOS

ANDRIOLLI COSTA

*O diabo, na rua, no meio do redemoinho.*

**A**LUA ERA BOA, a hora era morta, o lugar era aquele. Encruzilhada. Não há canto melhor para quem se vê descaminhado. Pedro vacilou os últimos passos, iluminando o caminho com o celular. Devia se ajoelhar? Deixou o aparelho de lado, lanterna para cima, e curvou-se sobre o joelho esquerdo. Tirou do bolso uma faca de serra, furtada da gaveta de casa, e sacou um naco de fumo de rolo, comprado naquela mesma data no mercado público. Seria esse o certo? Parecia *antigo*. Separou uma a uma as sete pernas de tabaco trançado, escuro feito melaço, cortou pedaços grossos e os espalhou pelo chão. Torcia para que fosse o bastante. Só faltava o chamado.

O primeiro assobio saiu entre os dentes, quase um sopro apreensivo. Lembrou de um antigo alerta da avó: a morte levava mais cedo criança que

não sabia assobiar. No dia em que ouviu essa história, passou uma tarde inteira expulsando ar pela boca nervosa. Pedro caçou na lembrança o alívio de quando finalmente conseguiu pegar o jeito, acertando um sibilar estridente, daqueles de castigar os tímpanos. Tentou novamente, imitando o canto de um pássaro lamurioso. Tão distante, tão familiar. Nada. O livro avisava: para dar certo, carecia vontade.

Tentou mentalizar sua forma — ou ao menos como o imaginava. Não conseguiu. Tudo o que vinha eram quadros desconjuntados, como se tentasse dar estrutura a um sonho. Não, aquele não era o caminho. Buscou solidez em outro lugar, naquele sentimento que guardava tão fundo que era capaz de ancorar qualquer coisa, até a imaginação.

Saudade.

Tentou novamente. Assobiou. Os olhos fechados, ansiosos pelo querer ver.

*Ça-Cy-Pe-Re-Rê*

Sentiu o vento responder, assoviando de volta por entre as taquaras. Não estava frio, mas um

arrepio irradiou pelo corpo, direto da boca do estômago. Abriu as pálpebras quando sentiu a luz do celular se apagar, como se a bateria tivesse esgotado. E então, finalmente, escutou:

— *Por que me chama se não me conhece?*

A voz tinha cheiro de terra úmida, como a madeira que apodrece e dá lugar à nova vida. Seu toque era lúgubre, mas não triste. Pedro virou depressa na direção da lufada de ar adocicada, mas não enxergou nada. Ou melhor, quase nada. Havia uma sombra ali; ágil, sempre no limiar da visão, sempre em movimento. Respondeu para o nada.

— Eu... eu o conheço. Meu pai me ensinou. Sei tudo sobre você.

O rapaz ficou de pé, sentindo o cheiro da voz se transformar. Queimava a essência do fumo ofertado. Tinha dado certo. A sombra crepitava com uma brasnha acesa bem na altura do rosto.

— *Você veio preparado, Pedro de Oliveira, mas não me faça insistir na pergunta.*

Pedro engasgou.

— Eu... Eu quero fazer um pacto.

A última palavra saiu desafinada, como se a convicção tivesse ido embora junto com a voz.

— *Pacto?*

Pacto, sim. Ele tinha um desejo, e faria de tudo por isso. Sentiu o vento circulando seu corpo, sondando suas intenções.

— *Eu não faço pactos, faço acordos, tratados. Mas tudo tem um preço, rapaz. Você está pronto para pagar?*

As taquaras estalavam, ansiosas, ao largo da encruzilhada. Caminhos.

— *Você... Você quer minha alma?*

A sombra quase riu.

— *Deve estar me confundindo. O que eu faria com a sua alma?*

Pedro, pela primeira vez, se sentiu envergonhado.

— *Pedro de Oliveira, você me pede um desejo, não é mesmo? Pois eu lhe ofereço três. Esse é meu preço.*

— *Três desejos? — O sorriso escapou pela garganta. — Não é você que está se confundindo, agora?*

O vento estacou de supetão e Pedro chegou a sentir uma pontada de agonia achando que ele realmente tinha ido embora. Mas logo a voz voltou e, com ela, o toque de sua presença. O ar, então, quebrava com o amassar de folhas secas. Às vezes lembrava um estalar de língua, às vezes — e isso era o que mais lhe arrepiava — uma gargalhada. Quando a voz se fez ouvir novamente, veio num sussurro que era também uma sentença.

— *Moleque...*

Pedro estremeceu. De repente se sentia pequeno, muito menor que a sombra grave e insidiosa que o julgava. Encarava o chão, quando sentiu que ela parou de se mover. O bafo quente, cadenciado, bem acima da sua cabeça.

— Eu quero meu pai de volta! — explodiu ele.

O apelo saiu mais alto do que esperava. Tentou levantar os olhos, encarar o saci de frente, mas era impossível — como mirar algo que estava simplesmente perto demais das pupilas. Desviou os olhos, em agonia. Não foi interrompido, posto que continuou.

— Meu pai foi embora de casa quando eu fiz 10 anos de idade. Depois disso... nossa vida só foi ladeira abaixo.

O restante do relato foi vomitado com uma mistura de raiva e vergonha. Não que não gostasse da mãe, mas sentia que sempre se dera melhor com o pai. Ele, o rosto quadrado em altivez e fidalguia, era amante dos livros e das boas histórias, sempre pronto a ensinar alguma novidade para o fascínio do filho criança. Ela, bochechas redondas e olhos bovinos, vivia para a casa. Com a ausência dele, ficou super-protetora, carente e... sozinha. Ele queria o pai de volta; com ele viria a felicidade. A mesma de antes.

— *Está feito.*

E só ouviu silêncio.

Era isso? Pedro não ousou perguntar se era um truque. Voltou para casa sorrindo.

*Ventania*

Pedro encostou o carro ao lado da estrada, deixando os faróis ligados junto com o motor.

Chegar não foi difícil; a encruzilhada sempre chama os que dela precisam. Fosse pela memória, talvez nunca tivesse acertado. O mato, queimado, abriu espaço para uma grama rala e ressecada, donde se entrevia a vermelhidão daqueles torrões de terra. Do taquaral, só a lembrança do velho encontro. E o som. O campo estava limpo, mas o homem tinha certeza de poder ouvir o vento passando por entre tabocas fantasma.

Caminhou apressado para o entroncamento das ruas e ali dispôs uma travessa de angu, feito com fubá graúdo. Era só uma sombra na contraluz das lanternas. Havia muito que não assobiava, mas o som veio quase que de imediato. O silvo percorreu a noite, até se dissipar num eco infinito. A luz do carro se apagou e o motor morreu.

Só então ele ouviu.

— *Por que me chama se não me conhece?*

Pedro suspirou aliviado, quase rindo, enquanto o vento lhe sondava as intenções. Não virou o rosto na direção da voz.

— Eu te conheço. Você não mudou nada, saci!

Ele viera preparado. A travessa de angu logo sumiu de vista, mas o vento não pareceu mais amigável. O tabocal invisível estalava, irritado.

— *Já você... Está diferente, Pedro de Oliveira. Como vai seu pai?*

Ele não sabia. Fazia alguns anos que havia saído da casa da família e perdera contato. O clima era insustentável. O retorno do pai fora um júbilo, mas não demorou para que as coisas se complicassem. O velho começou a sair muito, sem dizer para onde ia. Às vezes dormia fora. Voltava nervoso, chegara a levantar a mão para a esposa algumas vezes — mas sem nunca completar a ameaça, reforçou. Depois de um tempo, descobriram o motivo que sempre esteve por trás. Ele tinha outra família, às escondidas. Passou a assumir as duas e “ficou tudo bem”.

— *E a sua mãe?*

— O que é que tem?

Silêncio. Chegou a pensar que o saci tinha ido embora. O ar ficou tão estagnado que Pedro, de repente, se viu respirando fundo. Cheiro estranho.

Parecia até... fumaça? As mãos suavam, os dedos agitados tamborilavam sobre a coxa.

— *O que você quer?*

A voz parecia mais grave, vindo de todas as direções. Pedro abriu um sorriso; era a deixa que precisava. Olhava para frente, mas nada via. Começou:

— É que... Tem uma garota...

Sempre havia uma garota. Mas essa era especial. Pedro sabia que ela era a pessoa certa, que seriam muito felizes juntos. Ela era toda linda, cabelos arrepiados e curtinhos, daqueles que deixavam a nuca de fora. Nos ombros, sempre desnudos, uma música da Marisa Monte. Quando ria, quase escandalosa, a boca demorava a fechar sobre os dentes enquanto o sorriso se despedia. Tudo que ela falava, ouvia com delícia, e soube que estava terrivelmente apaixonado quando ela olhou bem fundo nos olhos dele e sentenciou: era *sanpaku*. Alguma coisa a ver com a posição da pupila, coisa de japonês. Aquilo era tão deliciosamente estranho que ele só fez concordar e voltar para casa repetindo: “sanpaku, sanpaku”.

Mas havia um problema: ela não queria namoro. Dizia que monogamia não lhe caia bem, nem estava pronta para um relacionamento sério, coisas assim. Só que, se eles se davam tão bem, por que deixar passar a oportunidade? Quando Pedro fez a proposta, ela se afastou. E agora, mais do que nunca, ele se sentia perdido.

— *Não me faça insistir na pergunta, Pedro de Oliveira. O que você quer?*

A resposta veio urgente.

— Eu quero ela de volta!

O vento riu um riso irritado, trazendo consigo um frio que não estava lá.

— *Moleque...*

Pedro tremeu, mas não por medo da criatura. Temia não ter o desejo realizado. Insistiu no pedido, era tudo o que precisava. Um suspiro acompanhou a decisão.

— *Está feito.*

Tão logo a presença sumiu, os faróis do carro tornaram a iluminar a noite. Pedro celebrava, com a certeza de que não era um truque. Correu para casa, sentindo os primeiros pingos de chuva

despencarem. Gotas grossas, que escorriam pesadas pelo para-brisas. Ignorou. Nada lhe tiraria o sorriso do rosto.

### *Tempestade*

Pedro saltou o muro do condomínio, onde um dia já houve um tabocal. Não era morador, e não haveria forma de explicar na portaria o que viera fazer. Decidiu caminhar no escuro, acostumando os olhos com a noite, para evitar chamar atenção com alguma lanterna. Parou em um lugar indistinto, forrado de gramíneas compradas a metro quadrado. O tapete era tão bonito quanto falso. Ali mesmo se sentou, despejou no chão um trago de cachaça e, com os olhos refletidos na branquidão da morada da lua, assoviou.

— *Você me conhece, ainda assim me chama?*

Pedro permaneceu sentado, os olhos no firmamento. A boca dura, de empalidecer os lábios.

— Eu não sabia se você viria. Não tem mais encruzilhada aqui.

O riso do vento agora parecia uma tosse. Mas ainda era um riso.

— *Tem certeza?*

O homem sentia o peso de um olhar invisível sobre si. Fechou os olhos. A resposta lhe subiu pela garganta, amarga e quente feito refluxo. Engoliu. Sentiu o sondar do vento e voltou a cabeça para a frente, abrindo as pálpebras com força.

Mas ele já não estava lá.

— *Você está diferente, Pedro Oliveira* — escutou, sussurrado na orelha esquerda.

O vento farfalhava novamente, mas não em deboche. Em antecipação.

Pedro sentia a mandíbula ainda tesa, os dentes rangendo. Abriu a boca, mas não para falar. Tomou de assalto a cachaça ofertada e se serviu de um longo trago direto do gargalo. O calor da bebida rasgava a garganta, mas abria caminho para a voz, que voltou em um muxoxo.

— *Desculpe* — disse, colocando a garrafa aberta logo ao seu lado. Os olhos úmidos, o nariz escorrido, a barba molhada. Voltou-se novamente para o céu estrelado, mais pelo movimento que pela

contemplação, e tentou deixar a tristeza descer goela abaixo.

Ele esperava um gargalhar, que dessa vez não veio. Em troca, recebeu silêncio. Só que não era a mudez do abandono ou do desinteresse. Era um silêncio cúmplice, marcado pelo frio que lhe subia a espinha quando sentiu a presença atrás de si. E assim permaneceram, durante sabe-se lá quanto tempo; dois velhos amigos na relva, de costas um para o outro e dividindo a bebida.

Será que o saci também olhava o céu?

— Nós ainda estamos juntos — cuspiu Pedro.

A frase pesava tanto quanto a marca do anel no indicador da mão esquerda, já vazio. Ele não via mais sentido em usar.

— Um dia eu cheguei em casa e ela tinha preparado a janta. Tinha vinho, tinha massa, tinha tudo. Então veio a proposta...

— *Quem diria? Parece que você fez um pacto.*

Pedro riu de desgosto. Um acordo, corrigiu. E ele havia aceitado. Só não conseguia mais lidar com a decisão.

— *Você tinha escolha.*

— Se eu tivesse recusado, eu a perderia...

— *Isso é uma escolha.*

— Eu sei.

— *Ela nunca escondeu o que queria.*

— Eu sei!

— *E agora, o que você quer?*

A boca entortada, as palavras presas.

— *Pense bem, Pedro de Oliveira. Esse é seu último e verdadeiro desejo.*

O choro engasgado, o pedido doía sair de dentro do peito.

— *Você já pediu a volta do seu pai, prendendo o destino de sua mãe ao dele. Você pediu sua mulher de volta, prendendo o seu destino ao dela. E agora, o que quer de volta?*

— Minha vida. Eu quero minha vida de volta.

— *Você sempre viveu pelos outros. Não posso devolver o que nunca teve.*

O homem engoliu em seco. Os olhos perdidos começaram a ganhar um foco. No meio da noite escura, iluminado apenas pelas estrelas, ele viu um luzezinho começando a acender, o cheiro de fumo

se espalhando no ar. Era tão... familiar, que apaziguou seu coração.

— Eu... posso começar de novo?

— *Tudo tem um preço. Está disposto a pagar?*

Déjà-vu.

— Minha alma?

— *Que alma?*

O ventou riu, impiedoso. Pedro sorriu. Era tudo o que podia fazer.

— Eu faço. Não interessa o que for, eu faço.

— *Pois está feito.*

Pedro não percebeu nada de diferente em si mesmo. A mesma barba mal feita, as mesmas entradas inclementes, a mesma dor no peito. Só podia ser um truque. Diante do rosto incrédulo, a voz continuou.

— *Vá para casa, Pedro de Oliveira.*

— Ela ainda estará lá?

— *Sim. Você sabe o que fazer.*

Engoliu em seco. Não sabia se teria coragem.

— *Você não estará sozinho.*

Foi a vez de Pedro sorrir, mas de gratidão.

— Estamos a tanto tempo juntos, saci. Eu não... Se a gente realmente terminar, o que pode acontecer?

— *Tudo.*

Pedro concordou. Tomou o último gole de cachaça e se levantou de um pique. De repente se sentia mais leve, quase que flutuando. Podia ser a bebida, podia ser o choro, podia ser a magia, ou ainda o encanto de uma decisão tomada. Começou a caminhar em direção à portaria. Ia sair pela frente. Deu sete passos para longe da encruzilhada que já não existia mais, e só então estacou.

— Companheiro, posso fazer uma última pergunta?

O silêncio concordou.

— Eu estava pensando em tudo o que fiz e... e a minha mãe? Você pode ajudá-la?

— *Depende* — respondeu o saci, mais sério do que nunca.

Pedro aguardou.

— *Ela sabe assobiar?*

*Redemoinho*



ANDRIOLLI COSTA é jornalista, escritor e pesquisador de folclore. Escreve ficção folclórica para mostrar que a cultura popular pode inspirar qualquer tipo de narrativa e gênero. Além das duas edições da *Antologia Mitografias*, integrou também a antologia de contos distópicos *Tudo Soma Zero* (Class, 2019). Ainda prepara uma coletânea própria, *O Colecionador de Sacis e outros contos folclóricos*, reunindo sua produção.

- [twitter.com/andriolli](https://twitter.com/andriolli)
- [facebook.com/colecionadoresacis](https://facebook.com/colecionadoresacis)
- [coleccionadoresacis.com.br](https://coleccionadoresacis.com.br)

# TESOURAS E EGOS

DÉBORAH HAPP

— **S**ÃO TÃO FRÁGEIS, não são? — disse a Moira, puxando um fio do tear.

— Os mais frágeis são esses grossos, que insistem em ficar sozinhos — respondeu a Moira, puxando o fio das mãos infantis da irmã.

A Moira passou o fio entre os dedos. Era mais grosso que o normal: escuro e liso. Mal se parecia com o ser humano delicado e triste que representava.

— Nelson dos Santos. 58 anos, engenheiro, divorciado, uma filha de 16 anos com quem nunca conversa e uma cachorra que se vira melhor sozinha — disse a Moira, lendo de páginas amareladas. O livro era tão grande que a idosa precisava segurá-lo com as duas mãos. Tão grande que estava acorrentado a seu pulso direito.

— Nelson dos Santos — a Moira completou — , hoje é seu último dia.

\*\*\*

Nelson dos Santos acordou cedo. Suprimiu a vontade de arremessar o celular para o outro lado do quarto quando lembrou que ainda faltava pagar cinco parcelas. Levantou-se e pôs os pés no piso frio. *Laika, vira-lata do caralho, cadê a porra do chinelo?*

As extremidades do corpo de Nelson estavam sempre frias. As mãos, os pés, o nariz e as orelhas. Ele estava sempre com as mãos nos bolsos, meias nos pés e um mullet ridículo para aplacar o frio. O nariz não tinha muito jeito. Ainda não tinham inventado um bom aquecedor de nariz, nem mesmo ali em São Paulo, onde lucrava-se com qualquer porcaria.

Apesar de sempre dormir de meias, elas acabavam sendo chutadas no meio da noite e esquecidas entre lençóis e edredons. Pisar no chão frio era, de longe, o pior momento do dia. Talvez fosse hora de mandar a maldita cachorra para a rua.

Saiu do quarto arrastando um único chinelo. O outro pé congelava a cada passo.

— Porra, Laika.

Como suspeitava, encontrou a havaiana esquerda sendo mastigada embaixo da pia da cozinha.

Nelson tinha comprado aquele apartamento com a ex-mulher logo que a filha nascera. Reformaram tudo do jeito que ela quis, bancadas de mármore e piso claro. Mas o dinheiro acabou na hora de mobiliar. O dinheiro e o amor. Ela levou a filha e foi morar com a irmã. Nelson ficou com uma cozinha sem armários e o chão gelado.

Ele se abaixou, puxando a havaiana da boca de Laika, e usou o próprio chinelo para dar dois tapas fortes na cabeça dela.

— Mas não aprende, não? Já falei mil vezes que não é pra roubar sapato.

Enfzado, Nelson se levantou rapidamente e bateu o topo da cabeça no mármore duro da pia. O mundo escureceu por um momento.

Laika ouviu um grito alto e não teve tempo de sair do caminho antes que o corpo pesado do dono

desabasse sobre ela. Suas pernas cederam enquanto amortecia a queda do dono e impedia que sofresse um acidente ainda pior.

O gemido de Laika fez Nelson voltar a si e perceber onde estava. Ele levou a mão à cabeça lentamente e sentiu o sangue quente brotando do couro cabeludo.

Que dia.

\*\*\*

A Moira segurava a tesoura fechada sobre o fio de cabelo estendido entre as mãos da irmã mais jovem.

— Ué — disse a Moira.

— Ué — respondeu a Moira.

— Mas como? — perguntou a Moira, voltando os olhos ao Livro da Vida para procurar respostas.

\*\*\*

— Nossa, Laika — disse Nelson, acariciando as orelhas da vira-lata. — Essa foi por pouco, hein?

Laika, que já tinha perdido a memória de curto prazo pelo excesso de pancadas na cabeça, abanou o rabo alegremente.

Nelson se levantou com cuidado, certificando-se de não tropeçar e se machucar novamente. Foi até o banheiro e lavou o cabelo na pia, como era o costume de todas as manhãs, para manter os fios no lugar. Sentiu o corte no couro cabeludo. Conseguia até imaginar a cara da ex-mulher, dramática, alertando-lhe para ir ao médico checar por algo mais grave. Imagina, foi só uma pancada.

Olhou-se no espelho e começou a pentear o cabelo. Os primeiros fios brancos tinham aparecido naquele ano, sorrateiros, colorindo as entradas. Essas sim, quando surgiram, foram traumáticas. Aos trinta e poucos anos, a calvície chegou, junto com a Finasterida e a impotência. A ditadura da beleza era realmente muito cruel.

\*\*\*

— Será que perdeu o corte? — sugeriu a Moira.

Ela passou a lâmina da tesoura na ponta dos dedos. Nada aconteceu.

— Estranho — disse a Moira. — Faz tempo que isso não acontece.

— O tempo — disse a Moira, balançando o braço livre no ar — não existe.

— Tenta explicar isso pros dinossauros — disse a Moira, brincando de fazer ondinhas com o fio em suas mãos.

A Moira escolheu uma pedra entre as que estavam no chão a seus pés. Era maior e mais lisa que as outras, perfeita. A entidade afiou a lâmina da tesoura. Testou-a na palma da mão, de onde brotaram pequenas gotas de orvalho vermelhas.

— Moira, vamos novamente.

As Moiras voltaram a seus postos. A donzela, com o fio estendido entre as duas mãos macias; a mulher com a tesoura aberta na mão, de onde escorria um pequeno fio vermelho; e a velha, com o Livro da Vida aberto nas mãos nodosas.

— Nelson dos Santos — anunciou a Moira por cima do seu enorme livro —, hoje é o seu último dia.

\*\*\*

Nelson chamou um táxi pelo celular. Geralmente ele só andava com o próprio carro, mas hoje era dia de rodízio e não dava para correr o risco de perder a carteira mais uma vez. Sentou no sofá para calçar os sapatos. Olhou o celular de novo. Nenhum táxi chegaria perto da sua casa pelos próximos 20 minutos. Malditos aplicativos. Era mais fácil pegar um carro na rua.

Saiu de casa e foi até a principal. Andava sem prestar muita atenção, mergulhado nos próprios pensamentos. Hoje era aniversário de Juliana, sua filha. Nelson não se lembrava quantos anos ela estava fazendo, 16 ou 17. Ele preferiria que ela continuasse sendo a princesinha do papai de 8 anos de idade, em vez da sabe-tudo que se tornou, igualzinha à mãe. Advogava a favor do feminismo, veganismo e agora inventara que nem canudo podiam mais usar. Por ele, todas as crianças seriam colocadas em colégios internos e isoladas da sociedade entre os 13 e os 23 anos, só saindo quando soubessem conviver em sociedade. Mesmo

assim, precisaria ligar para ela em alguma hora do dia. Faria isso assim que chegasse ao escritório, ou a ex-esposa iria lhe encher a orelha por ter esquecido três anos seguidos.

Parou abruptamente. A avenida não costumava ser muito movimentada. No máximo, havia um morador de rua ou outro pedindo moedas para a cachaça. Mas, esta manhã, tudo parecia mais dramático.

— Puta que pariu, que perigo! — reclamou Nelson para ninguém em particular.

Havia um bueiro destampado na calçada, perto do ponto do táxi, bem no meio do seu caminho. Distraído, Nelson quase tinha dado um passo errado e caído dentro dele. Teria sido a segunda vez em uma manhã que quebraria a cabeça. Escapou por quase nada.

\*\*\*

A confusão das Moiras estava se transformando em frustração. A tesoura, manchada

de sangue, estava fechada em cima do fio ainda tenso entre os dedos da Moira.

— Limpe este objeto imprestável! — disse a Moira. — Deve ser por isso que não está cortando.

A Moira limpou a tesoura na sua saia cinza, um apanhado de tecidos de eras diferentes, que acabara de ganhar uma nova mancha de sangue. Para ter certeza, a Moira segurou a tesoura em cima da fogueira que aquecia as três irmãs. A ferramenta esquentou até as lâminas ficarem vermelhas e a pele da Moira encher de bolhas e pústulas.

— Agora vai — disse a Moira.

Todas a postos. Livro da Vida em mãos. A tesoura tão flamejante que bastava tocar no fio para arreventá-lo.

— Nelson dos Santos — anunciou a Moira —, hoje é seu último dia!

\*\*\*

Nelson conseguiu um táxi.

— Um buraco aberto daquele tamanho, acredita? Eu não votei no prefeito pra ele deixar a cidade desse jeito. Eu podia ter morrido!

O tempo havia passado para Sebastião. Depois de 30 anos dirigindo táxis por São Paulo, ele havia se desiludido por política. Enquanto antes esbravejava sobre prefeitos, governadores e presidentes com seus passageiros, hoje em dia preferia botar a rádio sertaneja e se lembrar dos doces beijos da sua falecida Jurema.

— Ô, meu senhor, foi só um susto — disse Sebastião. — Agradece que cê ainda tá vivo.

Sebastião ligou o pisca-alerta calmamente e entrou na Marginal. Sebastião detestava dirigir até a Berrini.

— Foi o segundo susto só hoje! — continuou Nelson. — De manhã eu quase morri batendo a cabeça na pia. Sorte que minha cachorra tava embaixo pra me salvar, senão sei lá o que aconteceria comi...

Nelson foi arremessado com força para frente. Sentiu o cinto de segurança marcar a pele sob a camisa azul clara como um ferro de passar.

Quando olhou para frente viu um enorme caminhão atravessando a pista, descontrolado.

— Terceiro susto hoje, hein? — Sebastião escondia o desconforto com piadas desde menino.  
— Seu santo é mesmo muito forte.

\*\*\*

— Não pode ser! — disse a Moira.

— Bom, eu desisto — disse a Moira.

— Talvez seja a hora de fabricarmos uma tesoura nova.

A Moira devolveu o fio grosso à roca. Ficaria para outro dia. Depois ela se voltou para as feridas da sua irmã. Envolveu sua mão esquerda em unguentos naturais e panos de algodão puro. A tesoura foi jogada na fogueira e, aos poucos, consumida.

A Moira corrigiu a data no Livro da Vida e voltou a repousar. Os destinos de muitas vidas teriam que ser reescritos e, apesar de saber que o tempo não existia, sabia que esse processo daria

muito trabalho. As Moiras nunca tiveram um dia tão estressante.

\*\*\*

— Três vezes em um dia!

Apesar de terem quase a mesma idade, Nelson estava fascinado com a destreza de um motorista tão velho. Ele também estava muito feliz de poder conversar com um igual. Talvez o seu santo fosse mesmo muito forte. Talvez ele próprio fosse mais forte do que julgava ser. Talvez Juliana e sua ex-esposa devessem saber disso.

— Mas eu tô bem cansado, viu? Acho que preferia morrer.



DEBORAH HAPP é escritora e roteirista. Formada em Midialogia pela Unicamp. Mestre em Estética e História da Arte pela USP. Autora da novela *Carregue meu Cadáver* e roteirista da websérie *Dilemas de Gente Branca*. Publicou diversos zines e tem contos na coletânea *Curva de Rio*, da Editora Giostri, e *Carne de Carnaval*, da Editora Patuá, e nas Revistas *Raimundo* e *Gueto*.

- [twitter.com/deeeehapp](https://twitter.com/deeeehapp)
- [instagram.com/deeeehapp/](https://instagram.com/deeeehapp/)
- [felimpropano.blogspot.com.br](http://felimpropano.blogspot.com.br)

# EPIFANIA

ISA PROSPERO

**O** TEMPLO ESTÁ QUEIMANDO e ela não vê. Não sabe, enfurnada numa sala escura na ala oeste do complexo, que um fio desencapado acendeu uma centelha no outro extremo, que a centelha tornou-se uma chama que lambe as paredes brancas como os dedos róseos da aurora estendendo-se para os céus, e que a chama vai ganhar força quando encontrar a madeira envelhecida do piso, dos altares, das portas, então se espalhar sem controle pelo resto do edifício.

Não sabe pois não pode ver como nós: por cima e pelos lados, através das rachaduras na tinta, além do mofo no teto, por trás dos olhos de coisas há muito mortas. Estará em uma sala escura quando acontecer, diante de milhares de fragmentos de pedra, tentando fazer sentido deles. A mesa será iluminada por uma única lâmpada a gás que emite uma luz bruxuleante, porque a eletricidade acabou muitos meses atrás. Mais tarde ela vai se perguntar se a tragédia já estava

anunciada então, mas a verdade é que remonta a anos, décadas, séculos, à própria origem dos seres humanos, e que nada podia impedi-la.

Acontece que as pessoas gostam de apontar o dedo e dizer *ali*. Foi *ali*. Um motivo a que atribuir a culpa. Uma relação de causa e efeito. E não podemos culpá-las. As pessoas gastariam muito tempo de suas vidas fugazes tentando entender as histórias, e estavam certas, pois uma história é uma coisa complexa, mas também erradas, pois é a coisa mais simples do mundo, e portanto a divisão mais elegante ainda é esta: começo, meio e fim.

O único problema é encontrar um começo em meio a uma infinidade de começos e um fim em meio a uma infinidade de fins, e encaixar o meio, essa coisa maleável, composta de uma miríade de instantes, entre uma ponta e outra.

Mas temos experiência em histórias.

Então, o começo:

Ela chegando ao templo, acolhida por outros que também acreditavam valer a pena proteger esse lugar. Na época ainda havia muito movimento: certa preocupação, sim, mas também trabalho e

reuniões, máquinas ligadas e funcionando, campanhas, visitantes, doações, protestos, aulas, vaivém. Foi por isso que chegamos aqui, atraídas naturalmente aos nossos templos.

Não é um templo, alguns diriam. (Os deuses, vaidosos e rancorosos, se retiraram deste plano há muitas eras, irritados pela falta de adoração.) É verdade que não faziam oferendas nem pronunciavam nossos nomes, mas as pessoas que percorriam esses corredores eram sacerdotes e sacerdotisas, quer se vissem dessa forma ou não. Especialmente ela, com sua energia incansável e sua fé inabalável. Aqui encontrou sua razão. Aqui passou dias e meses e anos. Aqui resolveu ficar.

Mas sua história poderia tomar volumes. Todo começo contém centenas de milhares de pequenos instantes; cabe ao contador da história escolher um que represente o final. Nós escolhemos — você verá por quê — os fragmentos. Eles chegaram aqui em caminhões, recuperados depois de um terremoto, e a mantém ocupada desde então. Quando foi mesmo? Muitos, muitos dias humanos atrás. Um piscar de olhos para nós, mas para ela

anos que mudaram sua aparência e criaram rugas em seu rosto enquanto tentava montar o quebra-cabeça. Gostávamos de observá-la nesses longos dias e noites, esvoaçando, mudas e invisíveis, ao seu redor, enquanto ela mexia nas peças com um cuidado ritual. Sabíamos muito que poderia ajudá-la — muito que ela adoraria saber —, mas, quando tentávamos transmiti-lo, descobrimos não saber mais como (o desgaste, entenda, vem para todos, pessoas e edifícios e divindades; faz muito tempo que não nos chamam e desaprendemos a falar).

Mesmo assim, figuras começaram a emergir. Ocre sobre barro. *Pinturas*, ela dizia a seus alunos, *feitas para garantir uma boa caçada. As pessoas faziam desejos como uma forma de magia.* De noite, ela desejava também: que os alertas fossem exagerados, que tudo desse certo no final, que alguém em algum lugar fizesse algo para reverter a maré.

Seus desejos — suas preces — não foram atendidos.

Por isso o meio:

A terra em convulsão, os últimos espasmos de um planeta esgotado. Mas essa imagem é ampla demais e os humanos têm dificuldade em abarcar o todo, então é preciso reduzir e especificar: reuniões, pedidos de verba/bolsas/subvenções, tentativas de convencer os governantes a subsidiá-los. Emergência nacional, então a ruptura das fronteiras e a emergência generalizada de populações em fuga. Estado de calamidade. O esvaziamento: a fuga à medida que os recursos acabavam, que água limpa se tornava luxo, que os animais morriam envenenados e as plantas não cresciam no solo castigado. Restaram poucos, os que não tinham família ou já estavam cansados demais para fugir. Estes foram morrendo um a um.

Até que sobraram apenas dois: ela e outro. Ele se foi alguns meses atrás, consumido por uma doença que o devorava por dentro. Ela o enterrou no jardim, abrindo uma cova com golpes duros de uma pá. Não chamou os soldados para ajudar, porque suspeitava que os mortos eram carbonizados sem cerimônia e ele era seu melhor amigo, e porque odiava os soldados e seu

pragmatismo. Os soldados, ela se lembrava bem, convenceram os governos a dar-lhes tudo que restava para combater as ondas de imigrantes fugindo de suas terras devastadas, enquanto tudo que ela conseguiu de seus representantes foi uma promessa de que não iam expulsá-los do templo — e só porque ninguém mais tinha interesse no que se encontrava lá.

Depois, ela ficou sozinha. Poderia ter sido o fim. Poderíamos parar por aqui e *seria* um fim: aberto, até esperançoso. Mas não conseguimos deixá-la, então há mais.

Ela não conseguiu cuidar de tudo. Tentou — como tentou!, pulando de uma coisa para outra, limpando, esfregando, polindo, escrevendo, registrando, salvando! — mas o fogo era inevitável. Já vimos acontecer: o mundo estremece e as pessoas abandonam os antigos lugares. Há pilhagem, destruição e lenta degradação. O prédio grunhia como uma fera adormecida. Umidade se infiltrava pelas paredes. Cupins corriam sob os pisos. As luzes se apagaram, as máquinas desligaram e o calor não dava trégua.

A cena pronta para o clímax.

O fim:

A centelha. Ainda há mais coisa para acontecer, certo, ela ainda nem sabe da centelha, mas a centelha é o fim, não só deste templo, mas de algo maior e mais significativo na trajetória humana. Mais tarde, muitos chorarão sua perda — os que ainda têm espaço na alma para se preocupar com algo além da sobrevivência imediata, os que ainda conseguem ver além (e que olham para trás, com desalento, desespero e nostalgia). Estes perceberão que uma tragédia aconteceu, enorme entre as incontáveis pequenas tragédias diárias.

Mas agora só há ela, sentada aqui diante do seu quebra-cabeça. *Ei*, tentamos, mas não lembramos como nos comunicar com eles. Faz tanto tempo. *Escute!*

Talvez ela sinta o cheiro da fumaça ou o crepitar das chamas — arrasta a cadeira para trás e se levanta com espanto e terror no rosto. Nesse ponto, o fim já está escrito. O do templo, pelo

menos. Mas não o dela, não se sair depressa, correr e deixar tudo para trás.

E é claro que ela corre — não do fogo, mas em direção a ele.

*O que está fazendo?* Nosso grito não a faz parar. Se pudéssemos apenas *lembrar...*

Ela tenta salvar o que pode. Tabuletas assírias, sarcófagos egípcios, máscaras bambaras, estelas romanas, múmias incas, vasos chineses, cerâmicas gregas, pergaminhos em línguas e alfabetos emudecidos, reunidos em um último esforço de preservação quando as sociedades começaram a cair uma por uma. É claro que não consegue e não vai conseguir, é claro que ela sabe disso, é claro que ela pensa em queimar junto com o prédio.

Inaceitável. Fogo era usado em sacrifícios, mas esta oferenda não é voluntária e a rejeitamos.

*Escute!* Maldição. Como fazíamos mesmo? Lembrem-se, lembrem-se, é sua natureza *lembrar...*

Ela abre janelas e lança livros para os jardins, volumes com capa de couro e papiros e pergaminhos; atravessa corredores, quebra

vidraças e arranca placas e relógios e moedas e outros pequenos itens que não sentem um toque humano há eras, enfiando-os em sacolas e bolsos e olhando em torno do acervo prestes a desaparecer em fumaça.

Uma viga racha com um gemido aterrador. O prédio solta um lamento estrutural. *Vamos! Deixe as joias! Esqueça as espadas!* Quando parece que vai sair, ela dá meia-volta e corre para o lugar de onde veio.

Você entendeu, é claro: os fragmentos. Desenhos em ocre feitos numa caverna numa época em que mesmo nós três éramos jovens. O começo de algo, o nascimento de uma espécie em ascensão. É conveniente, *poético*, que estejam presentes para o final. Ela para na frente da enorme mesa que abriga o quebra-cabeça, sem saber o que fazer, congelada. *Corra!*, tentamos gritar. O que são pedras comparadas à batida de um coração? Os antigos, apesar de todas as suas lacunas e equívocos, sabiam de uma coisa: prédios desabam, mas canções sobrevivem ao fogo.

Sim. Como diziam mesmo? *Cante, musa.*

Era assim que nos chamavam, falando com uma ou outra ao sabor da ocasião, até triplicando nosso número para englobar as suas artes crescentes, embora fôssemos três:

A voz.

A prática.

A memória.

Tão unidas e entrelaçadas que nem nós sabíamos — nem nós sabemos — distinguir uma da outra. Quer outro segredo, aqui no fim do conto e no fim de tudo? Eles sequer precisavam de nós. Faziam história a cada respiração.

Ela começa a chorar, apertando a borda da mesa enquanto soluços estremecem seu corpo. *Entendemos*, queremos dizer. Aqueles que não mais respiram deixaram suas vidas aqui. Mas o prédio está envolto em chamas e logo não haverá outra chance. Ainda há uma rota de fuga — conseguimos vê-la por cima e pelos lados, através das paredes e da madeira carcomida, por trás dos olhos ardentes de cadáveres embalsamados. Só precisamos dizer a ela, como fazíamos ao soprar no ouvido dos poetas — não, não soprar. Não falar. Cantar. Clara como

um sino, precisa como uma flecha! Mais tarde ela vai pensar nesses momentos e duvidar de que ouviu mesmo a música, achando ter imaginado a melodia que lhe inspirou um caminho para a segurança. Por enquanto sabe apenas que tem segundos para decidir entre vida ou morte.

Ela hesita. Então segura um único fragmento de história e foge, enquanto o mundo acaba ao seu redor.

• • •

ISA PROSPERO nasceu em Piracicaba e mora em São Paulo, onde traduz, revisa e acumula livros. Publicou histórias de ficção especulativa em revistas como *Trasgo*, *Mafagafo*, *Superinteressante*, *The Fantasist* e *Strange Horizons* e participou dos três volumes da antologia *Mitografias*. Para conhecer seus trabalhos, visite o site [www.isaprospero.com](http://www.isaprospero.com).

# PESSOA DO PLURAL

BRUNO LEANDRO

## II

**U**RUÊ TEVE NOÇÃO de si ao meio-dia. As manhãs eram difíceis e só se sentia melhor quando a tarde despontava. Franziu o nariz ao perceber um cheiro medonho vindo de si, se arrastou para fora do cercadinho da cama em direção ao chuveiro e se livrou penosamente dos restos de comida, entre outras coisas, que cobriam seu corpo. Esfregou vigorosamente os cabelos e a barba ruiva e arrancou o lodo sob as unhas. Não aguentava mais aquela vida. Se pudesse, destruiria tudo a seu redor. Porém, a noite não seria generosa. Era melhor seguir o fluxo, enquanto conseguia.

## I

O bebê chorava e chorava a plenos pulmões. Suas lágrimas eram de cortar o coração, mas não havia ninguém por perto para cuidar dele. Sua fralda estava cheia e ele havia golfado o resto da comida de volta. A Mãe havia saído de casa pouco antes e não voltaria até o início da madrugada. Ele estava à própria sorte, mas não tinha noção disso. Sua dor se refletia no rosto vermelho de tanto chorar, quase da mesma cor de seu cabelinho ralo, que crescia de forma tímida.

### III

O crepúsculo dava lugar à escuridão noturna, e o velho senhor atravessava o portal de casa apoiado em sua bengala. Logo a cuidadora apareceria com seus remédios, os fraldões e a maldita esponja para o banho noturno. Detestava a fraqueza que o fazia depender de estranhos. Logo ele, que tão pouco tempo antes havia sido forte como um touro. Agora era apenas uma figura patética, quase desdentada, com ralos fios de cabelo e uma barba tão branca, na qual não se

notava mais o vermelho vivo de antes. Queria morrer para dar fim a seu sofrimento, mas isso de nada adiantaria. Sua morte apenas reiniciaria um ciclo que não conseguia quebrar por si mesmo.

## I

Às vezes, o bebê era um menino. Era mais fácil ser um menino — e também mais divertido. Ele fazia amizade com outras crianças e corria pela cidade de igreja em igreja. Davam-lhe comida e esmola e até ofereciam educação e um lar, mas nunca o que ele precisava, nunca o que ele queria. E ele não podia dizer seus desejos, pois era como se lhe queimassem a língua. Então o garoto corria e corria e corria e corria...

## II

O homem corria. Às vezes, era mais moço. Outras, mais maduro. Mas sempre homem. Viril, capaz. Corria para o trabalho, corria do trabalho, corria dos homens e corria às moças. Era bonito,

algumas aceitavam o galanteio. Outras o recusavam, até o estapeavam quando era atrevido demais. Urué não sabia se queria ou não agir daquele jeito, mas culpava os hormônios em vez de si mesmo. Dizia não resistir ao encanto, mas que encanto forçaria alguém a assediá-la outra pessoa? Ele precisava inventar desculpas melhores — ou ter atitudes melhores —, lhe diziam. Ele se sentia pecador e pedia a bênção. Ninguém o abençoava, ninguém o entendia.

### III

O idoso confiava a barba e, sem que ninguém visse, tirava um ás ou um rei de algum lugar. Era esperto como ele só. Uma tosse mais forte e fazia a canastra. Nenhum dos outros velhinhos conseguia provar sua trapaça, pois vinha fácil como respirar, embora isso fosse difícil quando a idade estava avançada demais. Mas nem sempre era tão velho assim. Alguns dias, é claro, eram melhores do que outros. Apenas duas coisas não mudavam: a sabedoria e o medo. O idoso acreditava que suas

noites não eram o momento certo de pedir. Se seu desejo fosse atendido à noite, seria velho para sempre, ou enquanto vivesse, o que não duraria por muito tempo. Evitava falar de quem era ou do que era. Melhor tentar de novo no próximo dia, ou no próximo, no próximo, próximo, p...

### **III**

Parada cardiorrespiratória com ressuscitação forçada. Queriam exames para definir melhor suas condições. Não daria tempo, não daria tempo. A noite estava quase chegando ao fim. E se acordasse o bebê? O pequenino não teria como se defender e fariam com ele o que quisessem. Precisava sair daquele hospital. Ligou para a Mãe. Choveu forte, o rio encheu e o hospital ficou em polvorosa. Fugiu pelas águas. Chegou em casa tenso e molhado, o segredo ainda intacto, diferente da dignidade.

### **I**

Acordou uma criança pequena, incapaz de se defender ou de entender o mundo que o cercava. Havia comida, então comeu. Chorou até se cansar e dormiu em meio aos restos. Ao acordar, chorou outra vez até o tédio tomar conta. Se arrastou para fora da cama e caiu de bunda. Novos choramingos para logo perceber que as lágrimas eram inúteis. Toca a explorar a casa. Era bem protegida e à prova de crianças pequenas. Sem objetos cortantes ou afiados, sem toalhas de mesa para puxar, sem tomadas nas quais enfiar o dedo ou garrafas de água sanitária para matar a sede. Sem nada para arriscar a vida ou apostar a sorte. Sem um mísero fio de roca para dormir mil anos e com cercados que fariam inveja ao guardião de uma torre com uma princesa dentro. A não ser que ele corresse e batesse com a cabeça na parede. Ele não queria, mas era uma criança pequena. E crianças pequenas fazem besteira, portanto o menininho correu e escorregou sem querer, com força. Mas eram onze horas e cinquenta e nove minutos e cinquenta e nove segundos.

## II

O adulto acordou com uma leve dor de cabeça. Urué se perguntou de onde tirava ideias tão estúpidas, como conseguia ser tão infantil em alguns momentos. Não importava. Já tinha se decidido. Sua situação não podia continuar. Quase havia morrido duas vezes. Era novo demais — e velho demais — para isso. Pediria ajuda, imploraria se preciso fosse. Sua Mãe não poderia ajudá-lo, mas alguém no mundo de fora conseguiria. Não dava mais. Era preciso mudar. Para sempre.

## II

Uma tal moça recusou seus avanços, mas o levou ao culto. Ele aceitou Yeshua, aceitou Yaveh, aceitou novos caminhos.

## III

Aceitou a religião errada! Aquela não servia e o corpo decrépito dava provas! Chorou, chorou, chorou. Seu tormento não teria fim? Dormiu.

## I

Dormiu o tempo inteiro. O sono dos pequenos pode durar até dezoito horas seguidas. O dos adultos, umas oito ou mais. O dos velhinhos, um sopro. Mas crianças não sentem dores ou tormentos. E dormir era bom.

## I

Era uma vez um pivete que roubou uma igreja. Ele e seus amigos fizeram uma terrível bagunça, aprontaram de verdade. Uma das jovens freiras que estavam ali naquele dia o segurou pelas mãos. Ele pediu perdão e ela o abençoou com a água. E tinha um terço nas mãos.

## II

Era uma vez um meio novo dia.  
Será que aquele certo daria?  
No anterior, faltara o terço virar cordão.  
Quanta exigência para virar cristão!  
Quanto detalhe para se livrar da maldição.  
Quanta correria para deixar de ser...

### III

[Era uma vez] um ancião. A noite era seu lar, sua vida e seu caminho. Seu destino era ser sempre a terceira pessoa do plural, a mais frágil de todas, talvez a mais forte, a depender da ocasião. Seu fado era saber que nada mudaria. Seu fardo era aceitar. Não que a aceitação fosse fácil, mas era a única coisa a ser feita.

### I e II e I e II e III e I...

Era um, era dois, era três. Era uma vez e seriam muitas outras.



BRUNO LEANDRO é bacharel e licenciado em Letras/Inglês pela UERJ, escreve ficção especulativa, especialmente fantasia, e já teve contos publicados nas antologias *Tomos Fantásticos* (9Bravos), *Espada e Feitiçaria 2* (Buriti) e no primeiro volume do *Mitografias - Mitos Modernos*. Possui alguns romances, contos e novelas em produção. Alguns de seus textos antigos podem ser encontrados no Wattpad ou em seu blog.

- [twitter.com/brunoleandro](https://twitter.com/brunoleandro)
- [instagram.com/brunoleandro](https://www.instagram.com/brunoleandro)
- [wattpad.com/user/BrunnoLeandro](https://www.wattpad.com/user/BrunnoLeandro)
- [blogdobrunoleandro.blogspot.com.br](http://blogdobrunoleandro.blogspot.com.br)

# O RIO AO CONTRÁRIO

RAFAEL PRIVIERO D'ABRUZZO

**O** RIO FLUÍA DA FOZ para a nascente. O céu estava nublado, não havia animais em volta e a vegetação rareava ao longo do curso de água. O fluxo subindo a montanha até a nascente era desagradável, *antinatural*. Era a melhor forma para definir aquilo, pensou o adivinho ao acordar mais uma vez banhado em suor. O pior de tudo era a ausência de sentido naquele sonho, mesmo para um homem versado nas artes.

— Duas vezes em duas noites. Isso é mau agouro.

Levantou-se, vendo a manhã desenhar as primeiras luzes no céu escuro. Em breve daria início aos atendimentos do dia: a esposa rica de um comandante, dois cristãos e outro cliente que pedira para não ter sua crença revelada. Tempos difíceis, disse.

Nem sempre fora assim; até algum tempo antes havia mais equilíbrio. Fazia pouco mais de

dez anos que as notícias da queda de Roma chegaram aos ouvidos da população de Constantinopla. Uma lástima, sem dúvida, embora aquele local já estivesse condenado desde a mudança do belo nome de Bizâncio para aquela atrocidade em homenagem a um homem qualquer. Agora a cidade revolia as dores de uma guerra silenciosa pela fé, a qual, aos poucos, tomava ruído, personificada na rixa entre Zenão e Leôncio.

Os pagãos conversavam com cuidado naqueles dias, não querendo chamar a atenção. Naquela semana, um cliente questionou o adivinho sobre sua opinião acerca daquela situação toda, e recebeu uma resposta enfática:

— Leôncio é nossa única esperança de manter a fé verdadeira de nossos antepassados. Se dependesse de Zenão, aquele bárbaro defensor de um deus falso, eu mesmo estaria agora muito longe daqui. Mas a perseguição atinge primeiro os tolos.

E o adivinho era bastante esperto.

Comeu seu mingau de aveia com o leite de cabra fornecido pelo último cliente, um homem de posses. Como a maioria naqueles anos, pagava em

serviço ou em produtos. O dinheiro estava contado e direcionado aos esforços de segurança. Para o adivinho, aquilo era só mais um ato de tirania.

Pouco depois uma mulher surgiu em sua porta. Não era a cliente esperada, sem dúvidas. A julgar pela ausência de dentes, a figura à sua frente não tinha possibilidade de pagar. O próprio adivinho já havia perdido alguns dos seus, mas ainda tinha capacidade de mastigar — isso quando tinha comida.

— Pois não, minha senhora?

— Você é o adivinho?

Era óbvio que ela esperava vê-lo vestido de forma mais... rústica, por assim dizer. Uma pele de lobo e um cajado, ou algo do tipo. As vestes plebeias comuns pareciam destoar do título.

— Posso ajudá-la?

Ela cuspiu em sua soleira, virando as costas. Gritou que gente como ele logo estaria fora de Constantinopla, para a glória de Deus. Não era a primeira vez que aquilo acontecia. Uma lâstima.

A sombra do cristianismo avançava a passos largos sobre a cidade, mas alguns ainda

mantinham sua fé, como ele próprio. Seus clientes eram praticantes de diversos cultos, inclusive alguns cristãos menos convictos. Ou mais amedrontados.

Poucas horas depois surgiu sua primeira cliente: uma mulher gorda, acompanhada de um escravo que parecia muito maltratado.

— Obrigada por me receber — disse ela, entrando sem pedir licença e sentando-se nas almofadas dispostas no chão. — Este sonho está me matando aos poucos!

— Então vamos direto ao ponto. Como é o sonho?

— Brutal! Um cavalo me pisoteia até eu morrer. E é uma morte terrível, quase consigo sentir a dor quando acordo! Horrroso, horrroso.

— Mais alguma coisa? Alguma pessoa?

— Não, só eu e o cavalo. Ele está dentro do meu quarto, o desgraçado. Sinto ele me pisoteando e desperto gritando.

O adivinho olhou dela para o escravo. Este desviou o olhar imediatamente. O adivinho já

suspeitava da motivação daquele sonho, mas apenas questionou:

— Qual a frequência do pesadelo?

— Dia sim, dia não. Faz duas semanas.

— Isso é o suficiente. Volte amanhã.

A mulher se despediu e deixou como adiantamento uma generosa porção de frutas frescas. O restante do pagamento viria amanhã, ela disse. Apenas os mais ricos tinham acesso a frutas de tão boa qualidade, ainda mais em abundância.

O dia transcorreu monótono. Os clientes cristãos não apareceram, possivelmente dissuadidos pelo pregador local, e o único outro caso foi o de um homem que sonhava com sua mulher traindo-o com seu irmão. A este, o adivinho afirmou ser apenas uma preocupação vã, que o sonho não tinha significados profundos, sendo apenas o produto da própria imaginação do homem, nervoso por ter passado muito tempo fora, cuidando do seu comércio. Ele não tinha certeza disso, mas tinha o seu próprio sonho para consultar, e ele era mais importante do que as inseguranças daquele cliente.

O adivinho arrumou a sala, bebeu um copo de água floral para acalmar os nervos e deitou-se, aguardando o sono arrebatá-lo.

Quando abriu os olhos, estava no mesmo campo aberto de sempre, com as crianças o observando.

\*\*\*

Alguns anos antes, quando o adivinho era ainda apenas um pastor, um sonho estranho o acometeu. Acordou num campo aberto, sem ninguém à vista. Era um lugar lindo, com relva baixa e algumas flores aqui e acolá. Começou a andar quando ouviu um barulho atrás de si. Quando virou, deparou-se com um menino (ou uma menina, impossível saber) vestindo uma pele de leão, com juba e cauda costuradas de forma grosseira.

— Quem é você?

O garoto soltou uma imitação de rugido para ele. Estaria tudo bem se, por um momento, seus olhos não tivessem se tornado os de um felino, os

dentes se alongado. O homem deu dois passos para trás e assumiu uma postura defensiva.

— Eu não esperava uma visita — disse outra criança vindo em sua direção. As feições eram andróginas e ela caminhava descalça, vestida apenas com uma túnica.

— Quem é você? — repetiu a pergunta, desta vez para a nova criança.

— Os homens me chamam de diversas coisas. Aquele ali também sou eu — disse ela, apontando para o menino vestido de leão.

— Onde estou?

— No meu jardim, oras. Onde mais estaria?

Um pequeno lamúrio surgiu à sua esquerda, e o homem voltou-se para aquela direção. Sua face tornou-se lívida e ele sentiu suas entranhas liquefazerem-se ante a visão. Havia uma figura disforme de criança, vestida com pedaços de peles de animais costuradas com linhas tortas. Os pés, mutilados, eram virados para direções opostas, e seu rosto era coberto de escamas e feridas, com pus escorrendo das órbitas vazias.

O adivinho virou-se para correr, mas a menina já estava à sua frente.

— Eu te assustei?

— O que é aquilo?

— *Aquele* sou eu. Nós, se você preferir.

— O que são vocês? Demônios? Espíritos malignos?

O menino vestido de leão rugiu, num tom de aparente divertimento. A menina foi quem respondeu:

— Somos o Sonho. Alguns homens nos chamavam de *Oniros*, mas isso não é mais tão comum.

O adivinho arregalou os olhos e o entendimento o arrebatou.

— Morfeu?

— É um dos nomes que já me deram.

— E aquele deve ser Fântaso — disse o adivinho apontando para o menino vestido de leão, andando de quatro.

Ela sorriu, concordando.

Um gemido de dor veio do *outro*.

— Fobetor? Claro, isso faz sentido! É o próprio pesadelo.

— Sim, sou eu também — disse, empolgada.  
— Somos apenas um, mas somos três.

A tradição estava errada, pensou o adivinho.

— Desculpe se te ofendi. Fobetor me assustou.

— Bom, é essa a ideia mesmo — riu a menina. — Mas Fobetor é só um nome que deram para explicar o Pesadelo. Chame-nos de Sonho, será mais fácil de agora em diante.

— De agora em diante?

— Claro. Agora que você aprendeu a vir aqui, poderá voltar quando quiser.

— Mas eu não aprendi!

O adivinho, então pastor, acordou depois daquele estranho sonho com a certeza de ter ingerido algum alimento estragado. Porém, nos dias seguintes, todas as vezes que dormia, via-se no mesmo campo aberto.

Após alguns dias de conversa com Sonho, o adivinho já aprendera a decifrar sonhos comuns e corriqueiros, em geral os seus próprios, do casal

dono do rebanho e de seus filhos. A lógica ele já conhecia, advinda dos gregos: a menina (a qual ele ainda teimava em chamar em sua mente de Morfeu) era a representação da forma humana nos sonhos, enquanto Fântaso era a representação de animais. Fobetor, como não poderia deixar de ser, era o responsável pelos pesadelos.

Sonho era um deus complexo, mas bastante amigável. E ingênuo, conforme entendeu o adivinho ao longo dos diálogos naqueles primeiros dias. Enxergou em Sonho uma utilidade mais imediata do que apenas a curiosidade pela interpretação dos sonhos.

— Diga-me, Sonho, você é mesmo filho da Noite?

— Sim. Tenho muitos irmãos, mas apenas dois ainda estão por aqui, depois de tanto tempo. Os outros retiraram-se para o outro plano.

Aquela resposta enigmática atiçou a curiosidade do adivinho, mas não era o momento para explorar aquilo. Resolveu ser prático.

— Quais irmãos ainda estão por aqui?

— Tenho um irmão um pouco maior, Sono.

— Hipnos?

— Esse era o nome que os gregos davam para ele.

— E o outro irmão?

— Ah, quase nunca nos vemos. Ela é meio reclusa.

Um calafrio percorreu a espinha do adivinho.

— Claro, Hipnos e Tânatos são gêmeos!

— Na verdade não. Morte é mais velha. E Tânatos é apenas um de seus muitos nomes. Você não aprendeu nada aqui?

— Desculpe, desculpe.

— Não precisa se desculpar, mortal. É tudo meio confuso mesmo para os homens. Vocês precisam nos entender a partir dos conceitos humanos e nem sempre isso dá certo, pois não temos a mesma natureza. De toda forma, minha irmã é muito ocupada, quase nunca tem um momento de folga.

— Imagino que seja um trabalho complicado o de vocês.

— O meu é mais simples. Se eu não puder trabalhar, as pessoas ficam sem sonhar. Mas

ninguém pode ficar sem morrer. E ela está sempre trabalhando; deve ser legal ter algumas almas para cuidar.

— Mas você não cuida já dos sonhos de todos?

— Sim, mas o trabalho dela é muito mais... solene, por assim dizer. Ela é sempre chamada para os Conselhos dos Grandes, enquanto eu fico aqui. Sono não se importa, mas eu queria poder participar. Às vezes acho que minha irmã não me respeita.

— Se você tivesse uma alma só pra você, acha que ela te respeitaria mais?

— Talvez. Já tivemos algumas discussões, brigamos diversas vezes. Faço as pessoas sonharem, mas quando ela se aproxima ninguém mais sonha, sequer tem pesadelos. A morte faz com que os humanos desistam de sonhar, quase sempre. Apenas se entregam.

O rosto do adivinho iluminou-se num sorriso.

— Tive uma ideia; quero a sua ajuda.

— Não posso te ajudar com nada lá fora, apenas aqui dentro.

— Eu sei, mas é isso mesmo que preciso. Não quero mais ser pastor, quero ajudar os outros com os sonhos deles.

— Quer ajudar os outros, é? Para mim, você quer que eu te fale o significado dos sonhos deles para você ficar rico, isso sim.

O adivinho ficou sem palavras. Não esperava aquela resposta, desmascarando-o de forma tão óbvia. Sonho continuou:

— Nada feito, mortal. Acha que é o primeiro a ter essa ideia?

— E se eu te oferecesse algo em troca?

— Não quero nada de você.

— Não? E se eu te oferecesse algo que somente sua irmã pode ter?

Os olhos da menina-Morfeu-Sonho se arregalaram.

— Você não poderia. Ela ficaria furiosa.

— Mas ela não precisa saber...

— Ela sabe de tudo e, quando não descobre sozinha, o Conselho conta.

— Mas aqui é o seu domínio, não? Só você tem poder aqui.

— Ela pode entrar onde quiser, tem acesso a tudo, faz parte do seu trabalho. Ela sempre fala que nós três não podemos brigar. “Devemos permanecer unidos, como sempre foi. Morte, Sono e Sonho.” Quando se é a mais prestigiada é fácil falar isso. Estou farto de ser tratado como criança... Seria uma boa chance de mostrar meu valor para ela, pensando bem. — Sonho pensou um pouco e sorriu. — Pois bem, mortal. Você oferece sua vida?

— Sim. Ela é sua para dispor como lhe aprouver.

— Aceito. Você só será levado por minha irmã com minha permissão.

O adivinho acordou em meio ao rebanho pela última vez e, na tarde do mesmo dia, mudou-se para a cidade, iniciando sua nova profissão pelos próximos anos.

\*\*\*

— Olá, adivinho. Dia cheio?

— Não, Sonho. Apenas um cliente, os outros estão todos com medo de perseguições.

— Perseguições sempre ocorreram. Inclusive, muitos sonham que são perseguidos; é sempre muito divertido. Quem era sua cliente?

— Ela sonha ser pisoteada por um cavalo em sua cama.

— Ah, sim! Tenho me divertido com ela! Seus escravos são muito devotos e pediram para Atena dar uma lição nela. Eu estava lhe devendo um favor; não pude negar.

Fobetor gemeu uma risada em algum canto, atrás de algum arbusto. Aquilo sempre trazia uma tremedeira ao adivinho, embora já estivesse quase acostumado à terrível figura do Pesadelo.

O adivinho olhou para a face da menina, com o garoto vestido de leão ao seu lado. Fobetor pegava frutinhas em uma árvore próxima ao riacho. A visão trouxe a pergunta aos seus lábios.

— Sonho, por que você tem me feito ver aquele rio quando durmo?

— Qual rio?

— O rio cuja água sai da foz e sobe até a nascente.

— Não fiz nada disso. Estranho, um rio correndo ao contrário...

— Mas não é você quem causa os sonhos?

— Sim, quase sempre. Às vezes o trabalho do meu irmão interfere no meu.

— Sono? Pensei que ele só colocava as pessoas para dormirem.

— Se você falar isso perto dele, vai ouvir um sermão. Ele é responsável por fazer as pessoas dormirem, claro, mas também é ele quem faz as pessoas sentirem-se cansadas e descansadas, é ele quem dá ânimo para os grandes feitos da humanidade. Além disso, também é responsável por fazer as pessoas adormecidas despertarem! Já imaginou se você dormisse e nunca mais acordasse?

O adivinho nunca tinha pensado naquilo daquela forma.

— Devo falar com ele então. Você pode me levar até lá?

— Claro. Pode ir agora.

No exato momento em que Sonho falou “agora”, uma porta materializou-se no meio do

campo. O adivinho abriu-a e imediatamente bocejou. Já estava dormindo, de toda forma, mas aquilo foi tão natural quanto se não estivesse. Cruzou o limiar da porta e fechou-a, deixando o campo para trás.

— Pois não, mortal?

Sono era um homem magro desnudo, envolto em lençóis finos e macios. As feições eram agradáveis, mas exibiam uma expressão de extremo cansaço. Seu olhar estava perdido no teto do quarto, branco como algodão. O adivinho sentiu as forças deixarem suas pernas, numa exaustão inebriante.

— Sono, é um privilégio conhecê-lo. Rogo sua ajuda: tenho um sonho específico e seu irmão não pôde me ajudar.

— Então os negócios de vocês não estão mais dando certo? — perguntou Sono, sem sequer olhar para o adivinho.

— Estão sim, o problema é apenas este sonho em particular. Não sabia que você me conhecia.

— Sonho me contou do pequeno acordo de vocês. Sinto lhe dizer que nem todos estão tão satisfeitos com isso.

— Mas o que fiz para provocar sua ira? Apenas converso com seu irmão para desempenhar melhor meu trabalho.

— Não sou irascível, mortal. Tampouco sou acometido de vaidades; minha natureza é muito mais objetiva do que a do meu irmão mais novo, suscetível a caprichos de humanos. Infelizmente, tanto contato assim com os pensamentos dos mortais fez Sonho se tornar um idealista infantil. Não à toa que tem sua forma atual.

O adivinho se calou. Sono tinha uma feição severa, apesar da beleza.

— Qual é este sonho que meu irmão não conseguiu desvendar?

— Vejo um rio correndo da foz para a nascente, com uma força impossível.

Sono dirigiu o olhar ao seu interlocutor pela primeira vez, trazendo um profundo estado de letargia ao adivinho.

— Não fui eu quem provocou este sonho, mortal. Talvez...

— Sua irmã?

— Deve ter sido, mas ela não fala conosco sem um motivo. Não sei se te atenderá.

O adivinho mal conseguiu disfarçar sua decepção. Havia um grande desejo de falar com Morte desde sua promessa com Sonho, anos antes, apesar do medo inerente ao pensamento de contemplá-la. Se tinha conseguido um bom trato com o caçula, mal podia imaginar o que conseguiria com a primogênita. Vida eterna, talvez? Um poder muito maior, sem dúvida.

O olhar de Sono havia se perdido mais uma vez e o adivinho deixou sua idealização de lado, optando por uma pergunta mais prática:

— Apenas vocês podem causar os sonhos? Ou mais alguém?

— Apenas nós. Sonho é o responsável e faz seu trabalho muito bem, mas eu e minha irmã também temos a capacidade, embora quase nunca a exerçamos. Quando um de nós se mete no trabalho do outro geramos um conflito

desnecessário, e desequilibramos forças muito além da compreensão de mortais gananciosos.

O adivinho entendeu a mensagem e sentiu um desconforto, perguntando-se se Morte estaria desgostosa com o acordo feito com Sonho. Sono meneou a cabeça em desaprovação e jogou uma de suas muitas almofadas na direção do adivinho, que a pegou no ar. Era uma almofada branca, sem detalhes.

— Tome, mortal, busque suas respostas.

O adivinho observou o objeto e estava a ponto de perguntar sua função quando sentiu a almofada perder todo o seu peso. O objeto, antes branco, era agora todo negro e parecia abarcar todo o vazio do universo.

— Entre — disse Sono.

O adivinho colocou a almofada acima da cabeça e deixou-a cair, atravessando para o outro lado, para dentro do vazio.

\*\*\*

Escuridão completa. O frio parecia não vir do ambiente em que o adivinho se encontrava, mas de dentro de si próprio.

Seus olhos foram se acostumando à falta de luz. Era um local deserto, exceto por um trono de pedra rústica, com uma figura sentada. O adivinho começou a andar em sua direção. Caminhou por muito tempo, sem chegar a lugar algum. A distância parecia não encurtar; o escuro continuava permeando tudo ao redor, mas agora ele via a figura com mais detalhes.

Era uma mulher velha, com cabelos ralos e o rosto marcado por inúmeras rugas. Tinha nariz e orelhas enormes, com longas unhas. Vestia uma túnica negra e segurava um simples pedaço de madeira, como uma bengala rústica. Era a Morte, mas também era a Velhice, pensou o adivinho.

Morte riu e falou:

— Você vai andar por toda a eternidade e nunca poderá chegar até aqui, adivinho. Ninguém pode se aproximar de mim sem minha permissão.

— Sabe quem sou eu?

— Conheço todas as pessoas, de todos os mundos, desde antes do nascimento. Algumas não vivem além do primeiro choro, outras eu busco antes mesmo de ver a luz do dia. Alguns vivem muito além do devido, por meio de pactos e maldições. Mas o que cada um faz cabe às Fiadeiras; sou apenas um instrumento.

— É uma honra conhecê-la, Morte.

— Você veio pelo sonho do rio.

— Sim; qual é o significado dele? Foi você quem o enviou a mim?

Morte levantou-se e o adivinho recuou alguns passos. Embora ainda estivesse longe daquela imponente figura, era compelido por algum senso de urgência dentro de si.

“Não deveria estar aqui, fui longe demais. E de pensar que queria negociar com Tânatos! Fui um tolo”, pensou.

— Mortal, você fez um trato com Sonho em troca de sua vida.

— Sim, mas...

— Isto não foi uma pergunta. Cale-se.

O adivinho sentiu o restante de suas forças sumirem e desabou no chão.

— Você prometeu algo que não é seu para dar, adivinho, como bem sabe. Apenas eu posso tirar a vida, independente de quaisquer tratos feitos com meu suscetível irmão. A decisão sequer é minha, muito menos de Sonho. É da própria natureza de Sonho ser sonhador, buscar mais do que pode ter. Você ludibriou um deus para satisfazer seus desejos mortais. Confessa?

O adivinho tentou clamar, mas sentiu sua voz sumir. Morte continuou:

— O pacto de vocês me obrigou a intervir nos domínios de meus irmãos, e, por sua causa, Sonho agora terá que se retratar comigo perante o Conselho. Nossa família acumulará mais uma rachadura por culpa do egoísmo humano. Até quando, mortal, sua raça trará discórdia aos deuses?

O adivinho pediu por misericórdia, num fiapo de voz.

— Seu ato foi antinatural, assim com um rio cujas águas fluem de baixo para cima. Não era um

sonho, mortal, mas sim um presságio. Se você se dedicasse mais à arte da adivinhação e menos à enganação, saberia a diferença e talvez houvesse tempo hábil para clamar sua misericórdia.

O entendimento não aliviou o sofrimento do adivinho, mas devolveu sua fala. Gritou seu arrependimento, pediu perdão. Ofereceu sua vida para a primogênita, que recusou as súplicas e a oferta.

— Seu destino já foi decidido pelas Fiandeiras e corroborado pelo Conselho. Cabe a mim cumprir a decisão e restaurar a ordem da natureza.

Ela aproximou-se, inexorável. A distância, antes enorme, se desfez num piscar de olhos. O adivinho tentou desviar o olhar, mas Morte apareceu à sua frente com órbitas negras, tragando-o para dentro de si. No fundo daquela escuridão o adivinho viu seu fatídico rio, agora descendo da nascente para a foz de forma natural, e nele mergulhou.



RAFAEL PRIVIERO D'ABRUZZO é escritor, advogado e leitor de diversos estilos literários. Tem alguns contos espalhados pela internet e no Medium, além de ter sido publicado na 20ª edição da *Revista Aversa*, na 8ª edição da *Revista Inversos* e na 1ª edição da *Fáisca da Revista Mafagafo*. Escreve há mais de quinze anos, mas apenas em 2018 começou a publicar seus textos. Em setembro/2019, lançou seu primeiro romance, *Trauma*, disponível em e-book na Amazon.

- [medium.com/@rafaeldabruzzo](https://medium.com/@rafaeldabruzzo)
- [twitter.com/rafaeldabruzzo](https://twitter.com/rafaeldabruzzo)
- [facebook.com/rafaeldabruzzo](https://facebook.com/rafaeldabruzzo)
- [instagram.com/rafaeldabruzzo/](https://instagram.com/rafaeldabruzzo/)

# TRIÂNGULO DAS ÁGUAS

SIMONE SAUERESSIG

**I**GAÇABA DA VÁRZEA BRANCA: um tramado simples de ruas poucas. Só a principal, a pomposa Avenida 9 de Abril, tinha algum calçamento. Paralelepípedo. Não tinha edifício, elevador, nem buzina, mas o sino tocava todos os dias às seis da manhã e às ave-marias, e isso era o que o povo precisava. Gente sem pressa, nem agenda.

O tempo, em Igaçaba da Várzea Branca, era um fiapo manso que nem o ribeirão que corria ali do lado, o Puí Mirim, afluente do afluente do igarapé de algum braço sem importância da margem direita do distante Amazonas. A despeito do nome, “puí”, que na língua dos antigos diziam ser “rápido, vivo”, tudo nele era calma e mansidão, salvo quando chovia em algum lugar mais a nordeste, quando, então, o riozinho se encorpava, mostrando na superfície a força da correnteza das profundezas e a pesca local ficava

ruim, e os homens sentavam-se à soleira das portas para terminar algum entalhe para a casa.

Eletricidade, tinha, mas o pessoal não consumia muito. TV tinham o padre, o bar do Peixoto, a escolinha da dona Raquel e umas quantas casas. De resto, a modernidade se aproximava mas não fazia rancho. Sinal de celular era coisa rara naqueles ermos. Falta dele só sentia seu Bernabé, capataz da estância da Várzea Branca, mas a propriedade de um graúdo de São Paulo ficava a uns quinze quilômetros do centrinho e o que passava por lá demorava uma tarde inteira pra chegar por cá. As moças se reuniam para ver a novela das sete na casa de Sumariana, depois iam todas pra casa, ver marido e filhos — as que os tinham, — e pedir a benção pro pai e pra mãe — as solteiras. No domingo à tarde, os rapagões iam até as mesas do Peixoto para tomar uma cerveja e ver o jogo de futebol que passava na emissora que pegava. Quando vinha a brisa fresca sobre as ramas da mata próxima, eles se dispersavam, cada qual pro seu aconchego. Os velhos tomavam pinga e jogavam carta até escura a noite.

Era uma boa vida.

Foi lá que Filipa e Renato nasceram e cresceram. Foram pra escola. Fizeram primeira comunhão. Em uma festa de São João, ele pediu pra namorar com ela. A moça aceitou, alegre como nunca. Ele pegou na sua mão, o coração num galope só.

E por muito tempo foi assim.

Filipa e Renato foram crescendo; de adolescentes, viraram jovens.

Ela era uma daquelas formosuras do interior que não faz falta descrever. As mãos eram hábeis e longas, fortes, mãos de quem lava roupa todos os dias no remanso do rio. Os olhos grandes, cheios de vida. Cheirava a flor, sempre. Filipa era linda, era o desejo e a ambição dos moços. Renato, diziam, era um felizardo.

E o Renato era um dos melhores pescadores de Igaçaba, que o digam os peixes que nadavam nas profundezas do Puí. O bisavô tinha sido escravo alforriado, ou fugido, um rei, vindo do outro lado daquele tal de “mar” que só dois ou três por ali já tinham visto. O que fosse: naquelas lonjuras não

fazia a menor diferença. Renato tinha porte, tinha força, tinha uma mirada calma e doce. A voz era um ronrom: não se tinha notícias de ter ouvido Renato gritar com alguém, uma vez sequer na vida. A gentileza em pessoa. A risada era forte, cheia, os dentes da cor da espuma da Lage, um pouco mata adentro. A Filipa, suspiravam as moças, era uma felizarda.

A Lage era a cachoeira do Puí Mirim. Dava para vê-la desde a praça, um corte reto e branco que fendia a mata e sumia, de novo, nas ramagens. Era por causa dela que os antigos tinham dado esse nome pro rio. Ele vinha lá de dentro da sombra verde, serpenteando, ajuntando folha, flor, galho e, quando chegava ali assim, se jogava no espaço para se abrir num leque branco sobre uma pedra achatada lá embaixo, num véu alvo que se derramava em uma bacia funda, de onde o rio continuava a correr manso e quieto, como se não tivesse acontecido nada. Uma trilha levava desde a base até o alto do penhasco, uns quarenta metros de subida em zigue-zague fechado. A gurizada ia lá de vez em quando, para espiar o horizonte e sonhar

com o dia em que trocariam o sossego de Igaçaba pela vida cheia das cidades maiores. Também, às vezes, algum desinfeliz caía de lá. Mas já fazia tempo desde que o último desses tinha encontrado seu destino desse jeito.

Pois Filipa e Renato noivaram. Insistência dele.

O tempo passou. Passou e passou.

Filipa e Renato casaram. Insistência dela.

Entrou mês, passou mês. A luz nos olhos de Filipa sumiu. Depois o sorriso foi morrendo. O rosto ficou sério, a fronte marcada por uma sombra que era preocupação, que era tristeza, que era incompreensão.

“Mas o que há de errado comigo, meu Deus do céu?”, ela pensava quando acordava, ela murmurava enquanto cozinhava para o marido, ela perguntava para as águas que lavavam a roupa dos dois.

Dia após dia, Renato se encolheu. O riso fácil, a voz rouca, calaram. O olhar embaçou. Sobrou só a força do braço na pesca. Todo o dia, fizesse chuva ou fizesse sol, lá ia ele, na labuta, muito, muito cedo, para voltar para casa muito, muito tarde.

Sempre cansado pra conversar, cansado prum chamego, cansado demais. Quando deitava, adormecia em seguida.

Se alguém lhe perguntava — sempre com um sorriso malicioso — como ia a vida de casado, ele desviava o olho, dava de ombros, resmungava algo que, dependendo de quem tinha perguntado, ouvia a resposta que queria: “tá bom”, “humhum”, “pois é”.

A sogra de Renato não entendia, mas também não se metia: não faltava nada à filha, nada. Se ela pensava em vestido novo, ele ia lá e comprava. Se ela murmurava de toalha manchada, ele ia lá e trocava por outra mais vistosa. Se ela tentava dizer algo à mãe, a velha balançava a cabeça: “Ele é tímido”, dizia. E às vezes, aborrecida, retrucava: “Te falta algo? Não, não é, Filipa? Vai achar marido que trabalha desse jeito, onde? Não tem, minha filha, não tem”.

Filipa calava, cada vez mais ensimesmada.

O sogro de Filipa mascava o palheiro apagado e olhava pro filho. “Quando vêm os meninos?”, queria saber. Era velho e tinha medo de morrer sem

neto. Renato apertava os lábios, engolia o que tinha entalado na garganta e dava de ombros. “Quando Deus quiser, meu pai”, respondia num fiapo de voz. “Mas vocês se dão bem, Tato? Ela te trata bem?”, o homem duvidava. O filho o acalmava: “Claro, meu pai, a Filipa é a melhor das mulheres”.

E de todas as mentiras que contava para si e para o mundo, essa era a única verdade da qual ele nunca, jamais, jamais duvidou. Daria a alma por Filipa. Ela era tudo o que ele sempre pensara que seria: amiga, compreensiva, carinhosa, boa ouvinte, compreensiva de novo, habilidosa com as coisas da casa e discreta como nenhuma outra. E compreensiva, muito compreensiva. Ele daria tudo por ela, tudo.

Menos o corpo, porque o corpo não se dava, simplesmente. Quando ele pensava nela, linda, na noite de núpcias, a camisola curtinha cheia de renda e bordado, o tecido delicado, os cabelos cheirosos, tinha vontade de chorar. E quando ficava sozinho no meio do igarapé, chorava mesmo, chorava de soluçar, como tinha podido fazer uma coisa dessas com uma mulher tão bonita, tão boa,

uma mulher para quem só desejava o melhor? Ele não entendia o porquê, se era castigo, se era feitiço. Uma vez até procurou uma bruxa velha que morava a umas duas cidades rio abaixo, e a mulher desdentada correria com ele da sua soleira como se fosse um cão sarnento, porque ele só tinha olhos para o filho dela, que andava por ali, a fazer uma rede nova, e os dois tinham passado horas conversando quando um devia estar trabalhando e o outro devia estar procurando uma mulher qualquer que fosse, de tanto chá e mezinha que a bruxa lhe dera pra tomar.

“O que tem de errado comigo, meu Deus do céu?”, ele pensava antes de adormecer, os olhos baços de cansaço e tristeza. E resmungava o mesmo quando puxava a canoa para a água e gritava o mesmo para o rio debaixo dele, quando o mundo era ele e a mata.

Mas ninguém respondia.

Vai ver que para a pergunta deles dois não tinha resposta.

Em todo o caso, Renato foi definhando. E Filipa quase que desapareceu debaixo de uns

cabelos rebeldes que cheiravam a mato, com um olhar cada dia mais tresloucado.

As pessoas murmuravam. Elas sempre murmuram. E o murmúrio se entrançava na brisa da mata e já tinha um som de riso maledicente, que se esfumava se um dos dois aparecesse. Até na missa do sábado tinha gente que olhava o casal com cara de quem sabe o que não sabe e nem nunca saberá.

Então chegou São João.

Naqueles cafundós onde a cidade grande não chega, São João não era aquela festança estranha de gente se fantasiando de alguma coisa. As pessoas se arrumavam com o que tinham de melhor no guarda-roupas. Se organizava uma festança na praça diante da igreja, que a de Igaçaba era dedicada ao santo, com bandeirola e lanterna, tudo colorido. O padre rezava uma missa festiva e depois a banda tocava, e as pessoas dançavam, e o Clube de Mães punha banquinha de pé-de-moleque e cocada vinda lá de longe, pra fazer dinheiro pra pintar as janelas da igreja, ou mudar o tapete, essas coisas. Uma vez, até conseguiram trocar a

cruz do alto da torre, que andava desvalida depois que um relâmpago a acertara. Os pais e avôs tinham a banca do peixe frito, Dona Sumariana fazia pipoca doce só pra rivalizar com a pipoca salgada de Dona Rute, a titular da escolinha, que as duas não se davam desde que Dona Rute viera de mala e cuia, lá do Sul, para assumir a taperinha feita de sala de aula — e que hoje, graças às pipocas de São João e do trabalho incansável da mulher, tinha telhado novo, luz elétrica, carteiras decentes e até uma pequena biblioteca. Do lado de lá, Anastácia Pecã e seu Bernabé assumiam a cachaça e a Coca-Cola. A cerveja ficava com um preço meio alto, mas o refresco à base de ingá era liberado pra todos.

A festa sempre era boa. Sempre.

Naquele ano, contudo, tinha um véu cinzento naquela alegria: era a mesa onde sentava Renato e Filipa. Ele já tinha tomado umas que outras, estava com o olho avermelhado, olhando o salão como se não visse nada. Ela estava do lado dele muda, olhando a alegria que sempre fora a dela, como se fosse, agora, uma coisa desconhecida. A mãe dela e

o pai dele acompanhavam, conversando com um aqui e outra ali, puro trato social, que as aparências se mantêm a ferro e fogo.

Foi aí que ele apareceu.

Como direi? Bonito. Leve. Solto. Tênis branco, novíssimo. Calça jeans branca, apertado na justeza certa, camiseta com os dizeres “sou, mas quem não é?”. Ou seria “teus olhos são o espelho da minha alma”. Algo assim. Não houve consenso sobre isso no dia seguinte, quando se falou daquilo tudo. Mas todos os homens concordaram: João da Silva era de uma simpatia tremenda, grande figura, e era bom mantê-lo apartado das moças, pra tranquilidade geral das famílias. Já as mulheres, num inusitado, afirmaram unânimes: João da Silva era... (um suspiro) (um ai, ai) (um Jesus-me-abana). Quando ele segurava a borda clara do chapéu branco, elegante, e sorria por debaixo da sombra que se formava, o coração delas disparava e dava uma coceira por todo o corpo. Até Dona Rute e Dona Sumariana concordaram uma com a outra: João da Silva era... (um revirar de zóinho e um riso moleque que explicava tudo).

Ninguém sabia de onde ele tinha vindo. Da fazenda, diziam uns, porque era o mais lógico. Do céu, maliciavam as outras, porque eram as mais afetadas. O causo é que veio, cumprimentou o prefeito com respeito, pediu a benção do padre com cara de salafo, comprou pipoca doce e salgada, conversou com as senhoras do Clube de Mães, circulou pela festa toda rindo de bem com a vida. Chegou a tirar a Pecã para dançar um xaxado, mas não se sumiu com ela entre os pares, e foi dos mais corteses e educados dos que já tinham se atrevido a dançar com ela debaixo do olhar atento do seu Bernabé, famoso pela peixeira sempre escondida debaixo do balcão. Diziam que Bernabé era do Nordeste e que não dava trela pra ninguém, mas João da Silva foi sábio e não se passou com a cintura fluída da mulata em nenhum momento — mas também é verdade que numa hora dessas disse algo no ouvido da mulher e ela soltou uma daquelas gargalhadas melodiosas que eram o sonho da homarada que tinha o privilégio de ser atendida por ela nos finais de semana. Enfim, tudo era alegria, as crianças brincaram, a fogueira ardia no

meio da praça e os adultos se encantavam com a noite fresca e bonita do São João.

Claro que em algum momento ele tinha de terminar na mesa ao lado da de Filipa e Renato. E, por ser quem era, puxou a cadeira, sentou feito dono, mandou vir uma cerveja. Feito mágica, a Filipa endireitou o corpo. Torceu o nariz de despeito, mas era desfeita falsa, só para se dar ao respeito que não se importaria de perder. Afofou os cabelos. A mãe dela não gostou, nem do moço, nem do gesto da filha. O sogro cruzou os braços e fechou a cara.

Renato não quis, mas sorriu. A mão forte e bonita se apertou com firmeza com a do João. A voz sonora achou uma conversa: eram barcos e eram águas, eram igarapés e peixes dos grandes. Filipa se remexendo na cadeira, suspirando, olhando o baile com novos olhos. A cerveja veio, copos, brindes — o pai do moço mal esticou a mão, a mãe da moça declinou, não, muito obrigada. E dali um pouco, quando a Filipa já estava a ponto de gritar e bater as mãos na mesa e dizer “não tá me vendo, não?”, o Silva se vira pra ela e pergunta se ela quer

dançar. A boca linda se entreabre de susto e prazer, João se volta para Renato e diz, respeitoso, que convida, claro, se o marido não achar ruim.

Renato trincou os dentes, puxou o copo para junto da boca para que não lhe vissem o trejeito amargo. Que vai achar ruim, que nada. A moça quer dançar, ele é que não tem ganas. Claro que deixa. Renato, acima de tudo, quer a felicidade de Filipa. Acima de tudo, de todos, de si mesmo. Ela é o melhor de sua vida falida. Vai, dança se ela quiser, podem ficar até o fim da festa dançando xote e quadrilha.

Silva estendeu a mão. Filipa segurou os dedos longos e fortes do moço. Levantou, tão estabanada, que quase derrubou a mesa. E lá se foram os dois para junto dos pares, saracoteando ao som da música animada. A mãe da moça fungou, dedicou ao genro um olhar que só as matronas sabem fazer, gelado como a palavra “frouxo”. O pai do moço olhou para o céu escuro, estrelado que só vendo, apertando a boca com raiva e vergonha. Renato engoliu em seco o desaforo da sogra e o abandono do pai e mergulhou os olhos e a vontade

na cerveja que descia áspera e amarga como o choro.

As músicas se sucederam. Não deu um quarto de hora, a mãe da moça puxou o casaco sobre o ombro e disse que ia para casa. O pai do moço não disse nada. Depois que a velha tinha se ido, meio que ensaiou uma conversa, mas desistiu. Mudou-se para a barraca do bar. Renato ficou sozinho na mesa, ilhado como um desgraçado. Veio a quadrilha, os garotos escorregaram pelo pau de sebo, as meninas comeram doces e depois veio aquela hora em que a fogueira baixou bastante e a rapaziada se desafiou a pular as chamas e o calor das brasas. As crianças começam a manhar de sono, e as mães pegam os pequenos no colo para aproveitar o restinho da festa que estava se encaminhando para o fim. Os pais ficaram de olho nas filhas, que ficaram de olho nos namorados, que ficaram de olho nas damas sem dono, à espera, já pensando no depois. Tinha menino correndo com as últimas estrelinhas, os homens feitos se preparavam para queimar os últimos foguetes. De Renato, João Silva e Filipa, nem sombra.

A moça e o Silva tinham se escafedido no meio da terceira marca. Foi o filho do Jair que veio avisar o Renato, seguido de outros três moleques, todos eles doidos para ver o circo pegar fogo. “A Filipa saiu com o Silva”, disse o guri. “Pegaram o caminho do lajeado.” Renato suspirou. Sabia onde ia dar a trilha: em um remanso do Puí Mirim, onde as moças mais saídas se encontravam com os vaqueiros, de vez em quando, para se entregarem um para o outro sem que o povo visse muito. Supunha-se que Renato devia fazer algo. Levantar, tomar uma atitude; o ciúme e a posse lhe dariam razão para qualquer barbaridade.

Mas o esmagava um sentimento de inveja tão grande, tão gigante, que mal conseguiu levantar a cabeça. Tinha inveja do Bernabé, do guri que o fitava com as faces em fogo, do próprio pai, até do padre tinha inveja, porque diziam por aí que visitava Dona Sumariana na terça e Dona Rute na quinta-feira e que aí se ouvia bem mais do que o terço e a ave-maria. Mas acima de tudo e de todos tinha inveja de Silva. Ah, que inveja tinha, que inveja!

Levantou-se, trôpego, e se esgueirou para os fundos da festa, para longe dos olhos dos meninos, que desistiram dele, quando viram que nem se enfureceu, nem virou a mesa. Foi devagarito dando a volta, até chegar do outro lado da praça, e ali, longe dos olhos dos demais, pegou a trilha do lajeado e foi indo e pensando sem nenhuma convicção: “vou ter de matar o desgraçado”. E depois pensava, “vou ter de bater na Filipa, ai, meu Deus do Céu, como é que eu vou fazer isso?” Para se convencer a si mesmo se dizia: “é o melhor para todo mundo”. E depois a ladainha começava, “vou matar, vou bater, é o melhor para todos”, e isso foi pensando até que chegou no lajeado e viu o que tinha de ver, a Filipa linda como nunca, rindo um riso que ele sabia que nunca seria seu, o João sendo o que ele, Renato, nunca seria, os dois felizes num baile feito córrego sinuoso, feito temporal, feito ribeirão de arreentar as margens do caudal e se espriar pelas terras férteis dos arredores. E entendeu que a inveja que sentia não era do pai, nem do padre, nem dos guris que se fariam homens, nem dos homens que faziam guris, a

inveja que sentia era de Filipa que se abria feito fruta madura e macia para que o estranho plantasse nela as sementes de todas as manhãs. A Filipa e suas formas, a Filipa e seu sopro, a Filipa era tudo que ele sempre quisera ser.

Cambaleou e caiu. Na água, o casal se assustou. Ele levantou e correu, correu feito um touro, feito um caititu que não vê nada na sua frente e arrasta consigo folha, galho, tritura a floresta na sua passagem e corre, corre, arrebenta tudo. Renato não era caititu, era homem, correu sem ouvir o chamado da amiga à suas costas, com voz de aflição, e continuou correndo quando o caminho inclinou e subiu, e escalou pedras, tropeçou nelas, os soluços explodindo secos do peito largo e forte. Ele não queria Filipa para mulher, ele queria ser a Filipa, e esse saber era como beber fogo.

Parou de um upa, olhando à frente. Era o alto da cachoeira, era a queda da Lage. A água escura sumia e lá embaixo se abria em leque, feliz por virar vapor. Lá de cima se via tudo: o céu escuro, semeado de estrelas, a lua cheia, florescendo

redonda e bela sobre a massa escura da floresta, a casa dos bichos, beleza e morte andando lado a lado; se via o rio feito uma fita negra que se enchia de reflexos quando se aproximava da festa em Igaçaba, cada lampadinha emprestando uma estrelinha às águas e as águas serpenteando, emprestando mistério à festa, a cachoeira a seus pés, os pés junto ao abismo de onde subia o roncar do Puí sobre a Lage, o chamado de Filipa, a música do São João, e os risos. “Meu Deus, dá para ouvir o riso das gentes aqui de cima!” Renato soluçou. Era tanta beleza e era tão escuro, que ele pensou “se eu der um passo e cair, ninguém vai perceber que eu morri”. E depois riu, seco e sem alegria, e disse em voz alta:

— Nem eu.

Respirou. Ergueu o pé para o nada.

— Para, Renato.

Ele estremeceu. Aquela voz não era a dela. Se voltou: lá estava ele, calça branca e imaculada, torso nu, chapéu na cabeça morena. João da Silva. A água fluía em torno de seus tornozelos e trazia consigo um cheiro de enlouquecer. Renato sentiu

cada pelo do corpo se arrepiar. Mentiu para si de novo, que a mentira já estava entranhada no seu ser: “é o frio”. Mas não era.

— Vai fazer o quê? — perguntou João, a voz firme e forte, carregada de doçura.

— O que já devia ter feito, mas eu não sabia bem. Agora sei. Se eu ficar, a Filipa nunca vai poder ser feliz. Vai ter de me aturar pro resto da vida. Vai ter de se esconder, como hoje.

— E tu? Vai ser feliz quando?

Renato deu de ombros. Olhou o abismo. A queda o chamava — precisava se apressar. Os gritos de Filipa estavam mais próximos, e agora podia ouvir outras vozes junto dela.

— Quem sou eu para ser feliz? Nem homem pra minha mulher eu fui.

O Silva riu, um pouco cafajeste, que isso ele era. Ronronou:

— Melhor pra mim.

Renato olhou para ele, com raiva. Não ia admitir isso, desfeita, não! Mas o belo o encarava com outra coisa nos olhos. Amor.

— Cada dia que te ouvi perguntar pro igarapé o que tinha de errado contigo, tinha vontade de responder “nada, Renato, não tem nada de errado contigo!” E me perguntava se teu beijo é doce, se teu abraço é quente, se o teu querer é bom como eu acho que é.

Renato ficou parado, feito pedra no meio do rio. Não acreditava no que ouvia. Silva veio se aproximando, passo por passo, e, coisa estranha, sempre que ele pisava, a água se abria para fazer um lugarzinho amoroso para acolher o pé do homem. Parou a um palmo do moço.

— Eu não vim aqui pela festa, Renato. Não vim pelo São João. Vim para dar um alívio para a Filipa. E para te mostrar que amor é uma coisa só, que querer é uma coisa só, e que a gente só é feliz quando se é o que se é.

Renato tremia. As lágrimas corriam mansas. A mão de João tocou de leve seu ombro.

— Quer ir comigo pra minha rede, Renato? É feita de igarapé, perfumada de flor, macia como a água. É um lugar onde a gente pode ser quem é,

sem precisar se explicar pra ninguém. Só ser. Quer?

Foi o abraço do moço que respondeu. A boca estava ocupada com o beijo.

A criança da Filipa nasceu em março, bem quando as águas da estação faziam crescer o Puí Mirim. Dizem que naquela noite, depois que o parto tinha terminado, dois moços vieram desde a Lage, com a água do Puí na pele. Eles beijaram a mãe e fizeram festa pro neném. A nascida era menina, para desgosto do sogro enlutado e da avó temerosa — e para o alívio da mãe: é que filho de Boto, se for menino, segue o destino do pai, rio adentro. Nunca se viu a falsa viúva chorar a perda do marido, porque ela sabia que ele era feliz junto do pai da sua criança.

O tempo fia seu fiapo em Igaçaba da Várzea Branca, tranquilo. Cada um no seu caudal. Dizem que um dia a viúva casará com um moço bonito, vindo da cidade, mas ninguém tem pressa disso acontecer: nem ela, nem o visitante que vem bater à sua janela de noite em quando, nem o outro, que conta histórias para a menina que cresce linda

como só. Um trio que se ama, cada um do seu jeito, cada um no seu lugar. E é assim que cada um soma à do outro, a sua felicidade.

O amor não tem pé, nem cabelo, nem corpo, nem sexo. Não tem carteira de identidade. O amor é feito uma força que só é. E é bom que assim seja: imparável.

É água do rio na vazante e sol quente dourando o crepúsculo do igarapé.



SIMONE SAUERESSIG nasceu em Campo Bom (RS), em 1964. Estreou na Literatura em 1987. Tem vários títulos dentro do gênero do Fantástico como *A Noite da Grande Magia Branca* (2007), *A Estrela de Iemanjá* (2009), *A Máquina Fantabulástica* (1997), o livro de contos *Contos do Sul* (2012), bem como a saga *Os Sóis da América* (2013-2014). Participou de diferentes antologias, como *Duplo Fantasia Heroica 3* (2012), *Magos* (2017) e *Duendes* (2019). Foi selecionada para a *Mitografias II – Mitos de Origem*, em 2018, com o conto *As trevas do coração da tucumã*, que reconta o mito indígena de como surgiu a noite, inspirada em “Macunaíma” de Mário de Andrade. Recebeu o Troféu Odisseia 2018, prêmio outorgado pela organização da Odisseia de Literatura Fantástica em 2018, como reconhecimento ao seu trabalho.

# NATARAJA

LEONARDO TREMESCHIN

**A** PORTA DO ELEVADOR se abriu. Há muito tempo que Nata não voltava para aquele local. O andar, completamente vazio, não mudara em nada desde sua última vinda.

Caminhou pelo breve corredor e atravessou uma grande porta de vidro, perfeitamente limpa e transparente, cujo centro era preenchido com a imagem de um símbolo que lembrava um “3o” estilizado, acompanhado de uma lua crescente deitada, com um ponto logo acima da lua. O símbolo se dividiu ao meio assim que Nata movimentou uma das folhas da porta, entrando numa ampla sala cheia de baias vazias, que davam um ar triste e calmo ao lugar. Ele nem se importava com isso; sabia quem seria o único que encontraria ali.

Logo avistou Kesa de pé, frente à única baia com um computador. O outro acenou, sorrindo, ao ver a chegada de Nata. Era troca de turno, mas não

um turno qualquer. Nata, que quase não vinha, iria virar a noite nessa tarefa. Seria um trabalho importante.

— Que bom que você chegou — disse Kesa enquanto digitava, ainda de pé, alguns últimos comandos no computador, sem olhar diretamente para Nata, que se aproximava da mesa.

Nata se limitou a concordar. Se Kesa não o conhecesse há tempos, diria que estava estressado com algo. Não que fosse mentira; afinal, ele era conhecido pelo pavio curto. Dizem que um dia chegou até a destruir uma das cinco câmeras de vigilância do salão. Curiosamente gostava de seu trabalho, e diria que até estava ansioso pelo que estava por vir, mas Nata era assim.

— Bom, o sistema está todo pronto pra você, mas — hesitou um pouco — acha que precisa mesmo? De repente eu posso ainda ajustar os últimos bugs. Nem tem mais vírus... Crio mais um avatar e tento resolver, não custa nada.

— Você sabe que esse sistema já durou até demais. Está cada vez pior, e eu não vim aqui para

perder viagem. Eu vim para botar um fim nisso tudo! — Sem perceber, Nata aumentava o tom.

Kesa olhou apreensivo para Nata, que preferiu respirar fundo.

— Quis dizer que vim formatar o sistema — disse, já mais calmo —, até porque Sura vai vir amanhã cedo reprogramá-lo, não é?

— Ficou combinado que sim, e não duvido que ele esteja nos vendo agora. — Acenou com a cabeça em direção a uma das quatro câmeras restantes, no alto das paredes.

— Espero que venha.

— Sim — Kesa replicou, meio aéreo. Seu olhar estava focado na tatuagem de serpente que Nata carregava ao redor do pescoço. Aquele desenho, somado à já carrancuda feição do colega, o deixava ainda mais ameaçador. Kesa já havia visto a tatuagem, mas, como as visitas de Nata eram raras, nunca se acostumava com ela. O pequeno adorno em forma de concha que o outro usava como colar se perdia, de tão sutil, ante às formas do réptil.

— Você ainda tem algo pra fazer? — Nata notou o incômodo olhar fixo que Kesa tinha em sua tatuagem. — Tenho muito trabalho pela noite.

— O lugar é todo é teu, aproveite — disse Kesa, dando espaço para Nata e se afastando. — Até mais.

Kesa, mesmo que triste pelo reset que todo o sistema iria sofrer, ainda se mantinha de bom humor: era um otimista e acreditava que tal criação ficaria melhor a cada inicialização que fizessem. Nata apenas acenou com uma das mãos, sem nem olhar para ele, já concentrado na tela à sua frente.

— “Até mais” coisa nenhuma — resmungou, com Kesa distante demais para poder escutá-lo. — Você que se vire com Sura para manter a próxima versão.

Apesar de tudo, Nata tinha um certo orgulho do sistema. Era uma obra-prima, criação de Sura, Kesa e dele. Sura, o mais velho entre os três, fornecera todo o conteúdo, mas as instruções iniciais eram de Nata, e por isso ele era o único que saberia como deletar por completo e recriar os

scripts, enquanto Kesa organizava e fazia a manutenção, mantendo certa ordem.

No entanto, houvera outras vezes que Nata quis resetar o sistema, mas seus colegas não permitiram. Sozinho agora, e em completo silêncio, passou a lembrar desses momentos. Até admitia que, em certas ocasiões, fora um tanto quanto dramático — como da vez que tinha brigado com outro funcionário, Daksha. Como um empregado inferior poderia ter sido tão afrontoso? A resposta é que ele era filho de Sura, e, portanto, se achava demais. Nata sabia que tinha passado dos limites querendo destruir tudo o que os três criaram, mas não daria o braço a torcer. Para qualquer um que perguntasse, diria que foi Daksha quem começara essa discussão.

Porém, dessa vez era diferente: o sistema estava corrompido demais, o servidor cada vez mais superaquecido, e alguns dos arquivos que tinham vida útil definida estavam durando mais do que o previsto, o que aumentava o uso de memória e consumo de energia — sem contar os vírus. Uma obra tão bem planejada, tão bem estruturada, foi

aos poucos se deteriorando. Nata dizia que eram tais arquivos que ferravam tudo, mas nada podia fazer, ele não ficava na empresa; era função de Kesa cuidar de tudo.

Pensando nisso, resolveu dar uma olhada no que Kesa tinha feito esse tempo todo. Claro que nada era segredo, Sura e ele estavam sempre a par de tudo, mas agora tinha a chance de ver os históricos na íntegra. Não só por curiosidade; era necessário fazer a vistoria para levantar possíveis causas dos problemas atuais e evitá-los na próxima versão. Seu colega de trabalho interagira mais de perto com o sistema, e chegava a criar avatares para interferir diretamente. Nata encontrou dez perfis de administrador, sendo que, pela data de criação, o último parecia ainda não ter sido usado. Kesa era bem apegado ao sistema; a maioria de seus perfis fora feita para resolver bugs ou vírus. Era claro que, se não fosse essa dedicação, o projeto todo já teria ido por água abaixo muito tempo antes. A salvação, agora, era a reinicialização.

O primeiro avatar que Kesa usou fora logo no início, quando Sura estava compilando as últimas informações. Ele notara uma falha capaz de danificar boa parte do que estavam criando. A falha acabou inundando todo o sistema; mesmo que os atuais arquivos ainda não houvessem sido criados, proto-arquivos já populavam, e Kesa, utilizando seu avatar, pôde adentrar e salvá-los num driver de backup. Porém, essa mesma falha permitiu a entrada de um vírus que, novamente, se não fosse por Kesa, teria corrompido informações primordiais. Em outro momento, também no início, outro vírus atacara. A principal região do sistema estava em formação, imersa em um oceano de dados, e o vírus teria capturado toda essa área se Kesa não o tivesse deletado definitivamente.

Isso não cessou os ataques, no entanto. O sistema era bom, o trio se orgulhava dele, mas, por ser algo tão grandioso, tornava-se um alvo.

Havia indícios de que o vírus mais perigoso que enfrentaram fora enviado por um ex-funcionário. De qualquer maneira, esse vírus não atacara apenas uma vez, nem mesmo sozinho,

destruindo e capturando tudo por onde passava. Porém, era sempre derrotado por Kesa, usando um dos seus avatares mais recentes. Nata se surpreendia ao ver o trabalho que o colega teve. Não fora nada simples.

Kesa fazia seu trabalho magistralmente, protegendo o sistema de inúmeros ataques, mas Nata percebeu, lendo o histórico, que ele estava se apegando cada vez mais. Seus perfis estavam cada vez mais complexos e, ao mesmo tempo, mais parecidos com os arquivos .atma, dos quais fazia questão de proteger.

Kesa parecia não mais adentrar o sistema apenas para limpar algum vírus ou resolver bugs, e sim para aprimorar tais arquivos, o que deixava Nata desconfortável. Para ele, o combinado fora criar tais arquivos com uma inteligência artificial, para evoluírem por si mesmos, sendo que cada um carregava um tempo de vida útil que era reiniciado ciclicamente. Para Nata, as intervenções de Kesa eram desnecessárias.

Isso ficou claro quando chegou no maior script do sistema, com praticamente 90 mil linhas

de código. Ele relatava um enorme bug, no qual vários arquivos formaram dois grupos distintos, destruindo-se mutuamente. Não dava para dizer se o bug se resolveria sozinho ou não, mas Kesa usou um dos seus avatares mais recentes para aprimorar um dos arquivos. Claro que isso resolveu o bug, mas isso ainda incomodava Nata, que nunca tinha sido muito fã de tais inteligências artificiais, até porque duvidava do quão inteligente realmente podiam ser.

Lido todo o histórico, backups armazenados, tudo analisado e preparado, agora era dar o último comando que apagaria de vez toda a existência desse sistema e prepararia o caminho para um novo ciclo. Na tela, um campo para inserir a palavra-chave. Nata então digitou “Tandava” e, após teclar Enter, começou o fim. Nata olhava a tela e assistia satisfeito enquanto todos os dados e arquivos eram queimados e aniquilados de forma tão sincronizada como uma dança.

Logo após o suspiro final do último arquivo, a porta de vidro se abriu e um senhor de cabelos e barba grisalhos, claramente mais velho que Nata,

adentrou a sala com um semblante extremamente calmo.

— Bom dia, Nata. Obrigado por ter reiniciado o sistema. — A voz dele era tão serena e reconfortante quanto seu olhar. Falava de forma calma e firme, tanto que Nata até se sentia mais tranquilo, mas não sabia dizer se era pela presença de Sura ou pelo fato de ter terminado com êxito sua tarefa.

— Bom, nada dura pra sempre; já sabíamos que, cedo ou tarde, iríamos ter que fazer isso, não é mesmo? Vou indo, tenho uma esposa e filho me esperando. Te vejo daqui a quantos ciclos?

— Depende de o quanto conseguirmos manter o novo sistema.

— Ah, e claro! — disse Nata, após o primeiro passo para ir embora. — Os arquivos .atma estão salvos, mas, me diga, você vai usá-los novamente?

— Você nunca foi muito fã deles, não é?

— Não sei, só acho que eles que corrompem toda nossa criação. Essa esperança que temos, de que eles evoluam a cada processo... Fico em dúvida sobre quanto isso é possível.

— Surpreende-me que alguém que é responsável por queimar todo o sistema não gostar dos .atma, ainda que os considere tão destrutivos.

Nata acabou nem respondendo: no fundo não tinha argumentos, pois o que Sura disse fazia sentido.

— Até porque você pode não gostar tanto deles, mas muitos deles o adoram, você e Kesa. Muito mais até do que eu.

— Eu sei, mas do que adianta criar todo esse sistema, com tamanha riqueza, se esses arquivos irão se destruir? Por que os deixamos tão livres assim? E, ainda que Kesa tenha interferido inúmeras vezes para auxiliá-los, veja como ficaram no fim de tudo! Tenho certeza de que boa parte dos bugs que consertamos não foram erros no sistema, e sim causados por esses .atma. Este sistema sempre estará corrompido por causa deles, esteja livre de vírus ou não.

— Suas palavras estão corretas, Nata. Você quer um sistema com paz, eu quero, Kesa quer. E claro, até esses arquivos corrompidos querem. E sabe qual a melhor forma de se ter paz? Não existir.

— Sura respondeu sua própria questão sem dar tempo para Nata pensar. — O vazio e silêncio da inexistência trazem paz e tranquilidade, mas para quem, se ninguém desfrutará delas? Os .atma são apenas códigos, mas você sabe muito bem quão complexos são, a ponto de notarem a própria existência, e, ao mesmo tempo, limitados a isso.

— E sabem também de nós, Kesa trata-os de forma direta — cortou Nata. — O objetivo não era que evoluíssem por si mesmos?

— Claro, mas tais intervenções nem chegaram perto de desativar o framework Maiá, isso nunca ocorreria. Como disse, limitam-se a conhecer a própria existência; todo resto é uma ilusão. E uma ilusão, boa ou má, só existe se houver algo a cobrir, o que os impulsiona a evoluir, sendo corrompidos ou não no processo. Esse é o objetivo que eles mesmos se colocam, independentemente de nós, que apenas criamos, mantemos...

— E destruímos — Nata completou a frase de Sura, falando quase que para si mesmo, e compreendendo, pelo menos em parte, o que queria

dizer. — Enfim, de qualquer maneira, depois de três fases tudo tende a acabar.

— E mesmo assim nada impede um recomeço — replicou Sura, ainda tranquilo. — Boa noite, Nata, vá descansar.

Nata apenas acenou, saindo da sala enquanto Sura focava sua atenção no computador.

• • •

LEONARDO TREMESCHIN é mitógrafo nascido em São Paulo, no dia 29 de março de 1987. Sua paixão por mitologia, religião e história impulsionou a criar o Mitografias em 2009. Após anos lendo e refletindo sobre os diversos mitos, viu o momento de se aventurar pelos mares da literatura graças à *Antologia Mitografias Volume I - Mitos Modernos* e *Volume II - Mitos de Origem*, das quais participou como autor e organizador.

# IMPERATRIZ REVERSA

GUILHERME LOPES

“**B**ENÇA, PADRE.”  
A luz minguava no crepúsculo. Henrique teve a impressão de reconhecer o rosto do velho, mas não podia ter certeza por causa das sombras. Sorriu para ele, tocou sua testa com a palma leve, e o abençoou. O velho beijou sua mão e seguiu caminhada sem perder um compasso. Lembrava-se dele agora, da primeira fileira da missa — mas sem a mínima esperança de lembrar seu nome. “Os nomes vêm com o tempo,” dizia Padre Gustav.

Henrique se censurou por parar (já estava atrasado), e voltou a se equilibrar pela calçada. Quanto mais longe do centro da cidade, piores as calçadas; essa era esburacada e calombada por montes de cimento. A batina não ajudava, é claro. Nada o impedia de seguir pela rua, já que não havia nenhum movimento de carros, mas uma teimosia profunda o impedia de cruzar a sarjeta. *Entrai pela*

*porta estreita: porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que guia para a perdição, e muitos são os que entram por ela.*

Devia adaptar algumas parábolas para a catequese, pensou enquanto circundava uma árvore, plantada bem no meio do caminho. Suas raízes deformavam o concreto do calçamento à sua volta, erguendo-o em uma erupção lenta. Sentiu a barra da batina rasgar em alguma coisa, quase tropeçando quando passou para o outro lado. A rua permanecia deserta, mas ele sentiu um formigamento na nuca, como se fosse observado. Não se importava se fofocassem sobre ele: era a sina de um padre novo. *Que estreita é a porta, e que apertado o caminho, que guia para a vida! E que poucos são os que acertam com ele!*

“Deve-se andar pela calçada ruim, mesmo que a rua esteja vazia”, imaginou-se dizendo às crianças, “porque o servo do Senhor faz o certo, mesmo que seja difícil.”

Estava quase lá: devia ser a próxima ladeira. Número cento e onze, dizia a folha de caderno amassada que Padre Gustav lhe dera. Senhora

Primula. No verso do papel, uma oração de bênção ao lar. Esses pedidos eram incomuns, mas não surpreendentes. Mesmo aqui, pessoas mudavam para novas casas, e alguns católicos mais devotos faziam questão da presença de um padre para abençoá-las. O padre Gustav estivera muito ocupado, ultimamente, em organizar a quermesse. Tanto melhor: Henrique pensava na caminhada como uma agradável mudança da rotina no interior da igreja.

Não precisou subir muito a ladeira até chegar lá, e a casa atrairia sua atenção mesmo se não estivesse procurando por ela. Supunha que o estilo fosse de um chalé europeu. Era um triângulo de madeira, isósceles e comprido, com uma grande porta central e duas janelinhas semicerradas no andar de cima, como olhos sonolentos. Um jardim revoltado ladeava um caminho de pedras, que ia da breve escada do pórtico à calçada. O portão era alto, com lanças de ferro enferrujadas. A casa parecia abandonada, embora o número encravado na porta não deixasse dúvida: três uns.

Henrique bateu palmas, que soaram solitárias pelo jardim mal cuidado. A casa evidentemente não era nova, e tampouco parecia recém-ocupada. Suas vizinhas tinham muros altos com pedaços de vidro fincados no topo. Esses muros não davam só para a rua, mas também para a 111.

Estava ficando realmente escuro agora, as sombras das hastes do portão se esticando pela calçada aos seus pés. Bateu palmas de novo e, na última vez, as luzes amarelas dos postes piscaram para a vida. Algumas delas apagaram de novo.

O virar de uma chave arranhou o ar. A porta da casa rangeu alto, revelando a silhueta comprida de uma mulher. Henrique não podia discernir suas feições dali, mas sorriu e acenou para ela mesmo assim.

“Boa noite. Senhora Prímula?”

A mulher não respondeu enquanto descia os degraus da escada, bem devagar, como por medo de tropeçar. Uma senhora já idosa, concluiu Henrique, esperando para repetir a saudação quando chegasse mais perto. Mas, ao vencer a pequena

escada, ela se aprumou e andou rápido pelo caminho de pedras até o portão. Enquanto se aproximava, Henrique viu que se enganara: a mulher não parecia ter mais de quarenta anos, e sorria para ele com sinceridade, os olhos grandes refletindo as luzes da rua.

“Boa noite, padre”, disse ela, com uma voz muito rouca. Pigarreou, levando a mão à garganta. “Perdão.”

“Sou o padre Henrique. Desculpe a demora, senhora Prímula. Padre Gustav não pôde vir, mas manda lembranças.”

Prímula abriu o cadeado e o portão, fazendo um gesto largo para que entrasse.

“Senhora está no céu”, sorriu ela. “Pode me chamar só de Prímula.” Tinha uma voz grave, macia. Ela não parecia com alguém que pediria uma oração para abençoar sua casa, embora Henrique não soubesse precisar o porquê. Usava um longo vestido de linho, estampado com frutas vermelhas, e uma gola de renda elegante. Poderia ser uma camisola antiquada. E não trazia uma cruz

em lugar algum. *Não julgueis segundo a aparência, mas julgai segundo a reta justiça.*

“Obrigado, e com licença”, disse Henrique. Ele a seguiu até o pórtico, pensando que o jardim tinha grande potencial, caso fosse trabalhado (ou talvez *recuperado*; muitas das plantas mortas e a terra seca, mas arada, davam a impressão de que houvera um dia um pomar ali). Henrique quase esbarrou em Prímula quando ela se demorou novamente nos degraus, três deles galgados com cuidado como se os contasse, então pediu licença novamente antes de acompanhá-la para dentro da casa.

“Fique à vontade, padre”, disse Prímula, entrando primeiro. “Entre. Vou preparar alguma coisa.”

Era um corredor comprido, reto e bastante escuro depois de Henrique fechar a porta atrás de si: a iluminação era feita por velas, encarapitadas em armários e cômodas de ambos os lados, repletos de objetos de sombras indefinidas. A silhueta de Prímula se perdeu em alguma passagem à frente, e Henrique seguiu pelo corredor, pisando leve. A esse

ponto, começava a duvidar que aquela fosse uma visita normal a uma família devota.

Ele não era tão conservador quanto a maioria de seus colegas — alguns padres mais velhos teriam criado caso com o que Prímula vestia já no portão —, e, fosse o que fosse, pretendia que a visita fosse breve. Já tivera tantas conversas frustrantes, com pessoas tão diversas, de adolescentes ateus a neopentecostais fervorosos, que a perspectiva de mais uma essa noite o desencorajava. Orou por perdão; embora não tivesse a conversão como dom, deveria cultivá-la como missão.

Estranho: não notou ter passado por nenhuma porta que pudesse levar a outro cômodo, embora tivesse visto Prímula virar em algum lugar não tão distante da entrada. O corredor parecia, além disso, comprido demais considerando o tamanho da casa, de fora.

*E disse Deus: Haja luz; e houve luz.* Quando começou a imaginar que talvez estivesse fazendo uma curva sutil e andando em um círculo amplo, chegou à sala de estar. Ali a lâmpada estava acesa,

e, das duas pequenas janelas semicerradas, o amarelo dos postes da rua derramava-se para dentro. Como no corredor, todos os móveis estavam cobertos de maneira que mal houvesse qualquer superfície livre: mesas, cadeiras e prateleiras estavam abarrotadas. Henrique viu então, claramente pela primeira vez, os objetos que enchiam a casa, e teve uma surpresa intensamente positiva.

Eram imagens da Virgem Maria. Em pedrasabão e madeira e ferro e cerâmica e vidro e terracota. Ela desatava nós, aninhava cabeças, era atravessada por sete espadas, coroada por doze estrelas, envolta em um manto azul. A coleção era mais que vasta, tudo indicando que fosse uma continuação do corredor pelo qual Henrique passara. Ele se aproximou das imagens, sem conseguir deixar de tocá-las. Admirava uma estátua de Nossa Senhora da Conceição, que esmagava uma serpente aos seus pés, quando um farfalhar atrás de si o lembrou da presença de Prímula.

Quando se virou, ela sorria serenamente, trazendo uma bandeja com bule, xícaras e pratos com bolo.

“Não precisava”, disse Henrique, movendo-se para ajudá-la com a bandeja. Não havia, a seu ver, onde colocá-la.

Prímula indicou com a cabeça um banco baixo, quadrado, coberto por uma bonita toalha de mesa com desenhos de círculos unidos por cruces, perto de um altar com uma concentração maior de imagens. Henrique pôs os pratos, as xícaras e o bule, enquanto Prímula devolvia a bandeja à cozinha que ele ainda não sabia onde ficava. Quando voltou, com o vestido esvoaçando entre as figuras de Maria e aquele sorriso sutil e confiante no rosto, parecia conjurar algum tipo de aura. Henrique se repreendeu pelo pensamento, e orou pela segunda vez desde que adentrara a casa. Uma Ave Maria.

“Não se importa de sentar no chão, padre?”

“Na verdade, a benção não demora muito; em seguida, posso seguir caminho para você jantar em paz.”

Ela pareceu sinceramente desapontada.

“Gostaria muito que partilhasse do bolo. Fui eu quem fiz. E o padre gosta de chá, não é verdade?”

Era uma das numerosas fraquezas terrenas de Henrique.

“Admito que gosto.”

“É um oolong”, sorriu Prímula. “Bem fresco.”

Henrique hesitou por mais um momento. *Guie o rebanho de Deus que está entre vós, tendo cuidado dele.*

“Então aceito, e depois podemos rezar.”

“Perfeito. Então por favor, ignore a bagunça e sente-se.”

Henrique o fez, encolhendo-se para não esbarrar em nada. Do chão, usando o banco como uma mesa improvisada, a visão da sala era ainda mais impressionante, um reino de Virgens Marias os cercando como uma fortaleza de intercessoras, zelando por eles. As imagens pareciam mesmo estar todas voltadas em sua direção. Prímula colocou o chá, e o cheiro da erva era aconchegante. Não havia

razão para que Henrique não relaxasse e saciasse um pouco de sua curiosidade.

“É maravilhosa sua coleção de imagens da Santíssima. Nunca vi nada igual.”

“Obrigada”, disse Prímula. “Não posso tomar o crédito. Elas eram da minha companheira.”

Henrique não deixou a mão tremer enquanto bebericava o chá. Era outra situação em que um padre mais velho teria uma reação muito diferente. “Eram?”

“Catarina faleceu. Há alguns meses.”

“Sinto muito. Que ela descanse na paz de Deus.”

“*Deusabençoe*”, respondeu Prímula automaticamente. “Ela era pesquisadora, sabe. Teóloga.”

Henrique achou que isso começava a explicar algumas coisas.

“Ela era minha mentora, nessas questões espirituais”, continuou a mulher.

Henrique adotou sua postura de confidente enquanto apreciava o chá, que era rico e suave, um dos melhores que já tomara.

“E era muito devota também, como pode ver.”  
Prímula fez um movimento etéreo, que abarcava a casa. “Você sabia, padre, que os muçulmanos pensavam que Maria fazia parte da Santíssima Trindade?”

Henrique queimou a língua ao sorver chá demais. Demorou um momento para se recuperar.

“Não, não sabia.”

“Está em vários versos do Corão, quando se refere à trindade cristã. Falam como se fosse composta pela Mãe, pelo Pai e pelo Filho.”

“Um grave erro de interpretação.”

“Talvez nem tanto assim”, respondeu Prímula, “dependendo de onde eles tiraram a informação. Os cristãos primitivos davam grande importância a Maria. Já ouviu falar dos coliridianos, padre?”

“Uma heresia antiga. Acho que São Epifânio falou deles no *Panário*. Mas não me lembro em que acreditavam.”

“Eles idolatravam a Virgem Maria como uma deusa”, ela disse.

“Entendo”, respondeu Henrique. Tinha a impressão de que fazia algum tempo que Prímula não piscava. “Muito interessante. Então Catarina estudava heresias?”

“Alguns pesquisadores”, continuou Prímula, ignorando-o, “acham que Maria deixou Jerusalém depois da morte de Cristo e fundou sua própria seita longe dali. Uma comunidade de mulheres. Elas teriam florescido pelos séculos depois de sua morte. A influência da Igreja chegou aos coliridianos eventualmente, e eles foram absorvidos: em troca, os coliridianos teriam exigido uma ênfase maior na veneração da Virgem.”

A sala não parecia mais aconchegante para Henrique, mas apertada e caótica.

“Mais chá?”, perguntou Prímula, e foi como se um zumbido que Henrique não tivesse percebido silenciasse. O sorriso dela era agradável de novo, e o aroma do chá voltou a perfumar o ambiente quando ela o derramou em sua xícara. Estavam discutindo teologia, ele disse a si mesmo — nada mais.

“Obrigado”, respondeu Henrique. Seu pedaço de bolo ainda estava intocado. Ele pegou o garfo para prová-lo. Era um bolo formigueiro, como sua mãe fazia quando era garoto. Prímula falou antes que pudesse levá-lo à boca.

“Antes de comer, se importaria de dizer uma prece? Era o que eu e Catarina sempre fazíamos.”

“Mas é claro.”

“São só algumas palavras, se puder repetir comigo.”

Henrique sentiu um arrepio engraçado na nuca. Ele não havia notado, mas havia mais alguns objetos na mesa, além da comida e bebida. Eram retângulos com desenhos. Ele os reconheceu no instante seguinte, enquanto Prímula recitava suas palavras de prece. Eram cartas do tarô. Diziam “Imperatriz”, “Alta Sacerdotisa” e “Hierofante”. A Imperatriz estava disposta sobre as outras duas, cruzando-as horizontalmente.

“Poderia falar comigo, padre?”

“Perdão. Me distraí.”

*“Honramos a rainha dos céus”*, ela declarou, com uma voz que o surpreendeu: uma voz de projeção, como sua própria voz para a Santa Missa.

“A rainha dos céus?”

*“Honramos a rainha dos céus”*, repetiu Prímula, mais devagar.

Então Henrique se percebeu como se olhasse para si mesmo de algum outro lugar, ali sentado em uma mesa que era um altar, para o qual todas as imagens de Maria se viravam, partilhando de um bolo que era uma oferenda, prestes a repetir o mantra da celebrante, e os pelos de sua nuca se eriçaram novamente quando o olhar de seu outro eu o observou de algum canto escuro da sala-templo, e ele se levantou, derrubando o chá e o bolo, quebrando o pires e a xícara e o encanto.

“O que é isso?” Sua voz soou alarmada para ele mesmo, traída.

“Ora, padre”, disse Prímula, os olhos arregalados como hóstias, “do que está falando? É só uma coisa que eu fazia com Catarina. Como eu disse, ela era muito devota.”

“Eu vim aqui para abençoar seu lar segundo os preceitos da Santa Igreja. Nada mais, nada menos.”

“E eu o agradeço por isso.” Ela se levantou, majestosa. “Mas gostaria de pedir que recitasse algumas palavras para mim.”

Henrique podia quase sentir o volume do papel amassado que Padre Gustav lhe dera, dobrado dentro de sua bolsa a tiracolo. “O que você quer?”

“Eu quero que abençoe minha casa em nome da Mãe, do Pai e do Filho.”

“Isso é uma blasfêmia.”

“Então você se recusa?”

“Eu me recuso.”

Henrique não percebeu que estivera quase gritando até o véu do silêncio cair sobre eles. Pela janela, podia ver a rua escura lá embaixo, deserta, os postes formando ilhas de luz entre as trevas. Lá embaixo? Quando ele subira escadas para chegar até ali?

Então sentiu a presença de alguém no corredor. Uma silhueta larga estava parada ali,

severa, fitando-os como se ouvisse a conversa havia algum tempo. Prímula também pareceu notá-la ao mesmo tempo que Henrique. Era o padre Gustav.

“Gustav”, disse Prímula, reconhecimento e tristeza em sua voz. “Ela se foi. Catarina. A Trindade está desarmônica.”

“Outra Alta Sacerdotisa virá”, disse Gustav. Ele não tinha nada do padre bonachão e sorridente que Henrique conhecia. “Henrique, reze. Basta a última linha da oração.”

“Padre Gustav, essa mulher...”

“Eu sei quem ela é, e o que ela quer. Há mistérios além dos da Santa Sé.”

*Eis que já te purifiquei, mas não como a prata; testei-te na fornalha da aflição.*

Henrique teve certeza de que estava passando por um teste de fé, enquanto as mãos trêmulas pegavam e desdobravam o papel que Padre Gustav lhe dera. A última frase da bênção ao lar era simples, ambígua, e sagrada. Poderia ser dita para apaziguar Prímula — e também não seria uma blasfêmia para Henrique.

“Em nome da Santíssima Trindade”, disse Henrique, “amém.”

Primula suspirou um suspiro abissal, e todas as luzes esmaeceram antes de ganhar um novo brilho, ofuscando os padres, que levaram as mãos aos olhos. Ergueu-se um aroma como o de maçãs maduras e franquincenso. “Deusa abençoe”, disse ela, e sua voz ecoou como se estivessem em um anfiteatro.

“Henrique”, disse Gustav, ofegante, “venha. Vamos, meu filho. Rápido.”

Ele tomou a mão de Henrique, gentil mas firme, e o guiou de volta ao corredor.

“Não olhe para os lados. Continue em frente, todo o tempo. E cuidado com os degraus”, disse o padre mais velho, andando rápido. Henrique o acompanhava, um tanto tropeadamente. Quando seus olhos voltaram a se acostumar com a iluminação, percebeu que o corredor era muito mais amplo e muito mais claro do que se lembrava: o que pareciam cômodas desorganizadas eram altares e amplas mesas repletas de brilhantes objetos que sua visão periférica não podia discernir,

estátuas de mármore se perdendo no borrão de seus passos rápidos e nas reprimendas de Gustav para que não olhasse.

Então ele sentiu um passo falhar quando seu pé deslizou sobre o tecido rasgado da barra da batina, e caiu: seus braços tiveram tempo de aparar a queda, mas os cotovelos e joelhos bateram com força no chão de granito. Ele se sentou, procurando pelo apoio de padre Gustav, mas ele não se encontrava em lugar nenhum.

Estava no final do corredor. Logo à frente, uma escadaria em espiral descia até profundezas desconhecidas. À sua volta, quadros preenchiam as paredes: um deles, enorme, cobria toda a parede direita, mostrando uma corte da mais alta suntuosidade, dourada e vermelha e azul em um salão de catedral. Todos os olhos das figuras estavam voltados para a pessoa iluminada no centro, uma mulher com um manto imperial que erguia uma coroa, prestes a depositá-la sobre a cabeça de outra mulher, ajoelhada, com um manto idêntico. A mulher ajoelhada era Prímula. Estavam cercadas de nobres, rainhas, monjas e bispas.

Outro quadro era o retrato de uma papisa. Outro ainda, uma clareira na floresta, em que uma mulher banhada de luz ensinava apóstolas que escreviam e a exaltavam. Tudo parecia muito familiar.

“Henrique!”

A voz de Gustav veio subindo das escadas, distorcida pelo eco. Henrique levantou, apoiando-se nos adornos de um pilar. No chão antes da escada havia uma inscrição: *Theotókos*.

*E, entrando o anjo onde ela estava, disse: Salve, agraciada; o Senhor é contigo; bendita és tu entre as mulheres.*

“Conte os degraus”, vieram as palavras de Gustav, reverberando.

Henrique desceu o primeiro e a escada se contraiu e estendeu, deixando-o tonto. No segundo, sentiu como se estivesse descendo vertiginosamente uma ladeira, e suas pernas protestaram pelo esforço. O terceiro degrau desfez a escada, e ele se viu no pórtico de entrada daquela casa estranha e triangular, sendo aparado pelo padre Gustav, que o segurava pelo braço para que não caísse de novo.

Gustav o guiou pela trilha de pedra até o portão próximo, e Henrique pôde ver o jardim abundante, preenchido por pomares e árvores e o som das cigarras. O metal rangeu quando empurraram o portão para ganhar a calçada. O céu tinha o azul escuro da aurora próxima, e alguns pássaros se antecipavam ao dia.

“Padre Gustav”, pediu Henrique. Estava exausto de diversas formas.

“Você viu coisas que poderiam ser, Padre Henrique. Só isso.”

Enquanto desciam a ladeira para longe da casa, uma figura, surgindo repentina da escuridão, aproximou-se deles da direção contrária. Era uma mulher, jovem e de passos lentos, que lhes lançou um sorriso ambíguo enquanto passava.

“Bença, padre”, disse ela. Sua aparência comum, de jeans e camiseta, parecia exótica depois das visões. O tom de voz irônico não impediu Henrique de lhe dar a bênção mesmo assim, por impulso, em nome da Santíssima Trindade. E então ela se foi, subindo, na direção da casa.



GUILHERME LOPES tem 26 anos e é escritor e advogado. Seus contos publicados, que caminham entre a fantasia, o realismo mágico e a ficção científica, podem ser encontrados na Câmara Sinestésica, seu blog de literatura fantástica.

- [camarasinestesica.wordpress.com](http://camarasinestesica.wordpress.com)
- [twitter.com/acrimsoncircle](https://twitter.com/acrimsoncircle)

# MITO GRAFIAS

Este e-book em PDF foi composto com  
as fontes Bookman Old Style e Augustus para o  
site [mitografias.com.br](http://mitografias.com.br) em 2019.